

ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING – ESPM/SP
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO

Denise de Paiva Costa Tangerino

CONTESTAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CONSUMO:
a cena *straight edge* brasileira



São Paulo

2011

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Denise de Paiva Costa Tangerino

**CONTESTAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CONSUMO:
a cena *straight edge* brasileira**

Dissertação apresentada à ESPM como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo.

Orientador(a): Rosamaria Luiza (Rose) de Melo Rocha

São Paulo

2011

T169 Tangerino, Denise de Paiva Costa
 Contestação, comunicação e consumo : a cena *straight edge*
 brasileira. / Denise de Paiva Costa Tangerino. – São Paulo: ESPM, 2011.
 159 p. : il., color, tab.

Orientador: Profa. Rosamaria Luiza de Melo Rocha
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) –
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP, 2011.

1. Comunicação e consumo. 2. Juventude. 3. Straight edge. 4.
Identidade. 5. Políticidade. I. Título. II. Tangerino, Denise de Paiva
Costa. III. Rocha, Rosamaria Luiza de Melo. IV. Escola Superior de
Propaganda e Marketing.

CDU 659.3

Denise de Paiva Costa Tangerino

**CONTESTAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CONSUMO:
a cena *straight edge* brasileira**

Dissertação apresentada à ESPM como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo.

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Profa. Dra. Rosamaria Luiza (Rose) de Melo Rocha – Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

Membro:

Membro:

Dedico à minha avó Aparecida de Paiva Costa.

AGRADECIMENTOS

Registramos agradecimentos específicos àqueles que diretamente acompanharam e contribuíram para a conclusão e materialização deste sonho.

À Professora Rosamaria Luiza (Rose) de Melo Rocha. Por sua sensibilidade, paciência e dedicação durante a trajetória deste trabalho.

Aos meus pais, amor e confiança sempre. Meu profundo respeito e gratidão por tudo que aprendi com vocês. Ao meu irmão, amigo fiel e companheiro. Juntos vocês formam o meu melhor tesouro, família. E aos demais familiares que seguem junto conosco.

Aos amigos antigos e recentes que encheram minha vida de alegria e ânimo nos últimos dois anos. Às amigas dantinas e à Aline Binns, entre sonhos e projetos perduramos em nossa amizade. Em especial ao Leonardo Fial por seu silêncio afetuoso e Fernanda Budag por sua cumplicidade. À Rita Alves pelo incentivo, empréstimos e caminhos etnográficos. Seria injusto não enfatizar minha profunda gratidão à Rossana Orte e Jocileide Marques de Melo pela dedicação e por todas as lições apreendidas.

Aos meus queridos e admirados professores do Programa e à ESPM que me concedeu a bolsa de estudos. Aos funcionários que são essenciais à realização de nosso trabalho. Tonhão muito obrigada pelos sorrisos e piadas que me alegraram nessa jornada.

Por fim, à força que rege este universo, por nos ter permitido chegar até aqui.

“Desde os primórdios/ até hoje em dia/ o homem ainda faz/ o que o macaco fazia/ eu não trabalhava/ eu não sabia/ que o homem criava/ e também destruía.../ homem primata/ capitalismo selvagem (...)”.

(Homem Primata, Titãs, 1986)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar ações comunicacionais articuladas às práticas de consumo de um dos mais atuantes e duradouros movimentos juvenis da contemporaneidade, o chamado *straight edge*. Sua proposta ativista inclui tanto a crítica da mídia de massa e da “sociedade do consumo” de base capitalista, quanto, ao mesmo tempo, a construção de uma rede de consumo “paralela”, difundindo valores idiossincráticos. Assumindo uma postura anti-sistêmica, também constrói trajetórias próprias de consumo, tanto simbólicas quanto materiais. Nota-se, ainda, uma forte base comunicacional e tecnológica neste movimento, que articula com complexidade fluxos locais, regionais e globais. Através de uma ênfase multimetodológica – pesquisa documental, revisão bibliográfica, observação com viés etnográfico – a dissertação buscará identificar nos discursos e narrativas desses jovens as linhas de atuação e impactos do movimento em termos de tendências e/ou novas abordagens da crescente interação entre culturas midiáticas e culturas do consumo.

Palavras-chave: Comunicação e Consumo; Juventude; *Straight Edge*; Identidade; Politicidade.

ABSTRACT

The present thesis focuses on the analysis of communicational actions articulated to consumerist practices of one of the most lasting contemporary juvenile movements, the so-called *straight edge*. Its proposal includes both the criticism towards mass media and capitalist-rooted “consumer society”, spreading idiosyncratic values. Assuming an anti-systemic approach, it also builds its own paths of consumerism, both symbolic and material. It is also to be noted, yet, a strong communicational and technological basis of this movement, which complexly articulates local, regional and global flows. Through a multi-methodological emphasis – documental research, bibliographic revision, observation with ethnographic approach – the thesis aims to spot within the speeches and narratives of the youngsters the acting line and movement impacts in terms of tendencies and/or new approaches towards the upraising interaction among mediatic cultures and consumerist cultures.

Keywords: Communication and Consumption; Youth; *straight edge*; Identity; Politics.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Essa imagem foi feita em nossa primeira pesquisa etnográfica, durante o Festival Verdurada, em outubro de 2009 (Fotografia: Fernanda Budag)	24
Figura 2 - Imagem retirada do perfil do Orkut de um dos <i>straight edges</i> , agosto de 2009.....	25
Figura 3 World Naked Bike Ride de São Paulo. Evento no qual vários coletivos juvenis, inclusive os <i>straight edges</i> , participaram em conjunto.	33
Figura 4- Show do Point of no Return, na Verdurada, em 1999.	35
Figura 5 - Cartazes da Verdurada em meio a diversas outras interferências urbanas.	36
Figura 6 - Cartaz do filme <i>Rebel without a cause</i> , com James Dean.	40
Figura 7 - Pôster do single <i>God save the queen</i> (1977), da banda punk inglesa Sex Pistols, considerada precursora e uma das mais importantes referências para o movimento punk. O cartaz é criação do designer Jim Reid.	47
Figura 8 - Capa do <i>split-disc</i> , resultado da parceria das bandas Cólera e Ratos de Porão (1985), gravado no Teatro Lira Paulistana, local de referência do movimento punk na década de 1980.	53
Figura 9 - Capa do disco <i>Minor Disturbance</i> , da banda americana Teen Idles (1981).....	61
Figura 10 - Frase de camiseta utilizada pelos <i>straight edges</i>	62
Figura 11 - Fotografia da banda Bad Brains (anos 1980).....	63
Figura 12 - Em geral, os <i>vegan straight edges</i> têm muito orgulho de sua decisão e acabam explicitando abertamente suas opções.....	66
Figura 13 - Página do Facebook com a temática <i>Straight edge</i>	73
Figura 14 - Página da Verdurada no MySpace.....	74
Figura 15 - Verdurada, jan. 2007 (Fotografia: Mateus Mondini).....	75
Figura 16- Comunidade Straight Edge Brasil, no Orkut.	76
Figura 17 - Enquete sobre a legalização do aborto realizada na comunidade Straight Edge Girls	77
Figura 18 - Imagens das performances encontradas na Verdurada, 17/10/2009.....	83
Figura 19 - <i>Home page</i> da loja Vegan Pride, e disponibilização de produtos.....	94
Figura 20 - Loja Vegan Pride, localizada na Galeria do Rock.	95
Figura 21 - Bancas de venda de produtos encontradas nas Verduradas, out. de 2009 e ago. de 2010.	96
Figura 22 - <i>Home page</i> das lojas virtuais Cospe Fogo Gravações e Terrotten.	96
Figura 23 - Imagem da página do Flickr da ONG Verdurada.	105

Figura 24 - Fotos disponibilizadas no Flickr da ONG Verdurada da exposição de cartazes, que aconteceu no espaço Ay Carmela!, em São Paulo (24/05/2009).....	105
Figura 25 -Danceteria Inferno (Out/2009).....	106
Figura 26 - Ambiente interno e externo da Sorveteria Soroko.....	107
Figura 27 Cartazes do Festival Verdurada colados na Rua Augusta (Fotografia: Denise Tangerino).	108
Figura 28 Cartazes que retratam ações de enfrentamento.	111
Figura 29 - A representação dos negros nas peças gráficas	114
Figura 30 - Questões históricas são lembradas pelos <i>straight edges</i>	114
Figura 31 - Imagens que fazem referência direta ao construtivismo russo.	115
Figura 32 - O primeiro cartaz é uma alusão à banda Ratos de Porão, os demais retratam a cena sXe.	116
Figura 33 - Peças gráficas que retomam a ética fundamentada pelo respeito aos animais, demonstrada nas práticas alimentares dos <i>straight edges</i>	117
Figura 34 - O primeiro cartaz traz o corpo juvenil e ativo, enquanto os próximos ilustram a cultura Black.....	117
Figura 35 - Utilização de marcas emblemáticas do sistema capitalista: McDonald's e Burger King.	120
Figura 36 - Exemplos de cartazes que usam referências à cultura de massa: (esq. p/ dir.) Audrey Hepburn em <i>Bonequinha de Luxo</i> , <i>Planeta dos Macacos</i> , Charles Bronson, Darth Vader de <i>Jornada nas Estrelas</i> e Michael Jackson.....	120
Figura 37 - Cartazes da Verdurada.....	143

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. COMUNICAÇÃO, CONSUMO E JUVENTUDE NA CENA <i>STRAIGHT EDGE</i>	18
1.1 APONTAMENTOS TEÓRICOS: COMUNICAÇÃO, CONSUMO E JUVENTUDE	18
1.1.1 Consumo e Comunicação	18
1.1.2 Consumo e Cidadania	20
1.1.2.1 Cidadania: prerrogativas gerais	20
1.1.2.2 Cidadania: juventude e novas práticas culturais.....	22
1.1.3 Consumo e identidade	25
1.2 NORTEADORES CONCEITUAIS E MODOS DE PENSAR OS <i>STRAIGHT EDGES</i>	27
1.2.1 Cultura juvenil, juventude ou adolescência	27
1.2.2 Juventude: metodologia e epistemologia	30
1.2.3 Coletivos, agrupamentos e movimento	32
1.2.4 Juventude: expressividades, politicidade e política de visibilidade	34
2 – O MOVIMENTO <i>STRAIGHT EDGE</i> : NASCIMENTO E TRAJETÓRIAS DOS “PUNKS LIVRES DE DROGAS”	38
2.1 A CENA <i>STRAIGHT EDGE</i> : PRIMÓRDIOS E INFLUÊNCIAS DO MOVIMENTO	38
2.1.1 A trajetória do <i>rock</i> : o estilo musical como formatador de novas formas de experimentar a condição juvenil	38
2.1.2 <i>Do it yourself</i> : o movimento punk contra tudo e contra todos	45
2.1.3 Enquanto isso no Brasil: a explosão dos 1960 e 1970	49
2.1.4 Som e destruição na cena nacional: a chegada dos punks e a tomada das cidades	52
2.1.5 <i>Just Say No</i> : a política do <i>Drug’s War</i> influenciando os jovens americanos	57
2.1.5.1 <i>Just Say No</i> : a nova direita americana	58
2.2 O MOVIMENTO <i>STRAIGHT EDGE</i> : MARCOS HISTÓRICOS E IDEOLÓGICOS	59
2.2.1 O movimento <i>straight edge</i> : seu nascimento e a tomada da cena <i>hardcore</i> mundial	59
2.2.2 A formação de uma cena <i>straight edge</i> : fluxos urbanos e trajetórias de consumo ..	65
2.2.3 <i>Straight edges</i> : como tudo começou em terras brasileiras	67

2.3 DISSIDÊNCIA: DA POSTURA <i>STRAIGHT EDGES</i> À FILOSOFIA <i>HARDLINE</i> ..	68
3. CARTOGRAFIAS COGNITIVAS E PROCESSOS COMUNICACIONAIS: AS NARRATIVAS DOS <i>STRAIGHT EDGES</i> NAS COMUNIDADES VIRTUAIS.....	70
3.1 AFINAL, O QUE É SER UM SXE?	71
3.2 DÚVIDAS, DICAS E PRESCRIÇÕES PARA A VIDA <i>STRAIGHT EDGE</i>	78
3.3 PARA ALÉM DAS PAISAGENS SONORAS: PRÁTICAS ALIMENTARES NA CENA <i>STRAIGHT EDGE</i>	85
3.4 ELES E ELAS NAS RODAS DE POGO	89
3.5 <i>DRUGS FREE</i> : ANTICONSUMO, CONTROLE DO CORPO E LIBERDADE CONSCIENTE.....	92
3.6 PRÁTICAS DE CONSUMO ALTERNATIVO: FLUXOS E TRAJETÓRIAS PELO UNIVERSO VIRTUAL.....	93
4. CARTOGRAFIAS COGNITIVAS E PROCESSOS COMUNICACIONAIS: OS FLUXOS <i>STRAIGHT EDGES</i> PELA CIDADE DE SÃO PAULO	99
4.1 RUMO AO CENTRO: PISTAS E VESTÍGIOS DOS <i>STRAIGHT EDGES</i> PELA CIDADE	101
4.1.1 O centro de São Paulo e a rua Augusta: origem da urbanização	101
4.1.2 <i>Do It Yourself</i> : a Verdurada e seus canais de divulgação	103
4.1.3 <i>Do it yourself</i> : a cidade como mídia da cena <i>straight edge</i>	106
4.2 PAISAGENS AUDIOVISUAIS E CARTOGRAFIAS AFETIVAS	109
4.2.1 Violência e enfrentamento simbólico	111
4.2.2 Afirmção da identidade <i>straight edge</i>	116
4.2.3 Narrativas e “Sistemas expertos”	118
4.2.4 <i>Do it yourself</i> e o uso da tecnologia.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
BIBLIOGRAFIA	130
ANEXOS	137
ANEXO 1 – MODELO DE CONVITE DO FESTIVAL VERDURADA	138
ANEXO 2 – CARTAZES DA VERDURADA	143

INTRODUÇÃO

Think it's fun to get high and drunk/ Maybe even shoot up junk / It's not cool to be wasted/ Didn't you know?/ Cause that's all you'll be/ With nowhere to go/ We need a drug free youth!/ Drug free youth! / Drug free youth!/ Can't remember what you did last night/ Cause if you did you wouldn't feel right / Don't want to know what you may have said/ Made a fool of yourself/ In front of your friends/ You're just a burnout/ You've got nothing worth saying/ Nobody listens to your complaining/ Shape up man before it's too late/ Got one life to live do it straight.
 (“Drug Free Youth”, The Abuse, 1983)

Esta dissertação foi construída a partir do ensejo de estudar processos comunicacionais articulados às “práticas de consumo” de um dos mais atuantes e duradouros movimentos juvenis da contemporaneidade, o chamado *straight edge* (sXe), considerando-se sua base histórica e colocando em foco sua conformação contemporânea no caso brasileiro. A proposta ativista desses jovens procura construir uma nova ética baseada na crítica à “sociedade do consumo” de base capitalista e da mídia de massa, que decorrem em práticas idiossincráticas e paralelas, como o não consumo de drogas (lícitas e ilícitas) e o veganismo. Esses jovens assumem-se antissistêmicos, esquadrinhando formas alternativas de produção, circulação e ressignificação e, a partir desse tensionamento, constroem verdadeiros fluxos e trajetórias no espaço virtual, do espaço virtual para cidade e da cidade para o virtual.

Os primeiros relatos – mais conhecidos e disseminados – sobre a constituição do movimento *straight edge* localizam-nos como coletivos juvenis que se colocavam contra as práticas de consumo, uso excessivo de drogas, violência e sexo livre, e o ideal *No Future* dos jovens punks, no entanto, continuavam a partilhar o gosto pelo mesmo tipo de música e a frequentar a cena underground, sendo conhecidos como *punks livres de drogas*. A segunda questão fundamental – pouco difundida e não muito aceita entre os jovens do movimento – foi a interferência dos valores conservadores da “nova direita americana” que estava se constituindo na época, especialmente pela figura de Ronald Reagan, que tinha como proposta de política pública o combate direto ao uso de drogas. Com foco nos estudantes, principalmente com idade entre 14 e 18 anos, a campanha governamental propunha o autocontrole – manter-se sóbrio ou com “a mente limpa” – como forma “correta” de agir e que traria benefícios futuros. Assim, de maneira ambígua, os *straight edges* se apropriaram e ressignificaram tanto as propostas contraculturais dos punks, quanto os discursos moralistas e conservadores da “nova direita americana”. João Freire Filho e Taiane Linhares analisaram

que, na confluência do discurso desses jovens, há a configuração de uma busca por “liberdade” que pode ser analisada por duas perspectivas:

uma de caráter mais íntimo, que denota a manutenção de um nível de controle sobre si mesmo que apenas a lucidez poderia garantir (...), e outra que reporta à libertação em relação às expectativas sociais cristalizadas na própria cena punk/hardcore¹ (FREIRE FILHO; LINHARES: 2009, p. 263).

A lógica que opera essa busca pelo “controle sobre si” articula-se com a consciência do corpo enquanto *lócus* político, que foge aos moldes da retórica política tradicional ou partidária, mas contempla um “quê-fazer” que provenha de práticas cotidianas de vinculação e participação, identificadas como ações de politicidade (CERBINO, 2005). Os jovens, com competências e opiniões próprias, em suas “práticas de politicidade”, negociam com instituições e estruturas o reconhecimento de sua condição enquanto sujeitos sociais (REGUILLO, 2000, p. 36). Na posição de “sujeitos”, os *straight edges* em suas narrativas e consumos idiossincráticos jogam com os significados sociais de inserção e diferenciação (Idem, ibidem, p. 27).

Trinta anos se passaram após a configuração inicial do grupo, porém, ao contrário de outros movimentos juvenis que perderam a força e as características iniciais e esvaziaram-se de ações e projetos engajados – inclusive os punks –, perduram ativos na busca por uma “nova consciência ética”, na proposta de práticas cotidianas de transformação social e na continuidade da cena *punk hardcore straight edge*. Atualmente, na cidade de São Paulo, essa cena perdura tanto na organização de shows e eventos alinhados aos princípios *straight edge* – com destaque para o Political Festival e o Festival Verdurada – quanto em ações que agregam diversos coletivos juvenis, como bicicletadas e piqueniques veganos. Por último, vimos que a internet e as redes sociais, aliadas ao uso de ferramentas tecnológicas, vêm se constituindo espaços importantes para troca de informações e fomento de propostas antissistêmicas, em âmbitos locais e globais.

Epifenômeno Verdurada

G.: é eu nunca vi show sem roda [de pogo] kkkkkkkkk. eu tbm não quero entrar nas rodas, vou me juntar a turma do fundão e ficar sussa enchendo a cara... OPS... vai rolar goró? está é a pergunta mais importante de todas... bateu uma

¹ Som marcado por suas batidas pesadas e com letras bastante questionadoras e antissistêmicas. É uma dissidência do punk americano.

preocupação agora... quero encher a cara... PS: vai ser minha primeira verdurada tbm =)

A.: não! LÓGICO QUE NÃO! Nada de bebidas alcoolicas, cigarros, e afins! Por favor, não insistam, hahahahahahaha

R.: é gisele, verdurada é show de roqueiros doidos porém caretas... sinto lhe informar, mas nada de goró nem de encher a cara no fundão... procure algumas informações sobre a ideologia STRAIGHT EDGE que você vai entender

(Discussão na Comunidade Verdurada, no Orkut, 04/2010)

Na própria fala da ONG, a Verdurada² “é o mais importante evento do calendário faça-você-mesmo brasileiro”, tanto por sua longevidade – o festival já completa 15 anos em 2011 – quanto pela participação maciça de bandas nacionais e internacionais, bem como de selos alternativos e produtoras independentes. Realizada sempre aos domingos, tem seu início entre 16 ou 17 horas e se estende até as 23, horário que os transportes públicos estão em circulação, permitindo que os participantes que residam distante do local possam pegá-los na volta para suas casas. Nos primeiros treze anos, o evento foi realizado em um galpão na zona sul da cidade, próximo ao Metrô Jabaquara, que comportava cerca de 600 pessoas. Porém, desde 2009, quando o local não pôde ser emprestado aos organizadores, é realizado em lugares diferentes, mas todos no entorno da Rua Augusta, no centro da cidade. Acredita-se que atualmente o evento receba perto de 300 participantes, lotação máxima permitida nos espaços alugados.

Internamente, no local do evento, “banquinhas” de troca e venda – alimentos, roupas, cosméticos, produtos de limpeza, publicações, CDs e DVDs – são disponibilizadas aos pequenos produtores alternativos. Como levanta Mantese (2005, p. 38) “um princípio que parece nortear toda essa rede de trocas é que os ‘produtos’ devem ser produzidos e distribuídos a um ‘preço justo’ pelas próprias pessoas envolvidas, tentando escapar, ‘correr por fora’ do sistema vigente numa sociedade capitalista”. E, ainda, devem ter procedência conhecida e fabricados dentro dos princípios e valores dos *straight edges*. Contudo, segundo os valores do movimento, não são permitidos o uso de drogas lícitas e ilícitas no local.

O festival tem um roteiro mais ou menos parecido em todas as suas edições³: na primeira parte tocam as bandas de *hardcore*, nacionais ou internacionais – geralmente são quatro ou cinco –, o que, em geral, é o momento mais descontraído do evento em que o

² A ONG Verdurada surgiu para gerir as burocracias legais e administrativas do evento. Seu objetivo principal é realizar o Festival Verdurada e, além disso, outras pequenas ações são feitas, como campanhas de doação de alimentos e ajudas humanitárias.

³ A observação de duas edições permitiu verificar em diversos relatos que esse roteiro é seguido desde a primeira Verdurada.

público dança e interage com os demais. Na sequência são promovidas palestras, debates, oficinas, ou até mesmo exposição de vídeos, abertos para discussão e comentários de todos os participantes. As temáticas abordadas costumam ser sobre práticas alternativas, alimentação, meio ambiente, política e, ao final do evento, são distribuídos alimentos veganos e suco de soja, cozinhados voluntariamente pelos *hare krishnas*. Essa configuração participativa e plural do evento fomenta a integração de diversos outros coletivos à mesma cena, como os *hare krishnas*, punks, vegetarianos, veganos, engajados em ONGs de preservação da vida, e, ainda, jovens que partilham do gosto pelo *hardcore*, em uma postura em que os espaços são muito importantes para a constituição de sociabilidades e da manutenção do movimento sXe.

A Verdurada, por ser marco que se destaca tanto no universo underground, pelos valores que nela estão impressos, como pelas ações coletivas dos *straight edges* na cidade de São Paulo – e que também foi reproduzido em outras cidades: Porto Alegre, São Vicente e Santo André –, pode ser identificada como um epifenômeno de constituição de sociabilidades e da manutenção do movimento sXe. Essa é a justificativa para a escolha do festival como um *locus* de observação das práticas de consumo e dos processos comunicacionais do movimento *straight edge* paulista.

Práticas de (não) consumo

(...) Muitas coisas em minha vida eu só aprendi devido ao hardcore. Sabe o hardcore? Lugar de gente boa, lugar de gente ruim. Como a sociedade atual qual estamos inseridos. Hardcore foi a ponta do iceberg para eu ler livros que jamais me interessaria em ler se eu fosse um desses fans da banda de pagode do momento. Ou Chitãozinho e Xororó, ou Frank Aguiar, ou qualquer uma dessas coisas enfiadas goela abaixo pela mídia. Eu descobri certas coisas sobre retidão, integração com a mãe natureza, fatores que circundam nossa rotina, desde acordar, até ir dormir, sob o manto sujo da política que nos acerca. Eu acredito que o hardcore propaga uma revolução interior, qual se expande, quando você começa a acreditar com forças na capacidade de mudança em si mesmo. (BB, Comunidade Verdurada, Orkut, 02/2007)

Pensar o consumo é também pensar a comunicação. Esses processos essencialmente culturais e fundamentais ao movimento de reprodução social operam e estabelecem mediações entre estruturas de significados e fluxos sociais, nas quais identidades são criadas e recriadas constantemente. Mary Douglas e Baron Isherwood (2004) destacaram as práticas de consumo, como pacto coletivo, imersas em um sistema de significação que engendra valores públicos consensuais. Para os autores, a apropriação de bens seria um ritual no qual os objetos serviriam para estabelecer os sentidos e as práticas que os preservam. A partir das propostas

de Douglas e Isherwood, Néstor Canclini defende que as práticas de consumo estabelecem a comunicação com os outros, e “são recursos para pensar o próprio corpo, a instável ordem social e as interações incertas com os demais” (2007: p. 65). Continuando a reflexão, esse autor identifica que tratar o consumo como vinculação é igualmente enxergá-lo como ordenador político da sociedade e, conseqüentemente, possível *locus* de exercício da cidadania (Idem, *ibidem*).

Nessa perspectiva, percebemos as práticas de consumo como “importantes medições para a construção identitária”, que por meio do acesso a certos objetos emblemáticos – culturais e materiais – delimitam e destacam inserções e, conseqüente, diferenciações (REGUILLO, 2000: p. 23). No contexto juvenil, a oposição participar-excluir é ressaltada de maneira mais contundente, principalmente em torno do que identificamos como “cena musical”. Focando o caso dos *straight edges*, inseridos na realidade contemporânea que abre a possibilidade de “um mundo para cada ‘estilo’”, compreendemos que suas propostas ideológicas marcam “um conceito valorativo” que opera no “modo de entender o mundo”, gerando tensionamento entre identificação e diferenciação (REGUILLO, 2000: p. 24).

Desse modo, partimos do ponto que o consumo juvenil afirma-se como referente fundamental para a conformação de narrativas, de representações imagéticas e de universos imaginários repletos de significação, das mais negativas às mais inspiradoras. “É uma dinâmica estésica e estética da produção de sentido, estruturado e estruturante em dimensões simbólicas, imateriais, porventura ideológicas, sempre discursivas e ideativas” (ROCHA, 2008: p. 120). Imersos em um processo sociocultural, os jovens encontram os caminhos para expressar sua subjetividade, afirmando identidades e estratégias de visibilidade (ROCHA E SILVA, 2008: p. 113).

Nessa prática de subjetivação, surge uma questão importante, qual o papel das redes midiáticas no modo como são percebidos, apropriados e narrados seus impactos por parte dos próprios jovens (ROCHA E SILVA 2008: p. 113). Na crítica aos meios de massa hegemônicos, entendendo que de uma forma geral atuam como fomentadores de práticas consumistas sem responsabilidade – apesar de não terem, por exemplo, uma reflexão prévia sobre efeitos sociais e ambientais –, os jovens do movimento propõem o uso consciente da mídia. Em virtude da natureza de questionamento dos *straight edges*, a mídia exerce um papel ambíguo. De um lado, é vista como uma ferramenta da publicidade que induziria ao consumismo sem reflexão e, em contraponto a essa visão, eles aproveitam dos meios midiáticos para propagar seus ideais. E, nessa proposta engajada, perguntamo-nos: como os *straight edges* – enquanto agentes de transformação social – utilizam as redes sociais para

influenciar novos adeptos, advertir sobre novos usos dos meios de produção, propor novos usos da mídia e ações concretas de engajamento? Não se trata, portanto, de pensar as tecnologias em si, mas de compreendê-las como ferramentas possíveis na constituição e afirmação dessa nova politicidade juvenil.

O problema não diz respeito somente aos processos efetivos da produção. Coloca em causa, sob uma forma diferente, o estatuto do indivíduo nos sistemas técnicos, pois o investimento do sujeito diminui à medida de sua expansão tecnocrática. Cada vez mais coagido e sempre menos envolvido por esses amplos enquadramentos, o indivíduo se destaca deles sem poder escapar-lhes, e só lhe resta a astúcia no relacionamento com eles, “dar golpes”, encontrar na megalópole eletrotecnizada a “arte” dos caçadores ou dos rurícolas antigos. A atomização do tecido social dá hoje a pertinência política à questão do sujeito (CERTEAU, 2009: p. 51).

Por último, identificamos que a partir da apropriação idiossincrática dos *straight edges* efetua-se uma construção de fluxos de consumo – na internet, na cidade, da internet à cidade, da cidade à internet – que engendram mercados, produtos e locais próprios para essas práticas e, com isso, permitem a produção, circulação e ressignificação de bens e valores sociais. Michel de Certeau (2009: p. 45), ao dissertar sobre os “modos de fazer” que os sujeitos sociais encontram como táticas para escapar do sistema, propõe que “a presença e a circulação de uma representação (ensinada como código socioeconômico por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários”. Assim, nossos olhares se voltam para como os *straight edges* por meio de seus “modos de fazer” criam e ressignificam a utilização de bens materiais e culturais.

Considerações metodológicas e estruturação do trabalho

Também na América Latina a cartografia se move. E o faz em múltiplas direções. Desde os planos turísticos das cidades – que nos dão a segurança de ver o que todos veem, para que não haja desencontros culturais – ao mapeamento de circuitos e trajetos que desvelam, nas cibernéticas metrópoles atuais, a existência de cidades *invisíveis*: místicas, exotéricas, vivenciais. E desde cartografias cadastrais, construídas de cima, às quais nada escapa (...), aos esmagadores mapas traçados não apenas sobre, mas também a partir das margens: seguindo e desbordando o rumo porque também as margens se movem seguindo roteiros (rotas com derrotas) dos marginais e dos trabalhadores sem teto e também os trajetos nômades dos punks, dos metaleiros e dos taggers (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 14).

O olhar “cartográfico” norteou essa dissertação. Cartografia que não está permanentemente fixada, mas que se move em “múltiplas direções”, pois cartografar é

mapear circuitos e trajetos que revelam a existência de “cidades invisíveis”. Exercício de desvendar “os mapas traçados não apenas sobre, mas também a partir das margens”, de identificar “roteiros”, de investigar rumos e de seguir trajetos nômades. Cartografar “as cidades invisíveis” é compreender que tratamos de espaços interferidos e ressignificados pelos seres humanos (MARTÍN-BARBERO, 2008b: p. 14).

Imbuídos da missão investigativa de mapear as “práticas de consumo” e “processos comunicacionais” dos *straight edges*, trabalhamos com ênfase multimetodológica que nos servisse em nosso objetivo e, a partir dessa abordagem, traçamos como procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica, pesquisa documental e iconográfica e observação com viés etnográfico.

No primeiro capítulo da dissertação levantamos os procedimentos teóricos e conceituais utilizados como fundamento para a compreensão do objeto, por meio de reconstrução histórica e recorte das principais influências constitutivas do movimento *straight edge* para guiar a identificação e a análise do material colhido. Essa etapa foi dividida em duas partes: primeiro abordou a relação entre comunicação e consumo articulada com outras temáticas como juventude, cidadania e identidade e, em seguida, a construção do conceito de juventude, mas como *locus* metodológico e epistemológico. Já no capítulo 2 procuramos engendrar uma trajetória que nos permitisse mapear, no amplo panorama histórico que permeou o movimento, quais fatos e influências seriam decisivos para nosso recorte analítico. No terceiro capítulo entramos no universo virtual, em redes sociais e comunidades como Orkut, para reconhecer e avaliar narrativas identitárias – individuais e coletivas – dos *straight edges*, procurando revelar significados de seus consumos materiais e culturais. No último capítulo traçamos as rotas e trajetórias dos *straight edges* na cidade de São Paulo e, brevemente, as relações temáticas encontradas nos cartazes da Verdurada e nas letras de músicas.

1. COMUNICAÇÃO, CONSUMO E JUVENTUDE NA CENA *STRAIGHT EDGE*

1.1 APONTAMENTOS TEÓRICOS: COMUNICAÇÃO, CONSUMO E JUVENTUDE

1.1.1 Consumo e Comunicação

Segundo Guillermo Sunkel (2002: p. 4), pensar o consumo implica necessariamente remeter a uma dimensão epistemológica e metodológica, na qual os processos comunicativos mudam de lugar. O autor, ao comentar as teorias barberianas, propõe estudos focados no consumo que não apenas problematizem a posse de determinados objetos em relação a outros, mas investiguem essas apropriações como intercâmbio e interação entre sujeitos sociais constantemente construídos. Produção e produtores, nesse enfoque, são parte integrante de espaços de poder, disputas, remodelações e lutas pela hegemonia.

Na sociedade contemporânea, com inúmeros avanços tecnológicos, os meios de comunicação são espaços importantíssimos para se pensar a comunicação e a natureza política do consumo midiático, e os processos midiáticos acionados na sociedade estão impregnados no tecido da cultura. Compreendemos o uso dos meios tecnológicos não a partir da presença física dos aparelhos, mas referindo-o a sentidos culturais construídos socialmente (BACCEGA, 2008; JANOTTI, 2003: p. 12), e ressaltamos a reflexão não apenas sobre aparatos e estruturas, mas com enfoque analítico a respeito de sujeitos e atores sociais (ROCHA, 2009: p. 986). Assim, em consequência, direcionamos o olhar a novos modos de percepção e linguagem, a novas sensibilidades e escritas (MARTÍN-BARBERO, 2008: p. 211).

Nosso olhar sobre os estudos de comunicação juvenil – especialmente percebidos pelas práticas idiossincráticas dos *straight edges* – está alicerçado nas narrativas, experiências e novas escritas que os sujeitos sociais engendram sobre eles mesmos e os outros. Por outro lado, são muitos os enfoques dados aos protagonistas sociais pelos diversos meios de comunicação. A mídia tem visão bastante particular sobre os jovens, ora demonizando-os, ora os endeusando, transformando-os em protagonistas de práticas negativas e positivas, portanto, são desenhados midiaticamente por visões distintas. Em alguns momentos são inconstantes, irresponsáveis, inconsequentes; em outros, vetores de mudanças sociais, políticas e culturais. Em geral, as visões são disseminadas e influenciam particularmente o olhar da sociedade, porém, neste trabalho, ao contrário, damos atenção às atividades rotineiras e cotidianas que os

jovens arquitetam, marcadas pela insistência em descobrir modos que consideram alternativos – de vida, pensamento e consumo – aos modelos do sistema capitalista vigente.

Vale ressaltar que os *straight edges* se fundamentam na crítica à cultura de massa, principalmente pelos meios dessa cultura, mas são consumidores vorazes das tecnologias de comunicação e redes sociais. No limite entre criticidade e apropriação, os atores sociais juvenis exercem o que Rose Rocha identifica como “ações comunicacionais de fronteira” (2009: p. 984). Para essa autora, as fronteiras – que não são fixas e imutáveis, mas possuem certa mobilidade e fluidez – são delineadas entre dimensões virtuais e presenciais,

fronteira entre o massivo e o midiático; entre o virtual e o presencial; entre o público e o privado; entre o individual e o coletivo; entre o coletivo e o grupal; entre o político e o cultural; entre o engajamento cultural e a articulação social; entre o estético e o ético; entre o local e o global; entre o antissistêmico e o mercadológico (ROCHA, 2009: p. 984).

Nossa proposição se dá e se reforça no princípio de que a relação entre consumo e comunicação é tão indissociável que, ao nos referirmos ao consumo, de maneira articulada, referimo-nos à comunicação, e por isso entendemos as ações comunicacionais de fronteira complementarmente realizadas por meio das práticas de consumo. Como enfatizam Cerbino e Rodrigues (2005: p. 113), com base em seus estudos equatorianos, as ações juvenis – especialmente as que analisamos por estarem baseadas em nova consciência ética – de forma espontânea se sustentam em condições mínimas de organização, pois, como tal, não priorizam pensamentos institucionais, de partidos políticos e movimentos sociais. Antes, concretizam-se na vida diária e em torno de emoções compartilhadas entre os jovens. Essas práticas servem como constructo de novas sociabilidades, agregando diversos coletivos com os mesmos objetivos e posturas ideológicas (Idem, ibidem), e nisso reside sua politicidade.

Assim, visualizando as ações coletivas juvenis, percebemos que o consumo também exerce papel político importante. Por exemplo, os *straight edges*, ao assumir nova consciência ética, que se fundamenta em práticas paralelas ao sistema capitalista vigente, colocam-se como sujeitos políticos na sociedade contemporânea. As práticas se tornam ainda mais destacadas e contundentes em uma sociedade identificada como “sociedade do consumo”. Silenciosamente e de modo quase invisível, os sujeitos sociais empregam os produtos impostos por uma nova ordem econômica, ressignificando os usos de maneira tática (CERTEAU, 2009: p.39), portanto, procuramos identificar no engajamento dos coletivos juvenis que participam da cena *straight edge* as táticas de fuga, escamoteamento ou escape.

Dunker (2005: p. 48), em leitura das propostas de Slavoj Žižek, estabelece que as ações táticas – aqui, no caso, fundamentadas em reflexão sobre o consumo feito por escolha própria e no cotidiano – são consideradas ações de superidentificação. Vão ao encontro das práticas de antigos grupos juvenis, que propunham se colocar fora do sistema capitalista, criando uma sensação falsa e artificial de separação. A operação de superidentificação baseia-se em “tomar formas simbólicas dominantes pelo seu valor de face e a partir de sua repetição reflexiva produzir desestabilizações internas ao sistema” (Idem, *ibidem*). Com essa proposta, os jovens não apoiariam iniciativas em reivindicações e ações coletivas (greves e passeatas), mas, ao estabelecer a lógica de corrosão interna, agiriam de maneira tática a boicotar o sistema.

A exemplo de Cerbino (2006), Rose Rocha (2009: p. 984) percebe que nos projetos de engajamento há a enunciação de uma nova politicidade. O corpo, não apenas como materialidade, mas mediador, torna-se “um modo de ocupar e dar sentidos ao espaço público e de construir uma cidadania além da direito” (CERBINO, 2006). Para Martín-Barbero (2008), o corpo é a realização do “ser aqui”. Compreendemos uma possibilidade de extensão tecnológica como espaço de experimentação de uma nova sensibilidade, ou seja, a dimensão da tecnicidade cognitiva do corpo (MARTÍN-BARBERO, 2008: p. 212).

1.1.2 Consumo e Cidadania

1.1.2.1 Cidadania: prerrogativas gerais

Cidadania, de modo geral, seria conceituada como invenção social, na qual os atores sociais exercem a participação e se reconhecem como sujeitos sociais em uma sociedade juridicamente regulamentada (GARCÍA, 2006: p. 76; BACCEGA, 2009). Desse modo, estabelece uma série de garantias, ou de sentimentos de garantia, dos indivíduos sobre prerrogativas como igualdade, liberdade, autonomia e direito de participação (GARCÍA, 2006: p. 76).

Segundo García, os aspectos fundamentais da construção da cidadania – abordada dentro da lógica da democracia contemporânea – são: a) uma construção histórica, que obedece a condições e circunstâncias inseridas em determinado tempo (GARCÍA, 2006: p. 76); b) obediência às regras legitimadoras de práticas de sociabilidade como derivação da vinculação das pessoas à sociedade (Idem, *ibidem*); c) ser instituída, constituída e construída pelos seres humanos, portanto, não é condição natural, mas cultural e social (Idem, *ibidem*: p.

77); d) realizar-se em um marco da sociedade jurídica regulamentada, com regras que organizam a vida e formalizam direitos e deveres (Idem, *ibidem*); e) por meio dela, os estados pretendem garantir sentimentos como autonomia e direitos de participação (Idem, *ibidem*); f) fazer com que os atores sociais se tornem sujeitos sociais (Idem, *ibidem*, p. 78); h) realizar-se individual e coletivamente; i) existir diversas formas, tradicionais e alternativas, de ser cidadão (Idem, *ibidem*).

A partir desses parâmetros definimos, para a pesquisa, focar as maneiras pelas quais o conceito de cidadania é concretamente praticado pelos sujeitos juvenis, ou seja, como os jovens experimentam e comunicam visões e práticas cidadãs por meio de opções de consumo. Na sociedade contemporânea, o consumo é um dos pilares mais importantes, e será, portanto, usado para refletir sobre a cidadania, a partir da certeza de que as ações cotidianas são práticas de participação e vinculação nas esferas políticas e sociais. Também é por esta via que podemos assumir que, de maneira articulada, a cidadania é uma atividade envolvida nesse universo (ROCHA, 2009; CERBINO, 2006). A esse respeito, Néstor Canclini analisa que:

estas [formas de exercer a cidadania] sempre estiveram associadas à capacidade de apropriação de bens de consumo e à maneira de usá-los, mas supunha-se que essas diferenças eram compensadas pela igualdade em direitos abstratos que se concretizava ao votar, ao sentir-se representado por um partido político ou um sindicato. (...) Homens e mulheres percebem que muitas perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que pelas regras abstratas de democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos (CANCLINI, 1995: p. 29).

Maria Aparecida Baccega (2009: p. 2), ao ler o texto de Néstor Canclini, complementa-o, afirmando que as práticas culturais, sociais e políticas dão um sentido de pertencimento. Além disso, essas práticas permitem que os sujeitos sociais transitem em múltiplos territórios, desenhando as identidades (Idem, *ibidem*). Na América Latina, especialmente até a década de 1990, no que concerne ao conhecimento dos direitos e deveres, os sujeitos deparam-se com o esgotamento do sistema político e a falta de perspectiva (BACCEGA, 2009; CANCLINI, 1995; REGUILLO, 2000). Essa constatação gerou descontentamento e desconfiança em relação às instituições e seus componentes, como governantes, partidos, líderes, entre outros. Atualmente, essa situação convive de forma paradoxal nos países latino-americanos, já que a participação de países como o Brasil na redemocratização da política tradicional é um fato recente, que foi verdadeiramente iniciado

na década de 1990. Com espaços públicos mais plurais e participativos – permitidos por projetos como os Pontos de Cultura –, os jovens encontram possibilidades de atuação e construção de nova cidadania. Na Colômbia, por outro lado, os atores juvenis convivem com a guerrilha e as ações militares. Apesar de características particulares, uma das marcas da América Latina é a tensão relacionada aos processos e ações democráticas resultando muitas vezes na desvalorização e descrença nas ações democratizadoras e políticas tradicionais (DELGADO; OCAMPO; ROBLEDO, 2008: p. 196). Desse modo, a análise das ações paralelas configuradas como forma legítima de cidadania e de exercer papel político na sociedade é de extrema pertinência.

1.1.2.2 Cidadania: juventude e novas práticas culturais

[...] el consumo no es sólo reproducción de fuerzas, sino también producción de sentidos: lugar de una lucha que no se agota en la posesión de los objetos, pues pasa aún más decisivamente por los usos que les dan forma social y en los que se inscriben demandas y dispositivos de acción que provienen de diferentes competencias culturales (MARTÍN-BARBERO, 2008: p. 203).

O consumo é lugar de produção de sentidos, construídos para e pelos jovens. E se o consumo participa de uma dimensão política que abarca a cidadania, como pensar o não consumo como ação cidadã? Lugares de luta configurados pelo uso instigam a pensar no caso *straight edge*. Jovens que se constroem no consumo e no não consumo – de alimentos, drogas, cultura de massas, marcas e produtos que não respeitam a ética e o direito – engendram um verdadeiro sistema paralelo de produção, circulação e consumo. Para tal, buscamos aportes teóricos que permitem refletir sobre suas práticas idiossincráticas. García (2006) afirma que as representações que os jovens fazem sobre o tema implicam:

[...] identificar e entender as visões e pontos de vista que eles têm acerca das relações que podem existir no mundo da política, no exercício da vida pública e nos sentidos que são dados entre as pessoas e as organizações sociais, à luz dos mitos, lendas, fábulas, crenças, práticas, ritos, opiniões, discursos e demais formas de imaginar e representar os significados que servem de base para explicar e compreender o exercício da cidadania (GARCÍA, 2006: p. 73).

As expressões juvenis manifestam pontos de vista políticos e de intervenção na esfera social e se baseiam em ações cotidianas de os jovens se fazerem reconhecidos e inseridos na sociedade (GARCÍA, 2006: p. 36; REGUILLO, 2000: pp. 14-16). Para jovens

como os *straight edges*, a maneira de se colocar socialmente não se baseia em um “sentimento íntimo ou subjetivo de certeza ou fé sobre algo, mas essencialmente em uma prática” (ZIZEC, 2005: p. 65).

Retomando García (2006: p. 34), identificamos a construção da cidadania juvenil a partir de aspectos como: a) elaboração das contribuições dos jovens como sujeitos ativos em sua realidade comunitária, nacional e familiar; b) inserção nas formulações legitimadas de participação em uma condição cidadã, que incluiria perspectivas de gênero, cultura, etnia, estrato econômico etc; c) reconhecimento de direitos e capacidade de exercer e reivindicar esses direitos, antes de adquirir a maioria, diretamente relacionada à constituição de competências formais (Idem, ibidem: p. 35).

Os sujeitos juvenis compartilham instâncias formais e tradicionais que constituem a cidadania, transitam entre essas instâncias, porém, ressignificando e construindo os próprios sentidos, e quando atribuem novos significados à sua atuação como cidadãos, conseqüentemente repensam sua condição de sujeito. Arturo Escobar percebe nessas práticas uma “cidadania alternativa” sendo engendrada:

Tal concepção chama a nossa atenção sobre uma ampla gama de possibilidades, na qual a cidadania pode ser exercida e os interesses da sociedade não somente são representados, como também remodelados. O campo de ação das lutas democratizantes seria entendido para abarcar não somente um sistema político, mas também o futuro do desenvolvimento e das lutas democratizantes (...). A cultura e a identidade parecem então como ordenadoras da vida cotidiana e das atividades políticas (ESCOBAR *apud* GARCÍA, 2006: p. 35).

Portanto, a cidadania alternativa é experimentada pelos *straight edges* a partir de reflexões e propostas de mudança nas práticas de consumo. Na visão do movimento, o engajamento estaria alinhado à transformação pessoal e do coletivo envolvido, mas, também, de forma abrangente, da sociedade global. É a percepção de atuar como cidadão na esfera pública, resultante da relação do sujeito consigo mesmo e com os demais (GARCÍA, 2006: p. 81).

Deve-se pensar em uma cidadania cultural, na qual os atores sociais procuram formas de exercer o direito de ser diferentes, mas dentro de uma ética própria, que considera os demais envolvidos de maneira horizontal. Para García (2006: p. 86), os jovens desejam ser reconhecidos como sujeitos, a ponto de incidirem sobre decisões que afetam seu destino. O ensejo de ser sujeito de opinião e de voz ocorre especialmente nas esferas políticas e culturais, pois em coletivos com posturas ativas e engajadas, a prática da cidadania cultural seria possível.

Identificamos que os *straight edges* buscam afirmação e visibilidade social, unindo-se a diversos grupos ou organizações que desejam fomentar ações sociais e culturais, geralmente paralelas às práticas hegemônicas, e que têm como meta a inclusão dos atores sociais, independentemente de classe, raça, gênero e orientação sexual. Para García (2006: p. 103), essa postura não objetiva solucionar problemas imediatos, mas expressar e discutir visões de mundo em processo de mudança de consciência. Essa proposta é observada em um momento específico da Verdurada, quando são exibidos filmes ou acontecem palestras em que, no final do festival, todos os participantes podem opinar. Nesse processo, coletivamente constroem e balizam paradigmas e práticas, localizando possíveis caminhos para atuar como consumidores e cidadãos.



Figura 1 - Essa imagem foi feita em nossa primeira pesquisa etnográfica, durante o Festival Verdurada, em outubro de 2009 (Fotografia: Fernanda Budag)

Carregados de ideologias, deslocam ideais do eixo do saber para o do fazer (DUNKER, 2005: p. 52), assim, consciência e ação se tornam formas legítimas de mudança social. Dunker (ibidem: p. 48) sugere analogia entre a prática e a máxima cristã: “o dito cristão de que eles não sabem o que fazem deve ser revertido em: mesmo sabendo eles continuam a fazer como se não soubessem”. Dentro dessa lógica, o embasamento ideológico daria consistência à rede simbólica na qual “a atividade ideal será confrontada e desestabilizada pela atividade real do objeto” (Idem, ibidem: p. 63). Vários *straight edges* utilizam como forma de comunicação dos ideais seu próprio corpo, como suporte para comunicar engajamentos.

Ações que poderiam ser consideradas apenas expressão de personalidade, gosto ou mesmo escolha estética, como tatuar o corpo, participam do campo de forças contra-

hegemônico e do espaço de luta para a construção do sujeito social. Ao se analisar as práticas de consumo cultural e de materialidades, entramos no lócus de produção de sentidos socialmente partilhados.

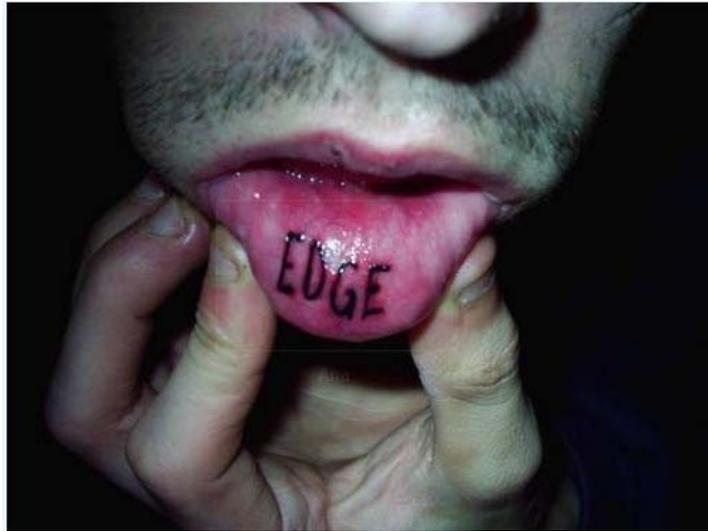


Figura 2 - Imagem retirada do perfil do Orkut de um dos *straight edges*, agosto de 2009.

1.1.3 Consumo e identidade

A linguagem é construída e construtora dos sujeitos sociais (WILLIAMS, 1979: pp. 42-44) e, como consciência prática, participa de um processo regenerativo constante de criação e recriação. Trata-se de atividade social que se concretiza na experiência ativa e em transformação da dinâmica do mundo (Idem, *ibidem*: p. 43), constituindo-se como *lócus* de compreensão dos valores e pensamentos sociais. Abrangente e ampla, a linguagem se expressa pelo verbal e corporal, usos e apropriações, vestuário e adereços, práticas individuais e coletivas e, como tal, está no interstício da formação identitária. Para Hall (2000, p. 109), a linguagem é um dos recursos – assim como a história e a cultura – que utilizamos para produzir aquilo que estamos nos tornando, ou seja, na elaboração de nossa identidade como sujeitos sociais.

As identidades não são estagnadas, mas participam de um processo constante de mudança (HALL, 2000: p. 108). Fundamentalmente, na sociedade contemporânea, em que a velocidade e a mudança são fatores cruciais, as identidades são cada vez mais instáveis e as subjetividades multifacetadas (MARTÍN-BARBERO, 2008: p. 21). Construídas pela multiplicidade, observamos nos discursos dos atores sociais o cruzamento de diversas experiências identitárias e de pertencimento. Nessas relações sociais, nas quais linguagens e

identidades são ratificadas, o consumo se torna espaço vital para se pensar preferências e significados individuais e coletivos, partilhados entre os sujeitos sociais (SLATER, 1997: p. 131; CANCLINI, 2007: p. 4; BARBOSA, 2004; BACCEGA, 2008). Para Don Slater,

conhecendo e usando os códigos de consumo da minha cultura, reproduzo e demonstro minha participação numa determinada ordem social. Além disso, represento essa participação numa determinada ordem social. Minha identidade enquanto membro de uma cultura é representada através de estruturas significativas de minhas ações sociais – o fato de que eu faço as coisas desse jeito, e não daquele. Não só minha identidade, mas as próprias relações sociais são reproduzidas através de um consumo culturalmente específico (e, ao mudar ou rejeitar códigos de consumo de minha cultura, negocio tanto a identidade quanto aspectos da cultura) (SLATER, 1997: p. 131).

O consumo é espaço de atuação e mobilização do “eu” na sociedade, manifestação da subjetividade pessoal e também *práxis* social. De forma dual, é tanto constructo de sociabilidades quanto de exclusão (BARBOSA 2004: p. 12; CANCLINI, 2007: p. 4; BACCEGA, 2008: p. 1), assim, o campo do consumo corresponde a um sistema de códigos e jogo de valores que só se realiza na compreensão das regras por todos os participantes. Como demarcador de distinções sociais, a partir do consumo incluídos e excluídos dimensionam e localizam sua posição na sociedade (CANCLINI, 2007: p. 4). Para Hall (2000: p. 110), as identidades são elaboradas por meio das diferenças, implicando necessariamente o reconhecimento radical e perturbador da relação com o outro. Comparamo-nos para nos constituir, para compreender qual o nosso espaço de ação e valores que estamos adquirindo.

Para Kellner (2001: p. 297), na modernidade a identidade pessoal estava baseada no pertencimento do indivíduo a uma classe social ou a grupos e instituições aos quais se vinculava. Por outro lado, na contemporaneidade, as identidades seriam formadas em relação a sujeitos individuais, como demonstrativo de uma cultura individualista. Como parte dessa cultura, esse autor identifica que as identidades estão cada vez mais vinculadas à produção imagética de representações de si. Os *straight edges* – críticos das características atuais – fomentam ações coletivas como proposta contrária ao individualismo. Por um lado, em seus discursos divulgam e reafirmam a necessidade de se responsabilizarem pelas práticas pessoais e, por outro, percebem que sem a dimensão do grupo não há engajamento que se sustente.

Demarcar pertencimentos por meio do consumo – especialmente mostrando o acesso a certos objetos, como vestuário e música – é mediação importantíssima na construção

identitária juvenil (REGUILLO, 2000: p. 27). Com marcas visíveis e de fácil compreensão, os jovens comunicam as diferenças. Para cada estilo de vida, um sistema de significados envolvidos que, com a apropriação de bens e valores, organiza, dá sentido à identidade do grupo (FEIXA, 1999: p. 98) e conforma comunidades (SUNKEL, 2002: p. 3). Na experiência da inserção e exclusão em uma cultura – que opera na prática da confrontação, produção e circulação de saberes –, os jovens estabelecem verdadeiros espaços de comunicação (REGUILLO, 2000: p. 14; SUNKEL, 2002).

1.2 NORTEADORES CONCEITUAIS E MODOS DE PENSAR OS *STRAIGHT EDGES*

1.2.1 Cultura juvenil, juventude ou adolescência

Recorrentes como questionamento, as relações entre juventude e adolescência são temática abordada em distintos estudos acadêmicos. Afinal, quando se fala sobre juventude, exatamente qual classe de idade é abordada? Ou, como polemiza Edgar Morin (2009), de qual cultura juvenil estamos tratando e qual a diferença entre elas?

O conceito de juventude e adolescência é parte de uma organização social, criada no bojo das distinções sociais (BOURDIEU, 1983: pp.112-121) e, como tal, varia no tempo e espaço, entre sociedades e períodos históricos. Toda generalização não é neutra, mas alude ao modo como a sociedade percebe o mundo e a como os atores sociais se percebem nessa engrenagem. Na juventude e na adolescência – como características ou atributos dados a uma geração – há como um “sentimento de contemporaneidade” (FEIXA, 1999: p. 89), ambas aparecem como fase do jovem humano, já desligado do universo da infância, mas não totalmente integrado ao mundo adulto, uma etapa na qual são identificados indeterminações, inseguranças e conflitos (MORIN, 2009: p. 137).

Edgar Morin (2009: p. 132), buscando caminhos para analisar a cultura juvenil na sociedade contemporânea, ressalta que a adolescência, a partir da década de 1950, foi colocada em uma perspectiva histórica criada dentro da seguinte lógica do sistema: a) como metamorfose da cultura de massas e, exemplificando essa etapa, esse autor cita, por exemplo, o nascimento do underground norte-americano, da *nouvelle vague* francesa, de grupos pop e o surgimento de revoltas estudantis; b) o sistema se questiona como associar a cultura adolescente – por ele mesmo criada – à evolução do sistema cultural global (ecossistema). Essa segunda proposta está baseada na lógica da cooptação das práticas e valores paralelos –

incluindo música, moda, posturas, estilos estéticos –, tentando torná-los produtos hegemônicos a serem consumidos pela sociedade. A indústria cultural é a principal interessada nesse movimento, atuando com suas forças por meio de leis de mercado, técnicas de produção e de difusão maciça etc.

A adolescência e a juventude possuem características particulares, porém, para Morin (2009: p. 139), ambas participam de uma mesma cultura ambivalente. Por um lado, atuam na busca pela diferenciação, inserindo-se na cultura de massas e em suas padronizações e, por outro, integram-se à indústria cultural capitalista, que funciona sob as leis de mercado, consumindo valores e produtos desenvolvidos especialmente para o segmento adolescente-juvenil.

Carles Feixa (1999: p. 43) observa que, além da influência direta da cultura de massas, o conceito de juventude foi formatado por outras questões: a) o surgimento do Estado de bem-estar social criou condições para o crescimento e a proteção social dos grupos dependentes; b) a crise da autoridade patriarcal levou a uma rápida ampliação das esferas da liberdade juvenil; c) o surgimento do *teenage market* oferecia, pela primeira vez, espaço de consumo especificamente destinado aos jovens, que haviam se convertido em um grupo com crescente capacidade aquisitiva; d) a emergência dos meios de comunicação de massa permitiu a criação de verdadeira cultura juvenil internacional-popular, articulando linguagem universal por meio da *mass media*; e) o processo de modernização no plano dos usos e costumes, supondo rompimento com a moral puritana, progressivamente substituída por uma moral consumista, e um de seus principais resultados foi a chamada “revolução sexual”.

Vale ressaltar que, no bojo de todas as transformações, há o movimento estudantil, atuando como mola propulsora de mudanças sociais, pois, a concentração de jovens estudantes nas universidades, palco potencial de revoltas, é meio propício para ações coletivas (MORIN, 2009: p. 145). Aberta e plural, a universidade se torna espaço para experiências diversas, que contribuem para a marginalização do mundo adulto, ancorada à extrema dependência da construção do saber (Idem, ibidem). E ainda, nessa fase, os jovens estão vinculados à *intelligentsia*, mais sensíveis às rupturas da sociedade estabelecida (Idem, ibidem). Esse contexto fomentou no século XX eventos importantes para compreender a força e as transformações que esses sujeitos juvenis dinamizaram, como crítica aos modelos vigentes e proposta alternativa de vida. Em âmbito global, porém com formatações particulares em cada país, teríamos: nos EUA os *beatnicks* e a civilização do Greenwich Village (1963-66), a Revolta de Berkeley (1964-65); em

Estocolmo, a noite de São Silvestre (1956); na França, a Conferência Nacional Estudantil para a resolução dos problemas argelinos (1955) e Maio de 1968; a Revolução Cubana (1959) e o ressurgimento no movimento estudantil na América Latina (1963-66); na Inglaterra, a revolta da London School of Economics (1966) etc. (Idem, *ibidem*).

Retomando Morin (2009: p. 151), os movimentos estudantis são marcos emancipatórios da juventude e significaram o reconhecimento de uma personalidade autônoma que tem vida particular, que pode tomar decisões por conta própria e tem autonomia de pensamento para experimentar outros valores. Demonstraram ainda que os jovens não querem apenas ser legitimados em sua alteridade, mas são sujeitos que propõem alternativas, identificadas por esse autor como reivindicações – em outra dimensão e força – também estabelecidas pelos adolescentes, portanto, há um fio condutor que abrange ambas. Contudo, apesar da difícil definição e delimitação entre adolescência e juventude, João Freire Filho observa que,

Não existe consenso quanto às diferenças e os nexos entre as noções de adolescência e juventude. Nas esferas acadêmica e comercial, os dois termos são empregados, amiúde, de forma intercambiável, sem maiores preocupações com a distinção conceitual; certos textos, por razões de ordem metodológica e/ou política, as particularidades dos dois marcos etários. Dadas a imprecisão e instabilidade dos dois conceitos e sua corriqueira sobreposição nos discursos científicos e comunicacionais, resolvi focar indistintamente, em minha pesquisa, a representação na mídia dos sujeitos sociais definidos, de modo oscilante, como adolescentes ou jovens, enfatizando as especificidades na utilização das duas categorias sempre que for oportuno (FREIRE FILHO, 2007: p. 37).

Adotamos aqui solução similar à utilizada por João Freire Filho, quando ao analisar a representação na mídia desses sujeitos sociais, esse autor adota o termo juventude de modo amplo, abrangendo adolescência e juventude. Pensamos ainda que pode ser útil a esse debate a análise feita por Edgar Morin (1984: pp. 147-157) sobre a juvenilização da cultura. Como um processo em movimento crescente desde o século XVIII, a sociedade contemporânea experimenta um novo modelo de homem, que busca a autorrealização no amor, bem-estar e vida privada. Juventude eterna em oposição ao envelhecimento torna-se essencial para o presente ser sempre desfrutado, e a velhice não é mais atributo positivo. A idade adulta se rejuvenesce e os indivíduos se tornam jovens cada vez mais cedo; o que anteriormente era adolescência, agora é juventude. A fase da juventude se alarga, a da maturidade se redefine, e a senil é escondida.

1.2.2 Juventude: metodologia e epistemologia

Os jovens são, como sujeitos sociais, categoria cambiante e descontínua, características resultantes da negociação, claramente tensa, entre a categoria sociocultural engendrada em uma sociedade particular e a atualização subjetiva dos sujeitos, eles operam inseridos nos esquemas da cultura vigente (REGUILLO, 2000: p.50). Com particularidades, engajamentos e negociações próprias, os coletivos e movimentos juvenis participam das esferas sociais com propostas diferentes, que em vários momentos se cruzam ou mesmo se repelem, e, desse modo, como produtores de sentidos e agentes das esferas públicas, os jovens constroem as próprias narrativas.

Na dinâmica de narrar, os *straight edges* revelam quais são seus ideais, experimentações, posturas e significados de si e dos outros. Nesta pesquisa, esse é o material que levantamos para analisar os processos comunicacionais, as práticas de consumo, as construções identitárias e a formação da cena juvenil. Muitos são os discursos midiáticos sobre os jovens, associados ao tráfico, a drogas, à rebeldia e à instabilidade; ou a eles se atribuem potenciais de mudança social, transformação cultural e ações positivas. Heróis e vilões, constituem os dois lados da mesma moeda, visões midiáticas formadas a partir de valores hegemônicos e às vezes generalistas.

Para o nosso estudo, tomamos como metodologia de análise a proposta de Martín-Barbero (2004, 2008), quando advoga a existência e a possibilidade de identificarmos analiticamente cartografias afetivas. Colocamos nossas forças para apreender os trajetos percorridos, na cidade ou na virtualidade, os mapas de atuação e locais de consumo – cultural e de materialidades – dos *straight edges*. Muitos trajetos construídos à margem do sistema capitalista vigente, outros na negociação com as instituições tradicionais, mas todos como ações legítimas de se colocar como sujeitos sociais. Queremos adentrar no universo que García (2006: p. 28) destacou como mundo de símbolos e significados, “dos sentidos que fazem com que os jovens e as juventudes tenham expressões identitárias”. E, para tal, buscamos compreender como os *straight edges* pensam por meio de “diversidades de vivências e das construções de existência” (Idem, ibidem), fundamentos que nos parecem necessários para entender as subjetividades individuais e coletivas.

Juventude, em nossa visão, não é apenas etapa da vida que serve como ponte entre infância e fase adulta, reduzir “ser jovem” a uma transição entre grupos etários é diminuir a importância de identidades e pertencimentos juvenis (BORELLI; OLIVEIRA; ROCHA: 2009: p. 40; FEIXA, 1999; FREIRE, 2007; GARCÍA, 2006: p. 31; MARTÍN-BARBERO,

2008; MARGULIS; URRESTI, 1998: p. 15; AMAYA, 2004). Muito menos corresponde a uma natureza única e generalizante, pois abarca condições gerais (de aproximação) e singulares (o diverso, o heterogêneo). Assim, entendemos que os jovens

vivem em situações de fortes tensões entre seu próprio mundo e o mundo dos “outros”; este último pautado por lógicas institucionais que nem sempre conseguem incorporar outras sensibilidades, novas formas de relacionamentos, conhecimentos e experimentações. Incorpora-se, ainda, a perspectiva de que os jovens respondem por grandes potenciais de criação e (re) criação culturais (CUBIDES; TOSCANO; VALDERRAMA, 1998).

Pensamos a juventude em sua pluralidade identitária e em diversas práticas cognitivas, e, na direção de dar voz aos atores sociais juvenis, buscamos encontrar as narrativas dos *straight edges* que contenham as condições gerais – especialmente como jovens – e as diversas particularidades, como as práticas alimentares e o engajamento em ações sociais. Vamos na mesma direção de Rossana Reguillo (2000: p. 97), que estabelece um método de análise das ações socioestéticas que se configuram em relações estéticas e simbólicas, que os coletivos e movimentos juvenis formulam. Isso porque, como identifica Feixa (1999: p. 144), “as culturas juvenis têm demonstrado ter experiência e sabem como transitar pelos territórios semânticos da transformação dos signos”. O cotidiano é o espaço de exercício socioestético, das construções semânticas e de criar e recriar signos.

Com isso, reconhecemos que os jovens são dotados da capacidade de se perceber e se representar, legitimando sua condição de sujeitos sociais, que têm competências para referir-se objetivamente ao mundo (REGUILLO, 2000: p. 36), portanto, são sujeitos de discurso que têm potencialidade para apropriar-se dos objetos sociais, simbólicos e materiais (Idem, ibidem). Como nas práticas juvenis de se narrar há a dimensão estético-política, com base nessa abordagem sobre a juventude estabelecemos nova visão epistemológica e apontamos para um objeto que se constitui como sujeito ativo, interferindo na lógica de produção do conhecimento. Oscar Aguillera identifica que

as novas modalidades de agrupação e participação juvenil não estão circunscritas somente a tribos urbanas, mas na verdade também se encontram presentes em termos empíricos e discursivos (sentidos da ação) em grande parte das práticas juvenis. Desde esta perspectiva, as práticas juvenis estariam constituindo sua própria episteme, seu próprio estilo de pensar (...) (AGUILLERA, 2008: p. 357).

Rossana Reguillo (2000) também propõe que pensemos a juventude como lugar metodológico, e, desse modo, serve como norteadora para questionar a realidade, a

cotidianidade e as práticas desses jovens. Balizamos assim as práticas dos *straight edges* como legítimo *locus* metodológico e epistemológico de construção de conhecimento científico.

1.2.3 Coletivos, agrupamentos e movimento

Na dinâmica proposta por Rossana Reguillo (2000: p. 50), agrupamento é a reunião de jovens que não pressupõe organicidade, na qual os sentidos são dados em função dos vetores tempo e espaço. Já o coletivo seria a união de diversos jovens e com certa organicidade, em que os membros compartilham ou não uma atribuição identitária, pois o principal enfoque está no projeto ou atividade desenvolvidos conjuntamente (Idem, ibidem: p. 54). Em vários casos, como observam Delgado, Ocampo e Robledo (2008: p. 203), a formação dos coletivos envolve necessidade ou problema, tendendo a certa estabilidade temporal e unidade programática, porém não tem como característica fundamental gerar movimento social. Como não há obrigatoriedade de envolvimento com temas políticos ou sociais, podem ter como base apenas afinidades e práticas comuns (FEIXA, 1999: p. 144), incluindo a abertura para abarcar diversas expressões juvenis. E, ainda, essa formação pode transcender classes sociais e etárias, suscitadas por sociabilidades de interesse ambiental, cultural ou econômico (DELGADO; OCAMPO; ROBLEDO, 2008: p. 200). Carles Feixa afirma:

um coletivo permite fazer-se em coletividade, respeitando a individualidade de cada um. Todos têm o direito a mudar, a evoluir, a crescer e a enriquecer-se com as experiências que são dadas a si mesmos e não somente aquelas que são impostas pelas instituições sociabilizadoras. Todos têm o direito de abrir seus horizontes afetivos e intelectuais com os amigos e as amigas que os agradam (FEIXA, 1999: p. 144).

As mobilizações organizadas pelos coletivos servem como espaço de troca entre os participantes, negociando valores e engendrando sistemas próprios de significados, esses jovens criam uma ética e um modo de se colocar como sujeitos sociais (DELGADO; OCAMPO; ROBLEDO, 2008: p. 201). As experiências estabelecem visões e interpretações de mundo e são utilizadas para balizar a realidade.

Por outro lado, o conceito de movimento pressupõe conflito ou objeto social em disputa. Nesse caso, os atores sociais são convocados a participar e interferir no espaço público (REGUILLO, 2000: pp. 54-55), o que implica união de diversos coletivos ou grupos

que partilham mesmos valores no momento de um projeto ou atividade. Fora desse contexto, não obrigatoriamente precisam ter os mesmos ideais e, de forma geral, costumam estar associados a ações político-sociais.



Figura 3 World Naked Bike Ride de São Paulo. Evento no qual vários coletivos juvenis, inclusive os *straight edges*, participaram em conjunto.

Os *straight edges* transitam entre o coletivo e o movimento, e identificamos características de um coletivo por terem certa organicidade, estabilidade temporal e unidade programática no desenvolvimento de atividades e projetos. Constata-se esse modelo de organização na formação do núcleo de realizadores da Verdurada, que assim se denominam como um coletivo. No evento em si há integração e fluxo de diversos coletivos. Straw (2002) observou que na interação entre participantes de grupos distintos, mas que conjugam um gosto comum, forma-se uma cena juvenil. No caso de nosso objeto, os encontros são pautados pelos valores paralelos, associados ao consumo cultural e de materialidades. No entanto, os *straight edges* também podem ser percebidos como movimento composto por diversos coletivos, que objetivam criar caminhos alternativos aos do sistema capitalista, e, sem dúvida, têm como campo de ação o espaço público, físico e virtual.

Ressaltamos que é uma nova concepção de movimento que não se baseia nos movimentos sociais tradicionais, nem mesmo para ações diretas, com objetivos claros e

previamente definidos, como dever político e cidadão (CERBINO; RODRÍGUES, 2005: p. 114). O nosso objeto central são as práticas que “de algum modo são insurgentes, e que não se decifram em nenhum cálculo político e ideológico em um sentido convencional” (Idem, *ibidem*). Trata-se, portanto, de um movimento com fronteiras fluidas e negociadas, dentro de um projeto juvenil que une diversos coletivos.

1.2.4 Juventude: expressividades, politicidade e política de visibilidade

Helena Abramo (1994), ao analisar a atuação dos punks paulistas da década de 1990, identifica que a estética daqueles jovens era postura crítica a questões relativas à sua condição e seu tempo. Identificada como maneira encontrada para elaborar o espaço público e intervir nos acontecimentos políticos e sociais da época e como manifestação e expressão do ensejo de participar da sociedade como sujeitos de voz, a atuação desses jovens torna-se forma legítima de questionar a política tradicional, por meio de ações contra-hegemônicas.

Na Colômbia, Carlos Perea (1998) observou que o descrédito na política tradicional e em instituições facilitava o aparecimento de novas formas coletivas de construção identitária. Essas dinâmicas, caracterizadas como ações de politicidade, davam-se no plano das expressividades (ROCHA, 2009). Cerbino contribui para a reflexão, afirmando que

nos usos dos estilos e das modas, em grande medida veiculados pelas indústrias culturais, observa-se a colocação em cena de processos de constituição de um complexo conjunto de significações e representações simbólicas, de tal forma que é possível afirmar que alguns grupos juvenis souberam criar sabiamente um jogo de aparências (CERBINO *apud* Rocha, 2009: p. 985).

Esse complexo conjunto de significações e representações simbólicas, estilos e modas, abre espaço para um jogo de aparências no qual as expressividades estão sendo negociadas entre os atores sociais. Parte da construção dos sujeitos, mas não são eles próprios (FEIXA, 1999: p. 102), as aparências fundamentadas na posse e ressignificação de diversos repertórios criam – não de maneira padronizada e uniforme – performances individuais e coletivas, exposições estéticas como campo de inserção e diferenciação. Na cultura juvenil, as manifestações simbólicas, construídas coletivamente e por um conjunto de elementos materiais e imateriais, são identificadas como estilo (Idem, *ibidem*: p. 98). Representativos dos valores de determinado grupo, os estilos não são necessariamente espetaculares ou

permanentes e também não se realizam apenas na apropriação e utilização de determinados objetos em si.

Slavoj Žižek (2005: p. 18) propõe que “a aparência tem mais peso que a coisa em si, porque designa um modo no qual as coisas em questão estão inscritas em uma rede de relações com os outros”. Na manipulação dos signos e nos jogos performáticos de visibilidade, os coletivos juvenis engajados em ações de politicidade operam na desconstrução das formas políticas tradicionais a, com base na aparência, negociam os próprios valores e reafirmam a identidade como sujeitos sociais.



Figura 4- Show do Point of no Return, na Verdurada, em 1999.

Segundo Beatriz Sarlo (2004: p. 36), a “juventude não é uma idade e sim uma estética cotidiana”. Na disputa entre o ser e o parecer, os jovens, como consumidores efetivos ou imaginários, encontram – no mercado de mercadorias e bens simbólicos – discursos *fast* preparados especialmente para eles (Idem, ibidem: p. 40). A estética está no interstício dessa velocidade de produção e circulação, combinada à alegoria da juventude, na qual tudo deve ser renovado a cada momento. Ainda, para essa autora, a cultura juvenil é retroalimentada e impulsionada por esse movimento, que não aceita e até mesmo expulsa os impostores que não cumprem as condições de idade e entram em uma guerra geracional cosmética (Idem, ibidem: p. 39). Conceitos superlativos em nossa sociedade, “sejam belos, sejam amorosos, sejam jovens” (MORIN, 1984: p. 157), reproduzem a eterna luta para se manterem jovens.

Na contramão dessa proposta de sociedade, as práticas dos *straight edges* traçam rotas alternativas de consumo e não consumo, tentam colocar-se à parte da dinâmica da novidade. Boicotando e burlando o sistema capitalista, desenvolvem formas alternativas de construção identitária e de se posicionar como sujeitos sociais. Com isso, propõem uma

política de visibilidade fundamentada em ações contraculturais⁴ desenvolvidas nas práticas cotidianas (CERBINO, 2009: p. 62), isto é, concretizam uma politicidade de superidentificação (DUNKER, 2005).



Figura 5 - Cartazes da Verdurada em meio a diversas outras interferências urbanas.

Por último, ainda retomando a elaboração imagética e identitária, recorremos ao conceito de ideopaisagem de Arjun Appadurai (2004: p. 51). Para esse autor, ideopaisagens são “construções profundamente perspectivadas, inflectidas pela localização histórica, linguística e política de diversos atores sociais” (Idem, *ibidem*) e, por meio delas, os atores sociais formatam visões de mundo e estabelecem sentidos pessoais sobre a cultura em que vivem. Quando os coletivos jovens se apossam e interferem em paisagens – sonoras, visuais, urbanas, estéticas –, atribuem significados a experiências subjetivas. Criando paisagens ideológicas próprias, engendram processos comunicativos que passam fortemente por uma sensibilidade específica da juventude ou das juventudes (MARTÍN-BARBERO, 2008: p. 21), no plural, pois não há uma cultura juvenil⁵ no singular, mas uma heterogeneidade interna da

⁴ Como contracultura entendemos as práticas e ações em oposição às pressões-servidões do meio urbano e às pressões organizacionais profundas da complexidade social (MORIN, 2009: p. 131).

⁵ Para nossa reflexão sobre a definição de “culturas juvenis”, em lugar de “subcultura”, conceito utilizado pelos Estudos Culturais, pois, como ressalta Carles Feixa: “Esta mudança terminológica implica também mudança da forma de olhar o problema, que transfere a ênfase da marginalização à identidade, das aparências às estratégias, do espetacular à vida cotidiana, da delinquência ao ócio, das imagens aos atores” (1999: pp. 84-85).

mesma (FEIXA, 1999: pp. 84-85). Nessa pluralidade, alguns jovens escrevem com códigos idealmente decifráveis apenas pelos participantes da mesma cena, buscando diferenciação dos demais jovens e coletivos. Já, em outros casos, os idiomas juvenis que estão em seus rituais de vestir-se, tatuar-se, adornar-se e, até mesmo, modificar o corpo por meio de dietas, adequando a aparência aos padrões midiáticos e publicitários. Como percebe Martín-Barbero,

(...) o que parece mais valioso nessas narrativas é o exercício de especiais saberes provenientes de uma experiência sensorial – os modos como os jovens habitam o território e suas memórias – e de uma competência de tornar coletivo o que é capaz de assinar sua temperatura no termômetro das violências e dos gostos, especialmente as sonoridades, os cheiros e os sabores (MARTÍN-BARBERO, 2008: p. 29).

Todas essas questões – jogos de aparência, estética e culturas juvenis, políticas de visibilidade, construção identitária pessoal e coletiva – são fundamentais para pensar a cena musical do rock. Para Jeder Janotti (2003: p. 21), as práticas estéticas e performáticas são características que demarcam a participação dos jovens no universo musical. Ainda mais em uma cena tão particular quanto a do *hardcore punk straight edge*, na qual “o barulho, o decalque, o ornamento e as superficialidades passam a operar como traços positivos, fontes de prazer” (Idem, ibidem). Amaya (1998: p. 247) observa que o consumo do rock pode ser identificado como transcendente, em que rituais e emoções permitem acesso diferente às experimentações juvenis que não provenham da vida cotidiana. Esse gênero musical é espaço para expressões e processos comunicativos.

A partir das propostas barberianas de reconstituir cartografias afetivas por meio dos vestígios e narrativas juvenis, procuramos identificar quais os códigos, mensagens e significados que os *straight edges* utilizam para a construção de sua identidade como grupo. O universo do rock, incluindo letras de músicas e performances das bandas, torna-se rico espaço de análise, é lócus bastante particular para observar representações e diversos engajamentos tornados reais por esses jovens. Cultura musical e manifestação juvenil, o *hardcore* funciona como dispositivo de relações sociais e sociabilidades (JANOTTI, 2003: p. 19) ou, como propõe Martín-Barbero (2008: p. 230), é verdadeira vinculação e profundo intercâmbio de sensibilidades e subjetividades.

2 – O MOVIMENTO *STRAIGHT EDGE*: NASCIMENTO E TRAJETÓRIAS DOS “PUNKS LIVRES DE DROGAS”

2.1 A CENA *STRAIGHT EDGE*: PRIMÓRDIOS E INFLUÊNCIAS DO MOVIMENTO

2.1.1 A trajetória do *rock*: o estilo musical como formatador de novas formas de experimentar a condição juvenil

Nas primeiras três décadas do século XX, o mundo ocidental vivenciou duas grandes transformações na cultura musical: a criação dos gramofones e, posteriormente, das rádios. Diversamente do que se observava em qualquer momento anterior, esses aparatos sonoros estavam inseridos nos domicílios, influenciando e participando diretamente do cotidiano. A dinâmica de produção, fruição e escuta que havia se estabelecido com o áudio modificava-se completamente, abrindo a possibilidade de se ter uma escolha em certa medida individualizada, formatando o que se nomearia como um gosto musical próprio. O compartilhamento advindo dos espaços coletivos, como salões de baile, casas de show, teatros e outros ambientes até então considerados apropriados para ouvir música, começa a conviver com a experiência privada de escuta sonora.

Havia a constituição de um novo universo de produção, circulação e consumo musical, e questões como autoria, reprodução e unicidade tornaram-se centrais já naquele momento, em que nascia uma musicalidade considerada mais acessível às camadas populares, que inspiraria as demais expressões e estilos que viriam posteriormente. Era a primeira ocasião na qual uma parcela da população, excluída do cenário de consumo musical elitizado, tinha acesso às novas formas de produção de sentido (JANOTTI, 2003: p. 29).

Também naquele momento, paralelamente à privatização do ouvir, o mercado da música começava a recorrer aos dispositivos midiáticos, principalmente aos meios de comunicação de massa e às publicações especializadas em entretenimento, que estavam “pipocando”, para promover suas estrelas. Assim, toda a cena musical, mediada, passa a igualmente compor o dia a dia de milhares, consolidando a experiência de uma recepção moderna da cultura. Novas profissões se consolidavam, como autores, intérpretes, empresários, assessores e promotores de eventos, casas de shows eram inauguradas, críticos buscavam padrões incessantes de avaliação das canções, e a audiência estava imersa no caldo de transformações culturais, em que consumidores ocasionais se misturavam aos colecionadores. Experimentações sonoras eram compartilhadas, com diversidade e dinamismo

(JANOTTI, 2003: p. 28; KEMP *apud* Gonçalves, 2005: p. 66), e, na complexa e inovadora cena, uma batida diferente, com letras fáceis de serem decoradas e cantadas, era adorada por diversos segmentos juvenis, bem-vindos ao planeta *Rock'n'roll*.

Na década de 1950, a conjuntura política, econômica e social mundial era de grande complexidade e tensão. Depois das duas grandes guerras, países como França e Alemanha começavam a se recuperar financeiramente e a planejar o futuro de seu povo. Como consequência, outra ordem internacional é constituída, na qual as culturas mais influentes, como a dos Estados Unidos, lutavam por hegemonia, mediante a divulgação ostensiva e sistemática de novos estilos e produtos. Na via sombria do processo, e convivendo com um turbilhão de mudanças, milhares de trabalhadores ficaram desempregados e sofriam com a falta de perspectiva. No bojo de todos esses acontecimentos começa a tornar-se visível o conceito contemporâneo de juventude (REGUILLO, 2000: pp. 23-24).

No chamado Primeiro Mundo ganham força as reivindicações (midiáticas, políticas e mercadológicas) relacionadas à defesa das crianças e dos jovens, como sujeitos de valores e, especialmente, sujeitos de consumo. Com os enormes investimentos na cena musical norte-americana e toda a influência sobre os países periféricos, em especial latino-americanos, rapidamente a concepção do lugar juvenil é disseminada. Aliado às novas formas de musicalidade e aparelhos cada vez mais modernos de áudio, um “modelo juvenil” atravessou o Atlântico e influenciou inclusive os países europeus (REGUILLO, 2000: pp. 24-25). A cultura midiática, principalmente televisão e cinema, contribuía para que esses valores, associados à juventude, fossem dinamizados em cadeia industrial. Há, nesse contexto, a clara tentativa de disseminação de um modelo, bastante específico, que se propõe como referente global e universal, do que se deveria considerar juventude. Explodia a criação de produtos para esse segmento e se estabelecia uma nova cultura estético-sonora. Rapidamente, muitos jovens aderiram a esse universo, ouvindo o som das novas bandas e copiando a nova maneira de se comportar, que envolvia gírias, modos de se portar, vestuário e corte de cabelo (JANOTTI, 2003: p. 30).

A relação entre essa juventude – consumidora e idealizada – e os padrões desviantes não escaparia à lógica da midiaticização da existência. No cinema, algumas produções hollywoodianas ajudavam a construir o estereótipo da juventude rebelde, e James Dean era o ícone dessa postura (MORIN, 1984: p. 155). Em 1955, o filme *Sementes da Violência*, dirigido por Richard Brooks, com trilha musical que tinha uma diferente batida contagiante, apresentava ao mundo o *rock'n'roll*. Estrelado por Glenn Ford, a narrativa acontece em uma escola estadunidense, secundária e pobre. Os estudantes daquele lugar

eram indomáveis e violentos, não pesando as consequências de seus atos. A música tema era “Rock Around the Clock”, interpretada por *Bill Haley & his Comets*. Nas salas de cinema, muitos espectadores não resistem ao som e acabam dançando durante a sessão (BIVAR, 2001: pp.8-9) e, na mesma época, aparecem outros filmes que reafirmam a postura da rebeldia e dos embates com o mundo adulto, como o *Rebel without a cause* (Nicholas Ray), com a interpretação expressiva de James Dean e *The wild one* (László Benedek), com Marlon Brando.



Figura 6 - Cartaz do filme *Rebel without a cause*, com James Dean.

Personagens eleitos verdadeiros heróis por alguns daqueles jovens (MORIN, 2009: p.138), que encontram nos modelos da indústria cultural a possibilidade de experimentar aventuras imaginárias, um estilo estético-lúdico e a individualidade (MORIN, 1984: p. 155). Imbricada à nova postura juvenil nascente, e fermentada por referenciais midiáticos e iconoclastas, há a não adesão ao mundo adulto, traduzido como burocrático, mentiroso, repetitivo e mortificante (MORIN, 1984: p. 156; Idem, 2009: pp. 133-138).

Ancorada e disseminada pela cultura de massa, e formatando padrões polarizados, as representações sobre a juventude foram forjadas em modelos dicotômicos: a) renunciando certa idealização e romantização da juventude que, especialmente naquele momento, era concatenada na lógica da pujante indústria cinematográfica hollywoodiana; b) demonizando a condição juvenil, associando-a à delinquência, à violência, aos excessos (drogas, sexo, relações afetivas, rebeldia) e às práticas fora da lei (MORIN, 1984: p. 156; REGUILLO, 2000: p. 19). Nessa ambivalência, os produtos culturais, cooptados por estratégias mercadológicas, em especial música e cinema, emergem como espaços de cristalização de um mito de juventude.

A articulação entre os produtos midiáticos que emergiam e uma cultura urbana que tomava nova gramatura indicava a conformação de uma cena musical, configurada pela participação de diversos agrupamentos juvenis, que se reuniam em torno de interesse comum, aqui focado pelo consumo do rock, e fornecia referências estéticas (moda, gírias, gestos) que se articulavam à experiência de uma sociabilidade fundamentada pelo gosto e escolha de determinado estilo musical.

Tendo como pano de fundo as metrópoles, as cenas emergentes estabeleciam limites de adesão entre os atores sociais juvenis e promoviam os cruzamentos entre os diversos agrupamentos que se formavam. Essas fronteiras, que não eram rigorosamente projetadas, davam margem para uma mobilidade de troca e de ressignificação entre culturas e movimentos distintos. Como ressalta Straw (2004: p. 412), características fundamentais moldaram a relação entre participantes e a formação da cena, como a localização (geográfica e temporal), gênero da produção cultural (estilo musical, cultura popular) e os espaços nos quais acontecem essas práticas (casas de shows, parques, bares). Porém, de forma geral, há uma lógica interna em cada um dos segmentos que corresponde à uma formulação quase universal, na qual a aparência de estar inserido é mais importante do que compreender, com mais profundidade, os meandros e valores envolvidos. A participação é fundamentada por uma atitude performática, que inclui consumos próprios (STRAW, 2004: p. 413), e que se configura como influências essenciais para uma nova constituição do juvenil.

O rock já era reconhecido como gênero musical juvenil que se caracterizava por práticas de consumo coletivas e contribuía para novas formas de sociabilidade. Ele permitia a identificação e a expressão de um modo de vida que se caracterizava como maneira original de manifestação dos valores e estilos que esses protagonistas sociais escolhiam e formatavam para si (JANOTTI, 2003: p. 27). O próprio gênero musical era ressignificado por cantores que explodiam na cena musical, como Elvis Presley. O cantor fazia inusitada e empolgante mistura de *rock'n'roll* com *rhythm-and-blues* americano, unindo a cultura dos “brancos” americanos à dos “negros”, rompendo com muitos preconceitos sociais vigentes até então. O Rei do Rock introduziu nova postura de palco, mesclando a sonoridade com dança fluida, que não exigia dos fãs nenhuma codificação complexa, mas a ousadia de movimentos. Os jovens que participavam dessa cena estavam ansiosos por novas formas de experimentações e sensibilidades, nessa época, inúmeros programas de rádio eram transmitidos voltando-se para o segmento juvenil que se formava. Em vários lugares do mundo ferviam as bandas de garagem e muitos jovens abandonavam os estudos com o sonho de se tornar famosos. Aparelhos fonográficos, como vitrolas, eram cada vez mais acessíveis, e foram desenvolvidas

novas mídias, como os LPs, assim, formava-se uma verdadeira cultura do rock, com meios próprios de produção, circulação e consumo.

O pensamento existencialista cinquentista europeu foi influência vital para a conformação de uma postura em relação à resolução dos problemas mundiais e às possíveis transformações sociais que poderiam ocorrer. Na França do pós-guerra, nas margens do rio Sena, um grupo de artistas, escritores e filósofos se reunia para refletir e questionar a própria existência. Consideravam que outras guerras viriam, independentemente das circunstâncias, e que todos sairiam perdedores. As imagens da rosa ou do cogumelo, como foram apelidadas as explosões das bombas atômicas, estavam cravadas na memória. Para eles, Deus estava morto, e vinha à tona a realidade de que todos os seres humanos eram finitos. Com isso, exercer a capacidade de julgamento da responsabilidade perante a vida, a liberdade individual e a subjetividade do ser humano era mais do que necessário, tornava-se fundamental. Como definia Jean-Paul Sartre, um dos expoentes dessa linha filosófica: “A existência precede e governa a essência”. Para o filósofo, à medida que são experimentadas distintas vivências, o pensamento é redefinido, adquire novos conhecimentos e, em consequência, estabelece inédito significado para a própria existência. Simone de Beauvoir e Albert Camus também participavam do movimento, unindo pensamentos de esquerda e uma série de outras influências, como a metafísica e a poesia surrealista.

Nos EUA, o *Movimento Beat* se transformava em realidade. Composto por jovens letrados oriundos das classes baixa e média que queriam fugir dos rigores família-futuro-vida doméstica, ser um *beat* era o sonho de ter controle sobre a vida e experimentar a liberdade que, de alguma forma, estava alinhada ao pensamento existencialista europeu. Os jovens retomavam a posição intelectual do naturalista Thoreau, com a poesia de Walt Whitman. Se no primeiro havia a concepção de desobediência civil individual como forma legítima de oposição ante o Estado injusto, o segundo propõe a exaltação da subjetividade do indivíduo. A vida aventureira e nômade era o grande ideal, e na liberdade do homem estava a riqueza do espírito. Com isso, os fundadores do movimento saíram de seu país rumando a novas aventuras: Willian Burroughs em Tânger, Allen Ginsberg no Tibet, Jack Kerouac *on the Road*. Quando esses sonhadores regressavam, traziam novidades, como o zen-budismo, a meditação transcendental, a vida ao ar livre e a celebração extrema de si em harmonia com o universo. Momento de expressar a afirmação do niilismo irascível, a revolta, o desprezo e a nova forma de experimentar a adolescência-juventude (MORIN, 1984: p. 155). Na mistura de linguagens e experimentações lisérgicas, Jackson Pollock faz pinturas abstratas, buscando continuamente imagens que representassem sensações subjetivas. Tudo isso embalado pelos

instrumentos e variações rítmicas do jazz, especialmente de Miles Davis (BIVAR, 2001: pp. 12-15).

Nessa mistura de linguagens – filosóficas, estéticas, culturais –, inúmeras experimentações musicais começam a decolar com o auxílio de uma poderosa indústria midiática. Nos anos de 1960, na Europa, uma banda inglesa explodiu nas rádios e nas vendas de LPs, influenciando os jovens do mundo ocidental. Estavam em cena os Beatles, trazendo interessante mescla do blues e do afro-inglês com o rock. Como lembra Jeder Janotti (2003: p. 41), nessa década os atores juvenis estavam cada vez mais desiludidos com o cenário pós-guerra, com promessas e sonhos de abundância, tranquilidade e paz. Os dispositivos sociais – escola, família, mercado de trabalho –, que deveriam dar suporte para que os projetos de vida fossem concretizados, não conseguiam mais fornecer condições para tal. Com isso, havia descrença na autoridade adulta e nos aparelhos repressores, especialmente nas polícias. De certa maneira, o rock surge como espaço de fácil acesso para que muitos se expressem, pois representava muito mais do que um estilo musical, mas a possibilidade de se fazer visível em uma sociedade que estava enfraquecida. Abria-se uma porta para ensaios estéticos, que abarcavam a comunicação das angústias e valores nos quais aqueles sujeitos juvenis estavam se engajando.

A letra das músicas tornava-se mais crítica diante da situação político-econômica e dos princípios normativos pregados pelas instituições tradicionais. Nesse momento, começava a se consolidar um mercado alternativo de produção/distribuição/reprodução que “conferia um caráter mais aut centrado e intelectualizado no consumo do rock” (JANOTTI, 2003: p. 42). Na contramão das décadas anteriores, nas quais o jovem era representado como rebelde sem causa, nos anos de 1960 eles adquirem visibilidade como agentes ativos no cenário político, econômico e social do mundo ocidental. Exigindo mudanças nas macro e microestruturas, reivindicam espaços de participação, para além do consumo, mas assumindo-se como sujeitos sociais (REGUILLO, 2000: p. 19). Numa lista dos principais processos, ações e circunstâncias que ocorreram naquela década, das mais banais às de maiores repercussões, havia jovens envolvidos. Na arte pode-se citar a pop art, com seu patriarca Andy Warhol, os *happenings*, o pós-abstrato e o neofigurativismo. No âmbito político, o fortalecimento das esquerdas, a elite e o Partidão (PC); todos os significados que envolviam Cuba e as ações de Fidel e Che. O aumento da produção e da circulação das drogas e dos alucinógenos; o *boom* do Flower Power, conhecido também como *hippie generation*; Broadway e as grandes produções, como *Hair*; imprensa alternativa e indústria artesanal; religiões orientais, ioga e meditações; o movimento estudantil, especialmente o Maio de 1968;

a guerra do Vietnã e as atrocidades dos períodos militares em diversos países; os grandes festivais como Monterey Pop Festival, Woodstock Music & Art Fair e a The Isle of a Wight Festival, com a máxima “sexo, drogas e rock’n’roll”. E, cabe ainda ressaltar, os protestos de Bob Dylan, que influenciava os jovens com sua leitura particular do folk, e canções dissidentes, que ajudavam a disseminar amplamente os novos valores: felicidade, amor, lazer, entre outros (MORIN, 2009: p. 139). Tratava-se de um momento ambivalente que oscila entre o tradicional e as rupturas. Nas palavras de Bivar (2001),

nada existe em separado – por mais elitista (da esquerda ou direita, de cima ou de baixo, de dentro ou de fora, rico ou paupérrimo) que possa ser; e quer queiramos ou não, as ondas acabam sempre com suas águas misturadas (quando não de todo turvas) (BIVAR, 2001: p. 20).

A geração de 1970 chegou rompendo muitos paradigmas da cena rock. Dispostos a destruir o passado e consolidar inédita proposta musical, os novos cantores davam declarações bombásticas, como Lou Reed, que disse numa entrevista: “nunca suportei Bob Dylan”, ou como David Bowie: “Ela [Alice Cooper] podia ser um pouco mais honesta”. O som não era atacado, mas os ícones que representavam determinadas posturas e tendências. Ao longo da década, a ordem que se fortalecia procurava construir estrelas que fariam carreiras solo, em oposição às formações das bandas precedentes. Os holofotes iluminavam cantores que possuíam atitude diferente, independentemente do grupo que o acompanhava. Declaradamente, estar no palco era encenação e, de preferência, deveria causar alvoroço entre os fãs. Eram inúmeros os músicos performáticos, e o rock era cada vez mais glamourizado, ou, como Bivar (2001) prefere denominar, é a fase chique do rock.

Segundo Janotti (2003: p. 47), essa década foi marcada pela bifurcação do universo roqueiro, com duas principais correntes dominantes: a) a que valorizava a música pop, com alguns elementos do rock; b) a que surgia de formações roqueiras que buscavam posicionamentos diferentes no estilo musical rock. E nessa segunda vertente, pela primeira vez o punk se fez presente, trazendo como principal discussão o próprio rock.

De qualquer forma, vale ressaltar que, no final da década de 1980, a linha mais pop do rock começa a participar do que se chamou “Guerra de Estilos”. A experimentação das metrópoles possibilitava que os coletivos juvenis encontrassem seu próprio estilo estético e a palavra “moda” sai de moda. O *stylepower* era então cultuado. A moda era seguida por pessoas que dependiam de revistas e da cópia dos modelos dos artistas para se vestir, enquanto “o estilo é ser você mesmo com propósito”, como preconizava o escritor e ator Quentin Crisp (BIVAR, 2001: p. 77). Na mistura do *stylepower* com a música punk, aparece o

denominado neorromantismo, que acabou sendo copiado por estilistas como Yves Saint Laurent e Kenzo. Na mesma época, outros movimentos mais efêmeros surgem ou retomam a cena musical: new wave, futuristas, rock trabalhistas, *rockabilly*, *beatnick* e os neopsicodélicos (Idem, ibidem: pp.82-83).

2.1.2 *Do it yourself*: o movimento punk contra tudo e contra todos

A data e o local de nascimento do movimento punk são controversos. Para alguns de seus estudiosos pode-se afirmar que surgiu na cena de Nova York, no final dos anos 1960. Para outros, seu berço seria a Inglaterra, entre 1975-76. Superando o embate, Veneza Ronsini (2007) propõe que os nova-iorquinos teriam inventado o estilo musical, ao passo que os ingleses popularizaram a atitude política e o visual colorido. Colaborando com a discussão, Janice Caiafa (1985: p. 10), uma das primeiras analistas brasileiras a estudar o movimento, afirma que o punk estadunidense aconteceu de maneira mais amena, e na Inglaterra assumiu o caráter de explosão que transformou a cena underground. Nos EUA, o punk teve sua efervescência musical mais centrada nas casas de shows do que numa vivência contracultural, e foi formada precariamente no subúrbio, baseada na concepção do “que se dane” (GONÇALVES, 2005). Para Morin (2009: pp. 138-139), esses espaços eram marcados por uma experiência de fantasia, um desejo de liberdade e de autenticidade que estavam se constituindo como verdadeiras identidades (ou imaginários) juvenis de autonomia. Foi nessa época que um dos locais undergrounds mais famosos dos EUA, o CBGB & OMFUG (Country, Bluegrass, and Blues and Other Music For Uplifting Gormandizers) foi aberto, no qual bandas emblemáticas daquele momento fizeram seus shows, como o Ramones. Era a maneira de espantar o torpor hippie e a sofisticação do rock progressivo, que exigia maior conhecimento e preparo musical (GONÇALVES, 2005: p. 65). O punk norte-americano foi construído como estilo musical, enquanto para os jovens ingleses era necessária a mudança de comportamento e de estilo de vida para considerar-se verdadeiramente punk.

Na verdade, tem-se que o termo punk é anterior ao próprio movimento. Shakespeare, no século XVI, já utilizava a expressão em suas peças, sempre a associando a algo negativo. Em *Medida por Medida*, um dos personagens explica que determinado casamento não era interessante, pois “casar com um punk, meu senhor, é apressar a morte”. Para o autor, o termo era a afirmação das piores situações, como sujeira, falta de caráter e pobreza (BIVAR, 2001: p. 20). Em 1973, a banda de rock Mott the Hoopetoma o conceito em sua música *Wizz Kid*, usando a frase “seu pai é um punk e sua mãe uma bêbada”. Até então, nos dicionários e numa

varredura pela literatura de língua inglesa, o termo ‘punk’ aparece como adjetivo ou substantivo adjetivado. A diferença de significado que estava se formando era a ligação da expressão a um movimento que mudou a perspectiva de vida dos jovens que nele se engajaram (BIVAR, 2001: p. 40; O’HARA, 2003: p. 31).

Para o universo musical, punk foi a denominação encontrada pelas bandas inglesas (1976/77) para conceituar um tipo de som que arremessava o rock em diversas direções, de maneira extrema e sem retomada. O punk rock, sem dúvida, propunha-se a destruir paradigmas e não deixar nada salvo na cena musical. Com certeza, causou grande alvoroço em instituições governamentais, uma nova atitude, numa velha sociedade, era o grande paradoxo (CAIAFA, 1985: p. 9). Com a impossibilidade de adquirir equipamentos, o som punk se consolidava e proliferava como a música de três acordes. O lema era “produzindo experimentando” ou vice-versa, “experimentando produzindo” (Idem, ibidem).

A postura formatou um estilo de vida com comportamentos e valores bastante particulares, estabelecendo novas práticas juvenis de consumo, evidentemente cultural e inevitavelmente material. Os punks ingleses, para criticar a padronização da moda, apropriavam-se de objetos que a sociedade considerava lixo, estabelecendo nova cultura estética, marcada pelo vestuário pesado, roupas pretas e de couro, cabelos coloridos como moicanos, adereços, tatuagens e piercings (RONSINI, 2007: pp. 123-124).

No final da década de 1960, início de 1970, a Grã-Bretanha passava por séria recessão econômica, fruto da crise do petróleo, que desestabilizou a economia mundial, com estrondosa repercussão na Europa, gerando desemprego de muitos jovens e deixando a sociedade inglesa em condições sociais precárias. A decadência do país afetava a credibilidade da monarquia e do sistema parlamentar, anunciando-se um novo tempo para as políticas conservadoras, personificadas por Margareth Thatcher (FEIXA, 1999: p. 149).

Havia um clima de insatisfação e de frustração pela alienação e falta de acesso aos meios de produção, que atingia diretamente os jovens da classe operária. Com muito tempo ocioso para se encontrar e “passar o tempo” juntos, as primeiras letras de protesto são escritas como manifesto da insatisfação diante da situação socioeconômica do país e rapidamente ganharam ritmo improvisado e foram disseminadas nas periferias urbanas. Expressando muita fúria, o conformismo era repudiado, pois, percebido como formador de opiniões e comportamentos, considerava-se que tal atitude guiava a sociedade para uma alienação generalizada, cegando as pessoas, para não se questionarem sobre aspectos de trabalho, raça e sexo, entre outros. Com ironia, celebravam a destruição e a falta de possibilidades socioeconômicas como forma de chocar e incomodar a sociedade (GONÇALVES, 2005: p.

65). As autoridades eram imputadas como responsáveis pelas regulamentações de um sistema autoritário e fechado, e os jovens procuravam maneiras de propor ações que desestabilizassem a estrutura estagnada (ARONSON, 1972: p. 16). O punk viria como intervenção política direta e imediata nos bairros periféricos, e acabou atingindo as instituições tradicionais inglesas (CAIAFA, 1985: p. 11).



Figura 7 - Pôster do single *God save the queen* (1977), da banda punk inglesa Sex Pistols, considerada precursora e uma das mais importantes referências para o movimento punk. O cartaz é criação do designer Jim Reid.

A própria estética do movimento punk funcionaria como arma de questionamento, na qual todas as partes do corpo estão sempre prontas a atacar. Basta observar pregos, pinos e o moicano devidamente projetado como uma lâmina que salta do estilete (Idem, *ibidem*: p. 13). As garotas, chamadas punkas, maquiavam-se com cores carregadas e pintavam os cabelos com tintas reluzentes; vestido curto de malha, camisa xadrez masculina e gravata compunham o visual *girl underground*. Carles Feixa (1999: p. 151), ao analisar os jovens punks espanhóis, relata que os corpos-imagens eram reivindicados como espaços próprios, individuais, por conseguinte, havia total liberdade para modificá-los. A representação criada sobre e por esses jovens era o próprio retrato dos sintomas sociais, convertidos em verdadeiras imagens agressivas de protesto (Idem, *ibidem*: p. 152). Como observa Gary Bushell sobre o estilo de vida dos punks:

A primeira regra do punk é que não existem regras. Punk é quebrar regras e não criá-las. É não estar preocupado em usar a roupa certa ou dizer clichês certos, mas pensar por si. Punk é liberdade de palavra e espaço para mover-se. Punk tem que continuar como o veneno na máquina.
(GARY BUSHELL *apud* Bivar, 2001: p. 85. Trecho do fanzine *Punks Not Dead*, 1981)

O punk sempre foi contra qualquer organização política, antissistêmicos, rechaçavam todas as instituições – família, escola, governo – e não eram a favor da esquerda e muito menos da direita. O único pensamento que lhes agradava era o anárquico, como forma de exteriorização de sentimento muito forte de revolta contra todos os seres humanos, toda exploração e opressão. Um dos principais álbuns do começo do movimento foi o *Nervermind the bollocks*, composto pelo Sex Pistols, e teve como uma das músicas expoentes “Anarchy in the UK”, na qual ressoavam os versos “eu sou um anticristo, eu sou um anarquista/ não sei o que eu quero/ mas estou aqui para destruir”. Anarquismo era o conceito teórico, e a destruição, a prática de seus ideais (BIVAR, 2001: p. 59), com isso, havia autorização e exacerbação de um comportamento bastante rude, com atitudes violentas, uso excessivo de drogas e álcool e licenciosidade sexual.

A expressão de ordem era *Do it yourself*, produza sua própria banda, crie seu próprio fanzine,⁶ costure sua própria roupa, e não deixe de se posicionar diante da sociedade.⁷ Assim como o *Sniffing Glue*, centenas de publicações foram aparecendo como verdadeiros manifestos contra todos os tipos de injustiça. O Sistema era a representação do grande vilão tirânico, e a imprensa era vendida aos interesses comerciais, portanto, a salvação estava em criar meios de comunicação alternativos.

Com o circuito underground se formando e o número de bandas crescendo, solidificou-se um ideário em torno do que era ser punk, e uma postura mais contundente se criava. Quase em uma disputa de “bizarrices”, as bandas procuravam alternativas para chocar o público: artistas vomitavam no palco, cuspiam nos músicos, cortavam-se e se mutilavam na frente dos fãs com todo o tipo de instrumentos cortantes. A plateia revidava atirando cadeiras, garrafas de cervejas e tudo que estivesse à mão (O’HARA, 2003: p. 39). Como escreveu Steve Mick no fanzine *Sniffing Glue*:

Se você estava no Club 100 durante o festival punk e leu todo o lixo que a imprensa publicou sobre as brigas, sangue e garrafadas, você agora certamente estará com medo, pensando em massacre toda vez que fala em show de punks. Está certo que alguns idiotas atiraram copos e isso foi mau, mas isso pode acontecer em qualquer show de *rock hippie* também, como sempre aconteceu. É uma estupidez jogar a culpa de violência no punk e distorcer a verdade. (...) Saiam e comecem seus próprios fanzines, ou mandem suas críticas para a imprensa do Sistema, vamos pegá-los pelos nervos e inundá-los com a escrita punk. (STEVE MICK *apud* BIVAR, 2001: p. 54)

⁶ *Fanzine* é publicação independente e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa em fotocópias ou pequenas impressoras. Esse tipo de criação era muito comum na cena pré-internet, mas foi substituído pelos e-zines ou e-fanzines.

⁷ Influenciadas pelo Sex Pistols, surgiram diversas bandas em curto espaço de tempo, como The Clash, The Damned, Buzzcocks, The Stills, The Banshees, Vibrator, Sham, 69, UK Subs, entre outras.

Paradoxalmente, com o estouro das bandas e o reconhecimento, as músicas se tornavam mais comerciais, os shows eram apenas opção de entretenimento, e os músicos estavam perdendo a interação com o público. A cólera da cena punk inicial se esvaía, era apenas uma encenação que embalava a juventude. Suas contestações tomavam distintos rumos e davam maior atenção à crítica de todo tipo de preconceito (racial, sexual, de classe e gênero), além de abordar temas como pacifismo, anarquismo, anticonsumismo e preservação ambiental (RONSINI, 2007: p. 124). Dessa maneira, emergiam rituais centrados mais na socialização dos jovens do que na contestação do sistema capitalista. As rodas de pogo⁸ e o batismo⁹ punk eram estimulados como forma de pertencimento ao movimento, mesmo por aqueles que não tinham os ideais *hardcore*.¹⁰

2.1.3 Enquanto isso no Brasil: a explosão dos 1960 e 1970

Na década de 1950, com as propostas desenvolvimentistas de Juscelino Kubitschek, e o slogan “50 anos em 5”, o automóvel havia se tornado o sonho de consumo de grande parte da população e ajudava a movimentar a economia nacional. O mesmo acontecia na construção civil, com a criação do Banco Nacional de Habitação (BNH), houve especial fomento à compra da casa própria. Em 1968 e 1969, começava o chamado Milagre Econômico, elevando o PIB nacional em cerca de 11,2% (FAUSTO, 2006: p. 265). Em termos econômicos, o Brasil teve significativo progresso, com a recuperação das indústrias automotivas, de produtos químicos e materiais elétricos.

Já a próxima década, de 1960, foi marcada pela repressão militar. O país habituava-se forçadamente aos Atos Institucionais e, especialmente a partir do AI-5, o núcleo militar do poder concentrou-se com mais atenção nas comunidades de informações. Na época, novas cassações e perda de direitos políticos atingiam as instituições, e estabeleceu-se dura censura aos meios de comunicação. A tortura tornou-se parte das ferramentas e métodos do governo, desaparecem estudantes, trabalhadores, políticos, engajados, e os aparelhos repressores funcionavam em grande velocidade e força.

⁸ Pogo é dança típica do movimento punk, na qual os participantes dançam em roda, se empurrando e batendo.

⁹ O *batismo punk* seguia a lógica de que, quando um jovem queria se tornar *punk*, deveria sozinho enfrentar os *punks* antigos em uma luta. Quando o batismo era mais brando, o novo membro era submetido a uma intimação, verdadeiro e violento interrogatório para certificar-se de que tinha atitude *punk*. Essa prática permaneceu até a década de 1990 (GONÇALVES, 2005: p. 74).

¹⁰ Estilo de rock que possui batida bastante pesada.

Nas indústrias, ocorreram duas grandes greves, consideradas “agressivas”: em Contagem (MG) e em Osasco (SP). Unidos, trabalhadores e estudantes se juntaram para ocupar parques industriais e criar novas táticas de subversão ao sistema militarizado. Alguns grupos juvenis começavam a ser influenciados pelos grupos de guerrilha, que se formavam em vários países da América Latina, estimulados pela Revolução Cubana. Com a perspectiva de que somente a luta armada aniquilaria a ditadura, grupos fazem ações pelo território brasileiro, especialmente em São Paulo, como a bomba instalada no consulado americano e expropriações para reunir fundos (FAUSTO, 2006: p. 264).

Os jovens brasileiros representavam um papel importantíssimo contra as arbitrariedades dos militares. Como um dos principais alvos da repressão, a União Nacional dos Estudantes (UNE) tinha sido obrigada a parar suas ações, além da sua sede, no Rio de Janeiro, ter sido incendiada. Centenas de estudantes começam a viver na clandestinidade, mantendo ações políticas pró-democracia.

Na mesma época, em um contexto global, havia uma exaltação ao desenvolvimento científico e o nascimento da preocupação ecológica. Momento de devaneio com as aventuras espaciais, a dimensão do homem cara a cara com o enorme e o ínfimo. Os astronautas americanos haviam pisado na Lua poucos anos antes (1969), um feito televisionado como momento mágico e ficcional. A tecnologia era parte de um plano desenvolvimentista; em oposição, os movimentos pró-ambientais se mobilizavam contra as grandes indústrias, e *Fugere urbem* (Fuja da cidade) era uma das ilusões contraculturais da época (WISNIK, 2005: p. 27).

Houve grande avanço nas telecomunicações naquela época, e as facilidades criadas pelo governo elevavam o número de famílias que possuíam TV. Acredita-se que no começo dos anos 1970 cerca de 40% dos lares brasileiros possuíam aparelho televisivo. A TV Globo expandia-se e tornava-se rede nacional, alcançando praticamente o domínio do setor de telecomunicações. Em uma projeção ideológica, vendia-se o Brasil como grande potência. A quantidade de gravadoras também aumentava, e nasciam canais de televisão e rádio. De um lado, a indústria cultural movimentava engrenagens; de outro, a censura tentava calar os artistas. A música popular, mais artesanal e poética, passava mensagem de resistência, filigranando significados, dispendo cuidadosamente corpos, música e linguagem. Gilberto Gil, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Maria Bethania, Gal Costa em uma sucessão de músicos e compositores elevavam-se, com canções que entoavam a dura realidade política:

O que será que me dá/Que me queima por dentro, será que me dá/Que me perturba
o sono, será que me dá/Que todos os tremores me vêm agitar/Que todos os ardores
me vêm atizar/Que todos os suores me vêm encharcar/ Que todos os meus nervos

estão a rogar/Que todos os meus órgãos estão a clamar/E uma aflição medonha me
faz implorar/O que não tem vergonha, nem nunca terá/O que não tem governo,
nem nunca terá/O que não tem juízo.
("O que será? [À flor da pele]", composição de Chico Buarque, 1976)

Além da Bossa Nova, que já havia se tornado conhecida e legitimada na cultura juvenil brasileira, nascia o tropicalismo. No caldo da MPB universitária, a Tropicália mudava a textura dos sons, brincava com a guitarra elétrica, gerava novos registros, experimentava a parafernália instrumental, emergia uma postura dinâmica e juvenil que fazia o pacto de unir estética, política e ideologia sem se construir acima do mercado, mas popularizando o estilo para todas as classes sociais (WISNIK, 2005: p. 31).

Para alguns autores, como Ana Maria Bahiana (2005: p. 43), compositores e músicos dos anos de 1960 e 1970 estavam muito ligados a um ambiente universitário, e marcaram o período com músicas jovens e para a classe média. Claro, as demais camadas sociais estavam criando música e experimentando novas possibilidades estéticas, porém, o circuito musical legitimado e fomentado pela indústria musical era orientado para a classe média e por ela consumido. E foi esse público que criou e contribuiu para o sucesso dos grandes festivais, pensados como expressiva vitrine de artistas em potencial, caracterizavam-se pela apresentação de jovens do eixo Rio-São Paulo, com poucas presenças do restante do país. Os festivais tiveram dois grandes momentos: a) entre o meio de 1960 e começo de 1970, a indústria cultural nacional aquecida, empresários e gravadoras buscavam os astros jovens que venderiam milhares de discos; b) no meio dos anos 1970, com a dura repressão militar e a recessão econômica, somente os artistas legitimados conseguiam os sonhados patrocínios. Promovidos pelos canais de TV, os festivais ajudavam a construir estilos e posturas juvenis.

O rock, por seu turno, tinha o seu público fiel, restrito a um grupo bastante específico. Influenciados por bandas internacionais, como Rolling Stones e Led Zeppelin, os brasileiros começavam a fazer uso de instrumentos eletrificados. Se nos anos 1960 a Jovem Guarda dava o tom do rock nacional, na década seguinte havia um sonho remanescente que envolvia Woodstock. Os festivais representavam a capitalização do talento para as indústrias, mas o rock ainda significava resistir ao sistema e ter postura crítica, um espaço para a ruptura musical e a possibilidade de viver à margem dos modelos de produção tradicionais. Algumas metrópoles – como Nova York e São Paulo – se tornaram cenário para o nomadismo de darks e cabeludos que estabeleciam fluxos paralelos de circulação, poesias mimeografadas eram vendidas nas ruas e apareciam os selos alternativos. Houve a ruptura com Roberto Carlos e seus seguidores, e instituiu-se a parceria com a Tropicália, e, além disso, ídolos internacionais eram ressignificados,

criando o pop rock nacional. Interior e metrópoles se mesclavam na junção da música sertaneja e da guitarra elétrica, gênese do rock rural; integrados e lunáticos fundavam a Sociedade Alternativa, e Paulo Coelho e Raul Seixas se tornavam ícones dessa nova sociedade. Poesia *brasilis* e vira portuguesa eram a base para o som do Secos e Molhados e os irmãos Batista, em parceria com a exótica Rita Lee, criavam Os Mutantes.

Nessa cena frenética de trocas e descobertas, os fanzines importados faziam com que os jovens brasileiros começassem a ter contato com um estilo musical diferente, que surgia nas periferias inglesas, o aclamado punk. Consta, nos materiais históricos e nas narrativas dos frequentadores da cena underground que, mesmo tendo o conhecimento do que significava ser punk e de todo o cenário construído ao redor desses jovens rebeldes, apenas no final da década de 1970 e início da de 1980 surgiram os primeiros punks brasileiros.

2.1.4 Som e destruição na cena nacional: a chegada dos punks e a tomada das cidades

Segundo Bivar (2001: p. 94), a cidade de São Paulo, por ser uma das maiores e mais importantes metrópoles do mundo, centro de disseminação de novidades internacionais, foi a porta de entrada para a cultura punk no Brasil. Seguida pelo Rio de Janeiro, rapidamente iniciou-se a difusão do estilo pelo resto do país. A distribuição de fanzines via correio permitia a esses jovens trocar informações sobre shows e bandas, brasileiras, dos EUA e Europa, facilitava a divulgação do estranho grupo que estava elaborando uma nova cena urbana.¹¹ A prática de circulação de conteúdo consolidou uma coesão ideológica e de atitudes do movimento por todo o território nacional (RONSINI, 2007: p. 125). As publicações alternativas tornaram-se a principal forma de expressão do movimento e demonstravam que os jovens punks tinham vasta produção de assuntos relevantes, mesmo que apenas para dar opiniões pessoais (CAIAFA, 1985: p. 27). Mesmo com essa coesão em cada lugar, o punk tomou uma configuração mais específica, em termos de impactos e matizes, com trajetórias de consumo e ações regionais diferentes, porém sem deixar de perder a essência de contestação (GONÇALVES, 2005: p. 63; JANOTTI, 2003: p. 49; CAIAFA, 1985; SOUZA, 2005 e 2007; BIVAR, 2001: p. 96).

Havia enorme proliferação de bandas de *hardcore* totalmente nacionais, mesmo sem o apoio de alguma gravadora. Conseguir casas de espetáculo que aceitassem a cena punk era difícil, pois o movimento estava associado à violência e à destruição, e os empresários não queriam ter a marca ligada a comportamento visto tão negativamente. Afinal, como afirma

¹¹ Os três primeiros *fanzines* nacionais foram *Factor Zero*, *Vix Punk* e *SP Punk*.

João Gordo, um dos primeiros punks brasileiros e músico da banda Ratos de Porão, o punk se resumia a um bando de gangues que se reunia para brigar. Na Grande São Paulo, os punks da capital não aceitavam os do ABC, fomentando confrontos violentos. A mesma atitude a pesquisadora Janice Caiafa (1985: p. 11) percebia nos jovens cariocas, afirmando que provocavam atrito com tudo que os cercava. Com a fama de baderneiros, na maioria das vezes a polícia era extremamente agressiva e repressora, gerando atitude cada vez mais revoltada contra os aparelhos do governo.

Por outro lado, as mesmas gangues organizavam a produção cultural underground e proporcionavam distintas atividades, criando espaços de lazer e convivência (GONÇALVES, 2005: p. 70). Os punks tinham que ser criativos e articular formas alternativas de manter a cena musical, por meio da promoção de eventos e da organização dos próprios shows. Com a impossibilidade de gravadoras e empresários assumirem a carreira desses jovens, foi necessário lançar selos musicais alternativos, além de encontrar formas de divulgação de suas ações via fanzines, criando uma rede de contatos nacional e internacional ou ainda disponibilizando em lojas especializadas na cena underground, como na Galeria do Rock, em São Paulo.



Figura 8 - Capa do *split-disc*, resultado da parceria das bandas Cólera e Ratos de Porão (1985), gravado no Teatro Lira Paulistana, local de referência do movimento punk na década de 1980.¹²

Na década de 1980, o movimento começou a perder a sua hegemonia de estilo. Aos poucos, surgia um estilo acelerado de tocar o punk, não mais baseado no lema *No Future*,

¹² Imagem retirada do site: <<http://braberanotalo.blogspot.com/2008/08/ratos-de-poroclera-ao-vivo-1985.html>. Acesso: 25/06/2010, às 21h25.

pregado inicialmente. Na cena underground, começava-se a perceber a música como instrumento de mudança social, muitos se tornam anarquistas, e as letras das músicas revelavam-se mais conscientes e politizadas. Os jovens que participaram do movimento nesse período eram chamados de punk *hardcore*, ou seja, punk miolo duro.¹³

Com a abertura do punk, de tradicional para *hardcore*, uma divisão entre os grupos paulistas foi consolidada: os punks da cidade (mais nihilistas e que defendiam a volta às raízes) e os punks do subúrbio (que adotavam postura dita mais séria e politizada). Os jovens da cidade eram mais abertos e permitiam a inserção de outros coletivos nos shows e eventos, possibilitando a participação da classe média. Anteriormente, a cena era fechada nas classes mais baixas, como forma de resistência ideológica ao sistema capitalista (GONÇALVES, 2005: p. 71).

Nesse período foi lançado o primeiro disco punk totalmente brasileiro, a coletânea Grito Suburbano, pela Punk Rock Discos, com as bandas Olho Seco, Inocentes e Cólera. Rapidamente, outras bandas nacionais gravaram trabalhos com selos alternativos, como AI-5, Garotos Podres, Ratos de Porão, Plebe Rude e Replicantes (ESSINGER, 2005; RONSINI, 2007: p. 126). Já no início da década de 1980, Kid Vinil, integrante do *Verminose*, tinha um programa na Rádio Excelsior FM, divulgando com mais intensidade o punk, nacional e internacional (BIVAR, 2001: p. 98).

Em 1982 aconteceu o show que se considera o marco do movimento punk brasileiro, *O Começo do Fim do Mundo*, no Sesc Pompeia, em São Paulo. Organizado por dois nomes importantes na cena, Callegari e Bivar, reunia vinte bandas paulistas do ABC, em dois dias de *caos e anarquia*. No ambiente havia uma exposição de fotos, desenhos da punka Meire Martins, vídeos, e uma barraca na qual ficavam os fanzines de punk rock. O show foi gravado e virou um disco ao vivo, com o mesmo nome do festival (BIVAR, 2001: p. 104). Com cerca de 3 mil punks no Sesc Pompeia, o evento acabou virando uma grande briga (*grande treta*), e a Tropa de Choque invadiu o lugar. Nos dias seguintes, os punks viraram tema na mídia, com péssima repercussão para o movimento.

Em decorrência das diversas notícias negativas que saíram nos meios de comunicação, ressurgiu um preconceito ao punk, associando o movimento à violência e à agressividade. Na cena, o resultado do festival foi o reavivamento das brigas, cada vez mais ferozes, entre os punks da capital e do ABC (GONÇALVES, 2005: p. 72). Na época, Gilberto Gil lança a sua canção Punk da Periferia, com expressões do movimento, mas com

¹³ A primeira banda de *hardcore*, que consolidou e disseminou essa nova postura, foi a banda escocesa *The Exploited*.

interpretação bastante particular do que acontecia em São Paulo. Essa versão do compositor é execrada pelos jovens punks. Um ano antes, em 1982, a mídia divulgara que os punks não gostavam da MPB por uma série de motivos pontuais: a) as canções de protesto brasileiras eram feitas por artistas da classe média; b) quando falava de amor só se referia a paixões descontroladas e traições; c) era muito regional e representava paisagens que não diziam respeito à vida dos jovens nas periferias. Assim, quando Gil aparece com sua letra, os meninos ficaram enfurecidos (BIVAR, 2001: p. 102).

Para completar, os punks tornaram-se tema de alguns produtos midiáticos, tanto com a caracterização de personagens em novelas como com a venda de produtos de estética punk, denominada Punk de Boutique. Inusitadamente, em 1986, uma produtora independente de vídeos, a Olhar Eletrônico, fez o documentário Garotos do Subúrbio, para a TV, retratando a vida dos punks, mas totalmente produzido por não punks. Na narrativa eram relacionadas as questões que rondavam a cena naquele momento, como o que é ser um verdadeiro punk. Não por acaso, buscavam conceituar e entender como um universo que se constituiu de maneira antissistema estava cada vez mais incorporado ao *main stream*, especialmente à moda.

Aos poucos o movimento foi perdendo sua força ou caracterização inicial, ora associado apenas a uma moda, ora a uma atitude de rebeldia juvenil. Algumas bandas influentes, como a Ratos de Porão, assinaram contrato com grandes gravadoras internacionais, que impuseram modificações nas letras e batidas musicais e, por isso, eram vistas como traidoras do movimento original, reforçando o enfraquecimento da cena underground nacional.

Os punks, além dos protestos estabelecidos desde o início, como as revoltas contra a ordem burguesa e o machismo, atuaram para a resolução de problemas locais, lutando contra o militarismo e apoiando o Movimento das Diretas Já. Propunham e realizavam ações de natureza sociopolítica, em conjunto com outros grupos, como homossexuais, negros, feministas, sem-teto e estudantes (FREIRE FILHO, 2005: p. 138). Como nota Gonçalves (2005: p. 66), o movimento punk deixa de ser um estilo musical e acaba como manifestação juvenil, realizada não por meio de partidos políticos e organizações hierárquicas, mas utilizando seu próprio estilo de vida, inclusive visual, para expressar revoltas e manifestar a desilusão com a sociedade. Dessa maneira, percebemos que o punk brasileiro se aproximou do punk inglês, pois foram constituídos como forma de manifestação e protesto contra as mazelas sociais (GONÇALVES, 2005: p. 67).

Na década de 1990, o estilo anarcopunk invadiu a cena *hardcore*, e surgiram distintos estilos musicais derivados do punk, como *hardcore* melódico, *ska core*, skate punk,

punk pop, forró *core*, *grind core* e *crossover*. Nesse período, algumas dissidências do movimento se alastraram, como os carecas, que resistiam à negociação dos punks com a mídia e enfatizavam a violência como forma de manter a ordem, além de dar enorme importância ao culto do corpo e possuir discurso nacionalista. Como encontramos em um dos depoimentos do site Carecas do Brasil:

Eu gostei porque os “Carecas” eram mais radicais em matéria de terem postura, treinar, cultivar o corpo. Havia necessidade de se prevenir, defesa pessoal, porque a briga persegue a gente. A convivência com o pessoal se tornou um estilo de vida (...) Eu simpatizei com essa postura antidrogas (...) Tem também esse negócio de passeata, movimento de protesto, me identifiquei muito. Em nossas reuniões nós propomos não sermos um grupo de jovens iguais a tantos outros jovens alienados. (...)

Acostumados com a dura realidade do dia a dia, nascidos e criados num ambiente proletário, que sempre valorizou a moral e a dignidade, desde o início os Carecas foram temidos pelos pilantras e boizinhos que encontraram no movimento punk de embalo, pois não eram revoltados com porra nenhuma, não conheciam a realidade suburbana e brasileira (CARECAS DO BRASIL, 2010).

Já os anarcopunks, que se consolidavam nesse período, eram, contrariamente, propositivos de atitude pacifista, e idealizavam um “novo movimento”, mais consciente e contra a violência (GONÇALVES, 2005: pp. 78-79). Dissidente dos anarcopunks e agregando com a cena, aos poucos se forma um grupo, que utilizava um ‘X’ na mão e se autodenominava *straight edges*. Eram percebidos como punks da classe média, que participavam da cena punk sem sua legitimidade ser questionada (GONÇALVES, 2005: p. 80), pois, na gênese do movimento, para ser um verdadeiro punk era necessário ser pobre e, na abertura anárquica dos grupos paulistas, os jovens da classe média encontram seu espaço de atuação. Mais adiante retomaremos as questões particulares a esse grupo.

Atualmente, o movimento punk (como originalmente concebido) na cidade de São Paulo é praticamente inexistente, restando algumas bandas e shows de *hardcore*. O estilo punk foi incorporado por outros movimentos, muito mais como estilo musical e visual do que como forma contracultural. Em oposição à proposta original, o punk teve participação importante no mercado de bens culturais, principalmente na moda. Apesar disso, os *straight edges*, os quais serão abordados mais adiante, continuam como grupo atuante e propositivo, fomentando discussões e produzindo eventos. Recentemente, contudo, jovens autodenominados e midiaticamente representados como punks ganharam visibilidade por suas participações em eventos como o Fórum Social Mundial (2009).

2.1.5 *Just Say No*: a política do *Drug's War* influenciando os jovens americanos

Nada está tão ruim/ Que não possa piorar/ A causa foi sempre nobre/ E os meios pra conquistar/ Queremos liberdade/ Pra tudo nos pertencer/ Defender nossos interesses/ E nunca retroceder/ Se não está tão ruim assim/ Então pare de reclamar/ Dê um tiro na cabeça/ Antes de recomeçar/ Fique atento no momento/ Casual de lucidez/ Confrontando o imperialismo/ Dando aulas de inglês/ Então não pague esse sapo/ Não fique aí de quatro/ De boca aberta outra vez/ Não seja tão pessimista/ Boicote os vigaristas, Quem faz as regras é você. (“Lucidez”, Ratos de Porão, s/d)

Segundo Ross Haenfler (2004: p. 416), além da influência do punk, o estilo de vida *straight edge* reflete a emergência dos discursos conservadores – ideológicos e morais – e fundamentalistas religiosos, publicizados por Nancy Reagan, no que se denominou *drug war*. Baseado no slogan *Just Say No*, o presidente Ronald Reagan propunha, como um dos principais objetivos do seu governo (1981-1989), um modelo de combate efetivo ao tráfico e uso de drogas. Inicialmente, as ações eram principalmente concentradas nas fronteiras do país, sob a argumentação de que havia distintos indícios de que as drogas eram produzidas em países latino-americanos e que entravam em terras norte-americanas via México ou pelos portos.

Com essa abordagem, um grande número de militares foi enviado a países como a Colômbia, sob a alegação de contribuir voluntariamente com o fim da venda de substâncias ilícitas. Havia esforço redobrado a fim de aumentar o controle da produção doméstica de maconha e tentativas de intimidação, via meios legais, aos cidadãos americanos drogaditos. Inicialmente, propunha-se que o uso de drogas era o principal fator para o crescimento da violência que atingia as grandes metrópoles. Em 1986, Ronald Reagan assinou o National Security Decision Directive (NSDD), declarando que o tráfico de drogas era problema de segurança pública, a ser combatido de maneira rigorosa em território norte-americano. O decreto, entre outras coisas, previa o financiamento de várias etapas da campanha *Just Say No*, como a construção de presídios voltados aos traficantes; campanhas educativas; tratamento e recuperação de viciados; e combate à entrada de substâncias ilegais no país.

Além de ações militares e jurídicas, o governo utilizava os meios de comunicação para conclamar os cidadãos americanos a se engajarem no que chamava de Terceira Grande Guerra Mundial, que era contra as drogas. Marcado por discurso extremamente conservador, havia um apelo social baseado nas relações familiares, utilizando referências religiosas, em frases como “Nós falamos para vocês não simplesmente como cidadãos, mas como os pais e avós

e companheiros, como vizinhos preocupados”, projetando nas gerações mais jovens o futuro do país e agradecendo “os famílias que se juntaram a nós” (REAGAN, 1986).

O presidente transmitia grande positividade aos jovens, quase como mensagem profética sobre um futuro gratificante, que só seria conquistado com lucidez e mente limpa. E ainda fez uma convocação, quase religiosa, para os jovens desfrutarem a vida: “aos jovens que estão nos assistindo ou ouvindo, tenho uma mensagem muito pessoal para vocês: há um mundo grande e maravilhoso para você lá fora” (REAGAN, 1986). Alguns movimentos cristãos enfatizavam que durante a década de 1960 muitos jovens haviam perdido o controle da vida, e que era necessário fazer nova configuração, mais conservadora e centrada na cultura juvenil (HAENFLER, 2004: p. 416).

O governo americano utilizou programas de televisão e rádio para conscientizar sobre as consequências do uso de drogas. Alguns estudos chegam a afirmar que a disseminação dos princípios conservadores somente conseguiu atingir seu efeito porque a mídia alinhava-se à abordagem presidencial (CARPENTER; ROUSE, 1990: p. 1). Goode e Bem-Yehuda (1994: p. 5) já haviam percebido que as cruzadas antidrogas e os ativistas, por não utilizarem avaliações sistemáticas sobre o uso de drogas ilícitas, difundiram certo pânico social. Isso porque muitas vezes tiveram abordagem que extrapolava os dados reais sobre o consumo das mesmas, ou seja, facilmente poderiam ser interpretadas como alarmistas.

Centrados em uma política conservadora forte, e apoiados em alguns meios de comunicação e intenso programa dentro das escolas, a *Just Say No* é conhecida como uma das principais e mais eficientes campanhas antidrogas norte-americanas, pela redução de usuários e por ter uma linguagem diretamente concebida para atingir os jovens do Ensino Médio.

2.1.5.1 *Just Say No*: a nova direita americana

A partir de 1970, uma nova direita americana toma força, composta por correntes políticas, intelectuais, religiosas e culturais que queriam organizar e avançar em seu projeto social, que, de modo geral, consistia em: a) reorganização dos valores financeiros dos impostos e das propriedades privadas; b) término da segregação racial e dos “excessos” dos movimentos sociais; c) mobilização de intelectuais urbanos neoconservadores preocupados com a “intromissão” do Estado na economia e o “declínio” do respeito à autoridade; d) participação de religiosos, em grande parte cristãos evangélicos, contrários aos valores sexuais e morais que emergiam dos anos de 1960 (FERNANDES, 2010: pp. 268-269).

A postura da *nova direita* foi uma das molas propulsoras das eleições de Ronald Reagan e George Bush Sr. O grupo teve grande influência na sociedade americana, a ponto de interferir na mídia, na vida intelectual e na cultura pop do país. Destacam-se algumas ações importantes do grupo, como a mobilização de mulheres conservadoras para derrubar a Ementa de Direitos Iguais, que tinha como objetivo a participação plena feminina na vida pública, retrocedendo em assuntos que se consolidavam naquele momento, e, pouco tempo depois, as campanhas antiaborto, denominadas O Direito à Vida. Com isso, conseguiram que o então presidente Reagan assinasse leis que restringiam o aborto em território americano.

Nesse cenário ideológico, os *straight edges* começaram a aparecer na cena americana, unindo uma postura punk associada aos questionamentos e ao estilo estético-musical, e ao discurso da libertação via *clean-mind*. Era a formulação de uma nova atitude diante da vida, que derivava de satisfação pessoal ao expressar valores e engajamento na vida cotidiana. Como analisa Haenfler (1968: p. 41), é curiosa a mistura de influências conservadoras e progressistas.

2.2 O MOVIMENTO *STRAIGHT EDGE*: MARCOS HISTÓRICOS E IDEOLÓGICOS

2.2.1 O movimento *straight edge*: seu nascimento e a tomada da cena *hardcore* mundial

Eu sou uma pessoa como você/ Mas tenho coisas melhores para fazer/ Do que ficar sentado e foder a minha cabeça/ Andar com mortos vivos/ Cafungar merda branca para dentro do nariz/ Desmaiar nos shows/ Nem mesmo penso em anfetaminas/ É algo de que eu simplesmente não preciso/ Eu tenho o *straight edge*/ Eu sou uma pessoa como você/ Mas tenho coisas melhores para fazer/ Do que ficar sentado e fumar maconha/ Porque sei que posso lidar (com a vida)/ Rio de pensar em tomar tranquilizantes/ Rio de pensar em cheirar cola/ Sempre estarei em contato/ Nunca quero usar uma muleta (“Straight Edge”, música de Minor Threat, 1981)¹⁴

A letra da música “Straight Edge”, da banda Minor Threat, “introduz” grande parte do movimento e seu radicalismo diante da vida. Os jovens se colocam na contramão de vários estereótipos atribuídos à atitude juvenil, e que em vários momentos aparece ligada ao descompromisso e ao uso de drogas como forma de afirmação, e, também curiosamente, desconstroem o ideário erguido a respeito dos punks durante sua história: violência e discurso de descrença no futuro.

¹⁴ Tradução do próprio site: <<http://letras.terra.com.br/minor-threat/>>. Acesso: 2/11/2009.

A própria expressão *straight edge*, que não tem tradução precisa, e que em adaptação livre poderia significar algo parecido com caminho correto, identifica e demarca a postura do grupo diante dos demais movimentos que descendem do rock. Outra possibilidade para o termo seria a de que *edge* significa limite, beirada ou sentimento intenso, como raiva, e *straight* seria traduzido como reto, careta ou quadrado (FELIPE HC, 2009). Em inglês, *straight edge* é a expressão utilizada para esquadro, possivelmente um dos motivos para o termo associado ao movimento.

O movimento *straight edge* nasceu no movimento punk, mais especificamente do *hardcore* americano (SOUZA, 2005: p. 14; BIVAR, 2001; GONÇALVES, 2005). Apesar de se considerarem punks *straight edges*, assumiram postura bastante contraditória às ideologias originais do movimento, criticando a ideia de gastar grande parte do tempo consumindo drogas, em vez de tentar modificar a sociedade que tanto condenavam. Esses jovens consideravam os punks exagerados, achando que o “mundo não tinha mais volta”, e que tudo acabaria “numa grande explosão” e atribuíam ao tema *No Future* adjetivos como ridículo e derrotista. As drogas eram apenas mais uma engrenagem para contribuir com a visão negativa e absurda, desse modo, manter-se sóbrio era a única opção que os *straight edges* consideravam para ver a sociedade sob novas perspectivas e propor ações alternativas de mudança, de alguma maneira mais positivas e ativas.

Consenso entre autores (CAIAFA, 1985; RONSINI, 2007; FREIRE FILHO; LINHARES, 2009; SOUZA, 2005 e 2007) e integrantes (FELIPE HC, 2009; ESTRELA, 2010a), as primeiras notícias sobre o movimento estão associadas à banda americana Teen Idles.¹⁵ Em meados dos anos 1980, por serem menores de idade, não podiam frequentar os shows das bandas punks e, revoltados com a impossibilidade de participar da cena underground por causa das drogas vendidas ilicitamente nos locais de shows, a banda começa a criticar essa postura destrutiva do movimento punk, pois só trazia “coisas ruins” à cena, como os adolescentes não poderem participar dos festivais, brigas causadas pelos bêbados, músicos talentosos que morriam muito cedo ou se tornavam zumbis. Para os Teen Idles, parte da atitude *faça você mesmo* envolvia pleno controle do corpo, mente e atitudes, e as drogas, lícitas e ilícitas, não contribuía para a consciência mais plena da vida (FELIPE HC, 2009). Com a resistência à cena underground esvaziada, as ideias da banda foram rapidamente disseminadas, e o movimento *straight edge* cresceu imediatamente.

¹⁵ A tradução literal de Teen Idle é uma expressão semelhante a Adolescentes Inativos.



Figura 9 - Capa do disco *Minor Disturbance*, da banda americana Teen Idles (1981).¹⁶

No final da década de 1980, a Teen Idles acabou, e dois de seus membros (Nelson e Ian Mckaye) formaram a Minor Threat. A nova banda, logo em seu primeiro compacto, gravou a música “Straight Edge”, pela gravadora independente Dischord. A letra levantava bandeira contra a alienação dos usuários de drogas, que as utilizavam como muletas para não discutir e propor novas possibilidades sociais. Enquanto a primeira formação da banda Teen Idles relativizou as ideias da gênese do movimento punk, a Minor Threat divulgou a nova concepção de atitude (SOUZA, 2007; WILLIAMS, 2004; RONSINI, 2007).

Nessa época, pela primeira vez o movimento começou a ter contato próximo com a filosofia vegetariana. Ian Mckaye, um dos vocalistas mais influentes do início do cenário underground *straight edge*, era vegetariano desde o começo dos anos 1980 (ESTRELA, 2010b). Apesar de nunca ter abordado o assunto nas músicas, Mckaye falou sobre o tema em diversas entrevistas, defendendo a postura favorável à vida e à igualdade entre todos os animais, seres humanos incluídos. Antes de o músico levantar a questão, outras bandas punks e de *hardcore*¹⁷ apresentaram letras contra a matança de animais, não exatamente sobre o vegetarianismo, a filosofia foi agregada pelo movimento no final da década de 1980 e começo dos anos 1990.¹⁸

Outro marco atribuído ao Teen Idles é a utilização do símbolo X como forma de diferenciação dos demais punks. O símbolo surgiu quando a banda foi à Califórnia tocar em uma casa de shows em que a polícia permitia a entrada de menores de idade desde que

¹⁶ Imagem retirada do blog: <http://braberanotalo.blogspot.com/2008_07_01_archive.html>._Acesso: 3/6/2010, às 12h.

¹⁷ Podem ser citadas as bandas Crass, Conflict, Antidote, MDC, Oi Polloi, CroMags.

¹⁸ Informações retiradas dos blogs: <www.thacrew.hpg.ig.com.br/Geral/9/interna_hpg4.html>; <www.gritoalternativo.com/MAT%C9RIAS/materia_a_origem_da_filosofia_straight.htm>.

fizessem o X na mão com pincel atômico, pois assim o barman saberia que não poderiam consumir bebida alcoólica. Os meninos acharam a ideia “engraçada e interessante”, e a levaram para os festivais de Washington. Como ironia, muitos jovens maiores de 18 anos começaram a fazer o símbolo para ir a shows do Teen Idles, e não se importavam em não beber álcool, espécie de solidariedade aos menores que acabou sendo incorporada ao movimento. Nas palavras de Felipe HC, *straight edge* brasileiro,

o X na mão não é um símbolo de separação, da mesma forma que o A de anarquia ou a estrela vermelha não significam que seus portadores se considerem melhores, ou queiram distância de pessoas diferentes. É apenas uma forma de se expressar e tornar suas ideias visíveis (FELIPE HC, 2009).

O X tornou-se código universal do movimento, utilizado ainda hoje, e não apenas nas mãos, mas em camisetas, bonés, encartes de discos, fanzines, panfletos, nome de bandas etc. E usa-se o X nos endereços de e-mails, como, por exemplo, xminorthreatx@provedor (FREIRE FILHO; LINHARES, 2009; SOUZA, 2005 e 2007). O X é demonstração do orgulho em ser *straight edge* e “afronta” aos demais jovens do movimento punk, um símbolo que se tornou uma forma de expressar valores e experiências pessoais (HAENFLER, 2004: p. 415). Além do X, os *straight edges* costumam se identificar por expressões como *drug free* (prefiro não beber) e *drugs are for losers* (SOUZA, 2005).



Figura 10 - Frase de camiseta utilizada pelos *straight edges*.¹⁹

No início dos anos 1980, é formada uma banda americana de *hardcore punk* e *reggae*, com grande influência no movimento *straight edge* no que se refere à questão alimentar, a Bad Brains.²⁰ Seus integrantes eram adeptos da religião rastafári,²¹ que tem como

¹⁹ Imagem retirada do blog: <http://lucreciadove.blogspot.com/2009_03_01_archive.html>. Acesso: 3/6/2010, às 12h.

²⁰ <www.badbrains.com>

uma das doutrinas principais a proibição do consumo de qualquer tipo de carne, vista como alimento impuro. Por questões religiosas, os integrantes não ingerem álcool e tabaco, apenas utilizam drogas consideradas “naturais”, como a maconha. Segundo Rogério Estrela (2010a),²² na cena underground os *straight edges* começaram a se identificar com a banda. Afinal, em ambos os grupos havia práticas de consumo de drogas bastante peculiares ao universo punk, e, também, era um momento no qual se buscava forma mais consciente de mudança para a sociedade mundial. A partir daí, a Bad Brains influenciou os *straight edges* a notar que não comer carne era uma das formas de respeitar e garantir a vida dos animais, e, de alguma forma, do planeta.



Figura 11 - Fotografia da banda Bad Brains (anos 1980).²³

Na mesma época, Ray Cappo, vocalista de uma das mais influentes bandas *straight edges*, a Youth of Today, tornou-se *hare krishna*²⁴ e passou a difundir o vegetarianismo nas

²¹ Rastafári é movimento de caráter religioso. Em meados do século XX, alguns países africanos começaram a reconhecer o primeiro imperador negro etíope, Hailê Selassiê I, como a encarnação do messias na Terra. Não pode ser considerada religião, pois não tem organização clerical, sendo muitas vezes tratada como filosofia de vida. Tem como princípio fundamental a volta às origens africanas e o respeito às leis da Natureza. Hoje, muitos simpatizantes são vegetarianos, não bebem bebidas alcoólicas e defendem o uso da maconha de forma ritual, para estabelecer ligação com o mundo espiritual. As cores do movimento – verde, amarelo e vermelho –, referem-se à bandeira etíope e lembram, respectivamente, natureza, ouro e sangue da África e de seu povo.

²² Entrevista com Rogério Estrela, 20/04/2010, às 14h30, via MSN.

²³ Imagem retirada dos arquivos oficiais da banda Bad Brains. Disponível em: <www.badbrains.com>. Acesso: 2/6/2010, às 12h10.

²⁴ *Krishna* é uma religião ligada à crença hinduísta, que teve como origem os ensinamentos do guru *Sri Caitanya Mahaprabhu*, que lutava contra as barreiras do sistema de castas indiano. Os praticantes do *Hare Krishna* conseguem

músicas, camisetas e entrevistas. Cappo começou a frequentar o templo *Hare Krishna* em função das refeições vegetarianas distribuídas gratuitamente e acabou se convertendo. Os componentes da banda não aceitaram a crença do músico, protestando e debatendo a filosofia²⁵ (GRITO ALTERNATIVO, 2010). Porém, contraditoriamente, depois de algum tempo, outro músico da banda, John Porcell, se converteu. A banda se desfez. Contudo, na cena underground formou-se o que ficou denominado *krishna core* (GRITO ALTERNATIVO, 2010; TERRITÓRIO DA MÚSICA, 2010; KRISHNA CORE, 2010). Porcell, em entrevista, disse que ser *straight edge* era postura de purificação do corpo e da mente, mas, ao longo dos anos, começou a notar que havia “alma debaixo da camada material que pensamos que somos”. Afirmou que via as pessoas “vagarem pela vida sem ter nenhuma direção”, e mesmo com todas as conquistas e fama, continuava sentindo “um vazio e uma sensação de insatisfação”, portanto, tornar-se *hare krishna* foi a “maneira de ligar o corpo, a mente e a alma, dando uma só unidade plena a ele” (KRISHNA CORE, 2010).

Da mesma maneira, o vocalista da banda nova-iorquina Cro-Mags, John Bloodclot Joseph, era devoto de *Krishna* e expunha, nas letras, pontos de vista sobre a espiritualidade, reforçando a ideia da alimentação como crescimento em direção a uma nova consciência da vida (GRITO ALTERNATIVO, 2010; KRISHNA CORE, 2010). Durante os anos 1990, a postura *krishna core* foi muito contundente no movimento, entretanto, hoje raramente encontra-se um jovem que siga a filosofia no universo punk *straight edge* (GRITO ALTERNATIVO, 2010). Cabe ressaltar que atualmente há a Verdurada, principal evento do movimento no Brasil: no final dos shows, a comida vegetariana é servida pelos organizadores, em parceria com os *hare krishnas*. O que comprova que alguns rituais da religião foram incorporados como parte da cultura *straight edge*. De qualquer forma, não há relação direta entre o movimento e alguma religião, foram apenas práticas pontuais, aceitas em alguns poucos lugares do mundo, principalmente nos Estados Unidos.

Com isso, os preceitos vegetarianos²⁶ ou veganos²⁷ se difundiram rapidamente, sempre associados a uma conduta ética, e tornaram-se tendência dominante dentro do movimento. Por mais que a posição tenha sido assumida de maneira geral pelos sXe, existem

alcançar a iluminação espiritual pelo cantar do mantra *Hare Krishna*. *Krishna* é o nome de Deus em sânscrito e a expressão *Hare Krishna* significa “a energia de Deus”.

²⁵ Os iniciados no movimento devem passar por quatro etapas fundamentais: a) não comer carnes e ovos; b) não usar drogas lícitas e ilícitas e nem tomar café; c) não praticar jogos de azar; d) fazer sexo apenas para a procriação.

²⁶ Abstinência alimentar de todos os tipos de carne: bovina, suína e de peixe.

jovens que continuam a comer carne, porém em menor quantidade, ou abstendo-se apenas de carne bovina e suína. Hoje, os grupos que seguem com mais seriedade as questões alimentares e as formas de produção/consumo de produtos conscientes são denominados *vegan straight edges* (SOUZA, 2007; WILLIAMS, 2003; HAENFLER, 2004).

2.2.2 A formação de uma cena *straight edge*: fluxos urbanos e trajetórias de consumo

Will Straw (2005: p. 413), ao analisar a interação entre os participantes de cenas canadenses, como a punk e a eletrônica, além da sociabilidade construída por meio de gostos e interesses comuns, notou que alguns aspectos gerais são encontrados em todas as cenas musicais, como características estéticas e gestuais, que delimitam os *insiders* e *outsiders*, o uso de mídias específicas para a divulgação dos eventos, e até mesmo a forma pela qual se apropriam dos espaços urbanos. De maneira semelhante, há estilos de vida que influenciam e são influenciados pelas práticas de consumo. Esse autor observou ainda que frequentemente isso inclui locais próprios para determinados públicos, como extensão de segmentação e coletividade engendradas pela música (Idem, *ibidem*: p. 414).

O mercado percebe que a formação das cenas é de extrema importância comercial, que coopta as interações emocionais entre os pares e, por isso, investe na criação de novos locais e rituais de sociabilização, incluindo a dinâmica do mercado da moda. Para algumas cenas particulares, a base de sustentação está na diferenciação de marcas de consumo e desempenho econômico dos atores; para as mais alternativas, fundamenta-se especialmente pela inserção de participantes de bairros e classes sociais diversas e aceitação de práticas (Idem, *ibidem*). De forma geral, para cada cena os participantes desenvolvem performances e lógicas próprias de inserção, que servem como verdadeiros protocolos sociais.

O mesmo ocorre na cena *straight edge*, que tem como principal influência e pano de fundo a afinidade com o *hardcore*, cultura underground e estilo de vida baseado em práticas gastronômicas particulares. Para tal, os jovens criam rotas e trajetórias de consumo, que perpassam a cena musical, mas atingem formas de produção alternativas de alimentos, roupas, livros e afins. Eles apropriam-se das redes sociais e de blogs pessoais para encontrar informações, divulgar shows, postar filmes e venda de produtos específicos, principalmente alimentos e roupas, consideradas dentro do circuito consciente de consumo. Os eventos e

²⁷ Não consomem nenhum tipo de produto que provenha de origem animal ou que explore de qualquer forma os animais. Assim, não adquirem marcas que promovem testes em animais, que apoiam rodeios e touradas, ou ainda que comercializam produtos com ingredientes animais.

festas são autofinanciados e, muitas vezes, as bandas tocam sem custo, apenas para disseminar os ideais do movimento, interagir com a galera e ainda conhecer novidades da cena underground. Os sXe constituem verdadeiras famílias, ou comunidades, nas quais encontram suporte e espaço para serem “diferentes juntos” (HAENFLER, 2004: p. 415), enquanto outros grupos perpassam a cena *straight edge* por afinidades musicais e abstinência alimentar, como os *hare krishnas*.



Figura 12 - Em geral, os *vegan straight edges* têm muito orgulho de sua decisão e acabam explicitando abertamente suas opções.²⁸

Segundo o site Grito Alternativo, a postura antissistêmica do grupo os associou ao anarquismo ou aos movimentos políticos de esquerda. Inegavelmente, diversas bandas *straight edge* abordavam temas relacionados à política tradicional, como a formação holandesa Lärm, que pregava o comunismo nos anos 1980. Como decorrência dessa postura, surgiram outras bandas europeias, como as apelidadas de *sXe comunista* ou *red sXe*.²⁹ De qualquer maneira, lembremos que os *straight edges* propõem nova forma de atuação política, descolada das visões tradicionais partidárias, mas como práticas alternativas ao sistema vigente. Haenfler (2004: p. 409) afirma que os sXe³⁰ compreendem que as formas de rebelião, principalmente as utilizadas pelos punks, reafirmam a cultura *mainstream*, completamente intoxicada pelos pensamentos da hegemonia.

²⁸ Fotografia retirada do Flickr: <http://farm4.static.flickr.com/3033/2864765822_acbcd6d04c.jpg?v=0>. Acesso: 2/6/2010, às 12h12.

²⁹ O site Grito Alternativo (2010) ressalta as seguintes bandas: Feeding the Fire (Holanda), Spawn (Alemanha), Timebomb (Itália) e Manifesto (Espanha).

2.2.3 *Straight edges*: como tudo começou em terras brasileiras

O Rock brasileiro é uma farsa comercial/ O sexo é apenas uma forma de morrer/ As drogas representam um caso policial/ Aquela antiga frase não dá mais para falar/ Os tempos mudaram, agora é o fim/ Um punk vira crente pra conseguir a salvação/ Emborracha o danado para não se infectar/ Aquela coisa boa você nunca vai achar /Hei Sexo, drogas, Rock'n'roll/ Quem está nascendo agora isso não vai conhecer/ Temos que nos proteger/ Os prazeres dessa vida já viraram maldição/ Aids, *Pop*, Repressão/O que é que eu fiz para merecer isso? (“Aids, *Pop*, Repressão”, Ratos de Porão, 1984).

Segundo depoimentos encontrados na dissertação de Bruna Mantese de Souza (2005), muitos jovens que participavam da cena underground brasileira, em especial em São Paulo, sentiam-se bastante deslocados em relação à postura pessimista da proposição punk, porém não compreendiam outra forma de “curtir” e serem aceitos na cena *hardcore*, sem participar da apologia da descrença total na humanidade. Eles não aceitavam a postura “promíscua” do movimento e refletiam sobre o sexo como prática dentro de um relacionamento estável, e muitas vezes chegavam a disseminar que as relações sexuais deveriam ocorrer apenas após o casamento. Vários artistas e músicos morriam vítimas da AIDS e um certo alarmismo rondava as campanhas de uso de preservativos, que mostravam as consequências de uma prática sexual sem os devidos cuidados.

O país vinha de duas décadas de ditadura militar com períodos de forte repressão e os jovens brasileiros, desanimados, criticavam a falta de estruturas do país. Eles começaram a associar os subempregos, principalmente da periferia de São Paulo, à exploração praticada por um sistema que se beneficiava da força dos trabalhadores e não retribuía com benefícios. Em depoimentos dados às pesquisadoras Bruna Mantese de Souza (2005, 2007) e Paula Gonçalves (2005), os primeiros *straight edges* paulistas afirmavam que naquela época as drogas eram percebidas como forma de alienação paralisante, contradição com toda e qualquer ação de mudança, fuga da realidade “dura” na qual muitos jovens viviam. Segundo Souza (2005), em contraposição ao individualismo disseminado pelas práticas do capital, os jovens eram convidados a se voltar a valores como amizade, sinceridade e honestidade, fundando um discurso de “união” e “fraternidade”, em oposição “às forças malignas do capitalismo”.

Firmados na visão positiva da humanidade, influenciados por movimentos anarquistas internacionais, um grupo de jovens paulistas se uniu e, no início da década de 1990, fundou a Juventude Libertária (JL ou JULI), que objetivava “fazer alguma coisa” em

³⁰ Abreviação de *straight edge*.

oposição ao “falar e não fazer” (SOUZA, 2005). A partir da formação da JULI, federada ao Anarchist Youth Federation, houve distintos intercâmbios de informação com anarquistas de diversos locais do mundo e, com a troca de informações, o *straight edge* foi apresentado à juventude brasileira pela primeira vez.

Apenas dez anos depois do início do movimento americano, os jovens brasileiros tomam conhecimento de uma nova postura punk, totalmente *drug free* e com posicionamento bastante positivo diante da vida, conhecido como *straight edge*. A possibilidade que surgia foi rapidamente discutida e disseminada e seus adeptos denominaram de maneira pejorativa o antigo movimento como “Punk fim do mundo”, em referência ao primeiro festival punk realizado em 1982, no Sesc Pompeia, que se chamava O Começo do Fim do Mundo (SOUZA, 2005: p. 16).

Em 1996, na cidade de São Paulo, foi criado um festival *hardcore*, organizado pelos *straight edges*, conhecido como Verdurada. Com periodicidade bimestral, o evento consiste de apresentações de bandas nacionais e internacionais de *hardcore*, além de oficinas, debates, exposições com conteúdos políticos e divergentes. Mantendo a tradição surgida nos anos 1990, ao final da programação serve-se um jantar vegetariano. O evento é conhecido como o mais duradouro da cena underground nacional ou, nas palavras dos organizadores, “*é o evento mais importante do calendário faça-você-mesmo brasileiro*”. A divulgação é espontânea ou autogestionada pelos participantes e, como princípio norteador, não é aceita nenhuma forma de patrocínio das grandes empresas e nem divulgação paga na mídia. A ideia foi adotada por jovens *straight edges* de Porto Alegre, São Vicente, Piracicaba, Curitiba e Belém do Pará. Há outro evento com o mesmo público, denominado Hardcore Festival, mas sem a mesma força e importância no cenário underground.

2.3 DISSIDÊNCIA: DA POSTURA *STRAIGHT EDGES* À FILOSOFIA *HARDLINE*

Como na dissidência da cena punk, na qual surgiram grupos associados ao preconceito racial e à homofobia, como os *skin heads*, também houve um grupo que se consolidou no seio do movimento *straight edge* e rumou para uma atitude mais violenta e agressiva: os *hardlines*. No início da década de 1990, a banda Vegan Reich, que inicialmente fazia parte do grupo anarcopunk vegetariano, passou a elaborar uma doutrina que englobava aspectos políticos e espirituais, além da liberação animal, como forma de fundar uma “nova sociedade”, que salvaria o planeta Terra (FELIPE HC, 2009).

Para fundar a própria doutrina, baseada em ações fundamentalistas e extremas, como forma de manutenção da vida, Sean Muttaqi associava o islamismo e seus dogmas às teorias de “esquerda”, à liberação animal e ao ideal *straight edge*. Ele percebia a cena *hardcore* como religião aceita com reverência e devoção. Os verdadeiros seguidores lutariam por conhecimento, afastando-se do *status quo* da sociedade e traçando os próprios caminhos espirituais. Os adeptos dessa concepção entendiam que todos os problemas do mundo moderno decorriam das transgressões do homem contra as leis da natureza e, Assim como os *straight edges*, um membro *hardline* deveria ser livre de drogas e vegano. Sobre as questões relacionadas ao sexo, eram mais radicais: deveria ser praticado apenas para a reprodução.

Nenhum homossexual seria aceito no grupo, em visão bastante preconceituosa e discriminadora. Além disso, os membros eram tratados quase como soldados, comendo alimentos integrais – base das refeições – e fazendo exercícios físicos intensos, como se estivessem sendo preparados para uma guerra iminente. Com posições bastante estreitas, acreditam que haverá uma “ditadura vegana” e, para tal, seus valores devem ser praticados a qualquer custo, incluindo a violência física. O grupo dos *hardlines* acabou se dividindo, e vários integrantes foram incorporados às forças militares do mundo islâmico (FELIPE HC, 2009; WILLIAMS, 2003).

3. CARTOGRAFIAS COGNITIVAS E PROCESSOS COMUNICACIONAIS: AS NARRATIVAS DOS *STRAIGHT EDGES* NAS COMUNIDADES VIRTUAIS

Neste capítulo, propomos a análise de narrativas produzidas pelos próprios *straight edges* no espaço virtual, reconstituindo trajetórias que formatam cartografias cognitivas e identificando particularidades dos processos comunicacionais construídos por esses jovens. O espaço público virtual é essencial para a troca de informações e a composição de sociabilidade entre eles, pois especialmente nesse ambiente a possibilidade de conectar sujeitos de nacionalidades e realidades socioculturais distintas é ampliada, além de as expressões públicas de individualidades e engajamentos serem ampliadas nas redes sociais, blogs, sites e afins. Essas expressões são realizadas por meio de linguagens e formatos diversos, como imagens e fotos, *set list*, conversas em chats etc. Como propõe Martín-Barbero (2008: p. 287), a destreza que os jovens têm em utilizar as tecnologias, principalmente as audiovisuais, conforma verdadeiras *cumplicidades expressivas*, representadas “por seus relatos e imagens, suas sonoridades, fragmentações e velocidades que se encontram sem seus idiomas e ritmos”. E, mesmo apesar de muitos jovens terem acesso limitado à internet e à conexão de alta velocidade, o ambiente virtual é mais descentralizado e plural, aberto à troca de opiniões e informações, que ocorrem mais rápido do que em outros espaços públicos, como a própria cidade.

Muitas críticas foram feitas em torno dos usos das tecnologias pelos sujeitos juvenis. Para alguns, que demonizam a internet, as ferramentas tecnológicas dificultam a sociabilidade e o encontro pessoal, e, desse modo, acreditam que elas isolam e descolam os jovens da realidade. Ao concentrar as pesquisas no contexto latino-americano, Martín-Barbero (2008: p. 23) verifica que os jovens que utilizam as redes sociais e ferramentas de bate-papo seguem igualmente sua vida *off-line*, encontrando os amigos da rua e da escola, indo a festas e participando de situações coletivas. Para esse autor, “a tecnologia desloca os saberes, modificando tanto o estatuto cognitivo quanto o institucional das condições do saber e as figuras da razão” (Idem, *ibidem*). A dinâmica tecnológica que propicia os deslocamentos de saberes e de construção do conhecimento enseja novas formas de expressão e experimentação cognitiva, o fluxo de construção do conhecimento ultrapassa os limites das instâncias tradicionais e legitimadas de transmissão de saberes, como a escola, e descentraliza a disponibilização de informações, abrindo espaço para a integração e oferecendo condições e possibilidade para a formatação de uma inteligência coletiva (LÉVY, 1998).

Sofisticando a discussão, Oscar Aguilera (2008) propõe que no novo estatuto cognitivo, em que a troca e a difusão de informações são rápidas, plurais e abertas para ações

coletivas, efetiva-se uma nova grupalidade. Quando pensamos nos casos específicos de jovens que possuem propostas antissistêmicas e que se fundamentam na crítica aos meios de comunicação de massa, o uso das tecnologias, especialmente das redes sociais, é ainda mais determinante. Para os *straight edges*, por exemplo, a internet é praticamente o único canal de divulgação maciça de princípios, e serve também para organizar eventos e fomentar ações engajadas, como passeatas e *buycotes*³¹. Conseqüentemente, o canal virtual fortalece e dissemina ações que dão sentido de pertencimento a essa grupalidade e, especialmente, contribui para a continuidade dos valores primordiais do movimento. Cabe levantar que para os jovens veganos ou vegetarianos, a web é a principal fonte para descobrir produtos alinhados às suas escolhas, verificar os ingredientes de determinados alimentos processados, localizar restaurantes e locais de consumo e, inclusive, acessar mercados virtuais especializados nesse estilo de vida, portanto, o fluxo de deslocamento dos jovens pelos espaços virtuais compõe verdadeiras trajetórias de consumo, coadunadas intrinsecamente à afirmação identitária.

Manuel Castells (2003: pp. 43 e 44), ao analisar as redes sociais virtuais, reafirma a leitura de que elas de fato permitiriam maior abertura a processos comunicacionais mais livres e horizontalizados. De forma geral, enquanto os meios de comunicação de massa estão sob a custódia das burocracias governamentais e dos conglomerados midiáticos, as comunidades virtuais tornam-se espaços possíveis e de fácil acesso a propostas alternativas, que escapem desse domínio. É o caso, por exemplo, das ações de boicote a marcas, que fazem testes de produtos em animais, que podem tomar dimensões globais, em curto tempo, pela agilidade e intercâmbio de informações via web. Deve ser ressaltado que a facilidade que os jovens têm em usar as tecnologias, e a maneira dinâmica pela qual circulam em diversos espaços virtuais, pode ser poderosa ferramenta de conscientização, mobilização e construção de saberes coletivos.

3.1 Afinal, o que é ser um Sxe?

O que é ser um *straight edge*? Como eles se narram? Quais são suas práticas de consumo e de comunicação? Essas foram algumas das principais questões que nortearam esta etapa da pesquisa. Tentávamos ainda compreender como o engajamento no movimento *straight edge* influenciava e marcava a construção identitária desses jovens, participando da

³¹ Papel anteriormente desempenhado por fanzines, no florescimento do punk.

afirmação de sua subjetividade, e, recusando a visão externa da cena juvenil, buscamos nas narrativas pessoais as próprias definições e os significados sobre a referida escolha de vida.

Para chegar a esses dados, mapearam-se espaços – físicos e virtuais – nos quais se notassem a participação e a interação espontânea entre os jovens. Além disso, como aborda Prado (2010: p. 64), procurou-se reconhecer no discurso não somente o recorte do mundo que os jovens assumem como sujeitos sociais, mas, em especial, os modos pelos quais eles recolocam os agentes, repõem os modos de ver e de ouvir, afirmam-se por meio do seu corpo e compreendem o sensível e o inteligível. Na mesma direção de Rocha (2008: p. 129), enfatizamos que o consumo participa como referência fundamental para a construção das narrativas sobre si e sobre os outros, com representações imagéticas e universos imaginários repletos de significação (Idem, *ibidem*: p. 122). Como sugere Amaya (2004: p. 44), auscultar as narrativas sobre as experiências pessoais de vida possibilita encontrar, nas falas, processos e mecanismos utilizados para as definições identitárias.

Após a reconstituição histórica do Movimento, vislumbrávamos hipóteses sobre o que seria encontrado em diferentes graus de importância como temáticas recorrentes nos depoimentos dos *straight edges*, tal como cena musical, práticas alimentares, informações e denúncias sobre marcas que não estivessem alinhadas aos ideais vegetarianos, entre outros assuntos. Se, por um lado, as impressões não estavam muito longe do que identificamos posteriormente, por outro, inicialmente, não havia a dimensão da profundidade e da centralidade das questões para os jovens.

A partir de metodologia com viés netnográfico, recorreremos às redes sociais mais utilizadas pelos *straight edges* a fim de iniciar o mapeamento dos perfis pessoais e as comunidades específicas do grupo. Martín-Barbero (2004: p. 13), quando questionado sobre como mapas, representações planificadas e distorcidas, eram metáforas para o seu método cartográfico, responde: “Mas quem disse que a cartografia só pode representar fronteiras e não construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos?”. A essa pergunta retornamos em outros momentos e sempre encontramos entrelaçamentos, caminhos de fuga e labirintos que funcionavam como verdadeiras táticas (CERTEAU, 2008 e 2009) de re-existência desses jovens em meio à sociedade do consumo.

Blogs e sites pessoais, em razão do recorte da pesquisa, foram acessados apenas para dirimir dúvidas pontuais, em especial no que se relacionava a processos e marcadores históricos necessários para melhor mapear o movimento e seus estilos. Nosso enfoque – inclusive para delimitar o objeto de pesquisa – procurou na diversidade das narrativas as formas pelas quais os jovens se legitimavam como sujeitos sociais e nas quais as

subjetividades eram constituídas e reconstituídas constantemente (AMAYA, 2004: p.46). Agnes Heller (2008), em estudos sobre o cotidiano, defende que na vida do indivíduo há sempre duas dimensões, uma genérica e uma particular. Enquanto a primeira se relaciona a uma experimentação ou a relações sociais comuns aos seres humanos, como o trabalho, na segunda ocorre a construção da individualidade e das satisfações pessoais. Complementando, Edgar Morin (1996: p. 48) entende que, como produtores e produtos da sociedade, fenômeno que ocorre na interação entre indivíduos, criamos organizações com qualidades próprias que retroatuam nos atores sociais. Dessa maneira, compreendemos que nos discursos dos *straight edges* existem tanto aspectos particulares de experimentações e vivências do movimento como posições genéricas que marcam a constituição dos coletivos como movimento, em sentido mais amplo, também envolvendo características globais.



Figura 13 - Página do Facebook com a temática *Straight edge*.

Outra determinação é que atuaríamos apenas como observadores, sem interferir no ambiente, postando ou respondendo a alguma mensagem. De qualquer forma, tínhamos consciência de que apenas nos tornando participantes das comunidades estaríamos intervindo no *locus* de observação, porém, procuramos ao máximo minimizar a interferência nos movimentos internos das comunidades virtuais. Decidido isso, entre uma considerável gama de opções, passamos a procurar espaços de interação entre os *straight edges* com as seguintes características: uma rede social aberta à participação de todo e qualquer jovem, que tivesse a temática *straight edge* e possuísse uma dinâmica ativa entre os usuários. Cabe ressaltar que nosso enfoque estava em comunidades específicas do Movimento, e não nos interessavam os

espaços com temáticas próximas, como *hardcore* ou punk e, com isso, identificamos comunidades nas seguintes redes: Orkut³², Facebook³³, MySpace³⁴ e Flickr³⁵.

Como nossa intenção estava fundamentada no estudo dos *straight edges* no contexto nacional, logo descartamos o Facebook, pois, apesar de ser uma das redes sociais mais acessadas no mundo, há apenas duas comunidades (*Straight edge* e *Being Straight edge*) que se referem ao estilo de vida dos jovens estudados. Ambas não eram acessadas frequentemente pelos brasileiros e, por limitações tecnológicas, o site não possibilitava a postagem de mensagens, o que dificultava a integração entre os usuários.

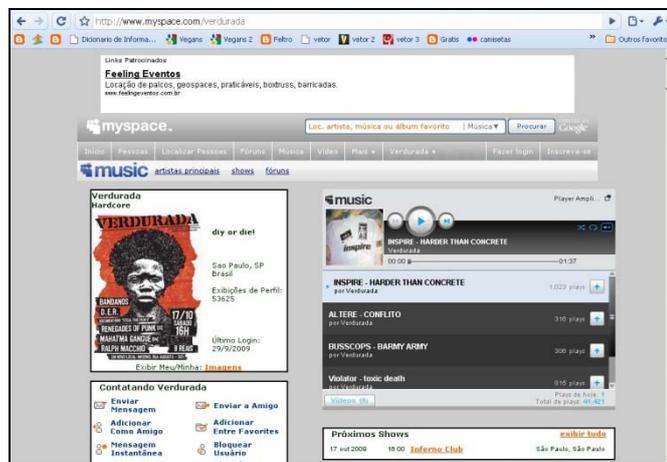


Figura 14 - Página da Verdurada no MySpace.

O MySpace, por ser espaço de disponibilização de músicas e formatar sociabilidade centrada na cena musical, afinilava as trocas de informações e a postagem de opiniões sobre temas diversificados. Apesar disso, verificamos que, quando preenchiam o perfil em outras redes sociais, os jovens do movimento colocavam o *link* de sua página pessoal do MySpace, formando uma rede de fluxos virtuais. Processo similar também foi identificado no Flickr, com o *upload* de fotografias de diversas naturezas. No Flickr, entre os inúmeros perfis visitados e imagens vistas, um dos usuários chamou especialmente nossa atenção: Daigo Oliva³⁶, um dos fotógrafos mais expressivos da cena underground. Curiosamente, Oliva tem um livro de fotografias (*Fodido e Xerocado. Por favor, olhe para mim!*³⁷), com Mateus

³² <www.orkut.com.br>

³³ <www.facebook.com>

³⁴ <www.myspace.com>

³⁵ <www.flickr.com>

³⁶ www.flickr.com/photos/daigooliveira/

³⁷ www.cospefogo.com/fodidoexerocado/

Mondine, publicado por duas empresas de produção independente, Cospe Fogo Produções e Augusta Produções. A dupla mantém o fanzine *Fodido e Xerocado*, que está em circulação desde 2006. Em 2010, algumas imagens do livro foram expostas no espaço +Soma³⁸, migrando de cena mais underground punk para cena cult alternativa *moderninha*.



Figura 15 - Verdurada, jan. 2007 (Fotografia: Mateus Mondini).

Posteriormente, na mesma rede, descobrimos a página da Verdurada, na qual eram disponibilizados todos os cartazes dos 14 anos do evento. No espaço, havia um museu virtual, mostrando imagens de exposição no Espaço Ay Carmela, fundamentais para a nossa análise. Diferente de outras redes sociais como o Orkut e o Facebook, na qual os usuários interagem postando e acompanhando as discussões das comunidades, o Flickr e o MySpace são locais de passagem, mas não de permanência, dos sujeitos juvenis, pois esses espaços operam na criação e utilização de perfis pessoais e dão pouca abertura para uma participação mais coletiva.

No Orkut, a realidade se configurava de forma completamente diferente, o que viabilizou adentrar com mais profundidade no universo pesquisado, especialmente no contexto brasileiro. Apenas com o termo *straight edge* encontramos mais de cem comunidades que contemplavam temáticas diversas, como Straight Edge Girls, Straight Edge Society, Straight Edge do Interior, Straight Edges Cristãos, entre outras. Nesse universo, apesar de pequena parcela das comunidades ser paródia ou composta por ironias ao Movimento, como por exemplo, a intitulada “A Xuxa é straight edge?”, a maioria estava relacionada a espaços geográficos, tais como Straight Edge de Campinas, Straight Edge do

³⁸ www.maissoma.com/

Vale do Paraíba, ou a questões ligadas ao consumo desses jovens como a Straight Edge Veganos e a Balada Straight Edge. No entanto, nessa gama, talvez como cultura própria da cena *hardcore*, encontramos apenas uma ligada às questões de gênero, a Straight Edge Girls.



Figura 16- Comunidade Straight Edge Brasil, no Orkut.

Como recorte metodológico optou-se por selecionar as comunidades que tivessem o maior número de membros. Com esse olhar, percebemos que uma em especial, a Straight Edge Brasil, tinha quatro vezes mais membros do que as demais, o que significava cerca de 2.600 participantes, seguida pela Straight Edge (705), Straight Edge Girls (592), Brazilian punk/straight-edge (493), Straight Edge Society (374) etc. Ao longo do percurso, notamos que a circulação de inúmeros jovens ocorria entre vários espaços, e que os que exerciam maior influência e eram mais ativos nas discussões estavam na comunidade Straight Edge Brasil. Assim, centramos esforços nesse espaço, encontrando *links* para outros sites, especialmente o MySpace, e identificando os eventos e locais de consumo na cidade de São Paulo.

Diferentemente de outras redes sociais, o Orkut tem arquitetura de informação que visa a uma maior interatividade e sociabilidade entre os usuários. Depois de criado um perfil pessoal, com questões que abrangem desde cidade de nascimento, status de relacionamento, até formação educacional e empregador, eles se tornam membros das comunidades das mais diversas naturezas, decidindo participar de forma mais ativa – postando perguntas e *links*, respondendo a questões levantadas por outros membros, opinando – ou, de maneira mais passiva, apenas acompanhando as mensagens ali colocadas. Há a possibilidade de criar enquetes que, após serem respondidas pelo usuário, têm seus resultados disponibilizados em um gráfico.

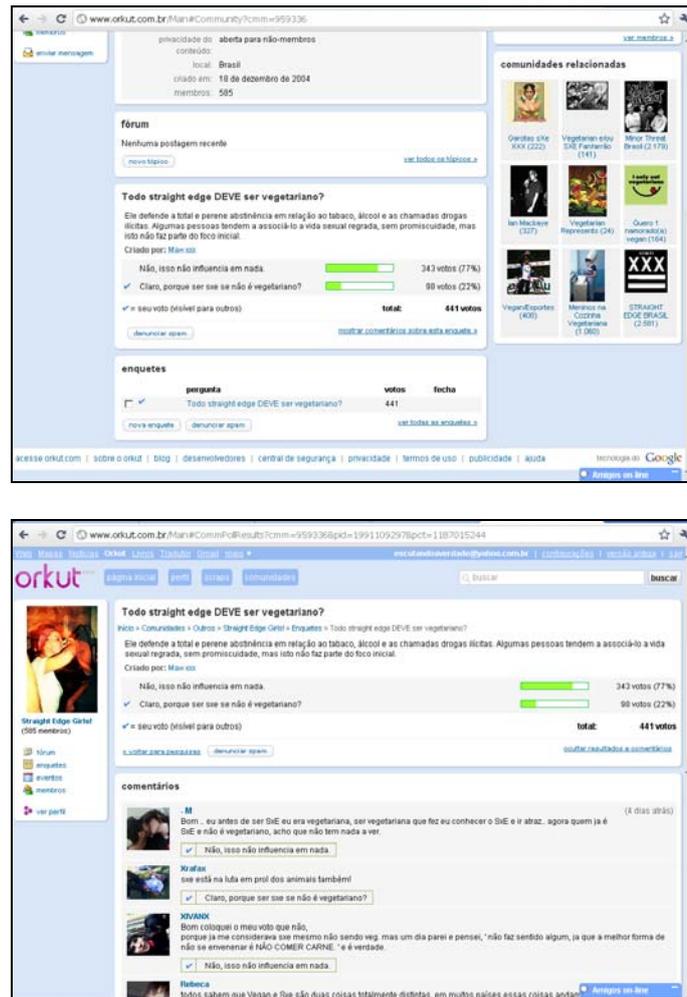


Figura 17 - Enquete sobre a legalização do aborto realizada na comunidade Straight Edge Girls

Entre diversos tópicos encontrados, fizemos novo recorte, dessa vez temático. Depois de analisar as comunidades escolhidas na primeira etapa, pudemos perceber que os assuntos que fomentaram mais discussão entre os jovens do Movimento eram os mesmos em todas as comunidades. É interessante perceber que certas questões, como o veganismo, aparecem em momentos diferentes, porém com o mesmo enfoque, em todas as comunidades. Outros temas mais abrangentes, relacionados à vida cotidiana dos jovens, são recorrentes, mas com enfoques completamente distintos, abrindo a possibilidade de identificar as divergências assinaladas internamente ao Movimento. Decidimos abordar as principais recorrências temáticas e, em alguns casos, assuntos que não foram especialmente discutidos nas comunidades, mas que se relacionam com histórias e mitos criados sobre o universo *straight edge*, como as suas práticas sexuais.

3.2 Dúvidas, dicas e prescrições para a vida *straight edge*

Na comunidade Straight Edge Brasil, um tópico nos chamou bastante a atenção, por sua abordagem: Começando sXe, na qual jovens que recém-aderiram ao Movimento pedem conselhos aos mais velhos de cena. O tópico começa com o seguinte depoimento:

A um tempo atrás eu conheci o sXe e comecei a estudar um pouco mais sobre isso, chegando a um ponto que eu assumi isso como sendo o melhor pra mim. Tenho acompanhado a comunidade a (sic) pouco tempo, já conheço algumas bandas da cena e pans, mas queria ir um pouco mais a fundo, conhecer mais pessoas e pans. Vocês fazem algum encontro da comunidade (Principalmente em SP xD)? (sic)³⁹ (BRUNO, Straight Edge Brasil, 13/07/2010).

As respostas (13/07/2010) estavam totalmente relacionadas ao modo próprio de participar da cena *hardcore*, e serviam de parâmetro para que os demais jovens soubessem quais ações deveriam escolher para se tornar um *straight edge*. Como em um roteiro de práticas, a primeira decisão a ser tomada era ir aos shows para iniciar a socialização e se inserir no movimento.

Nesse rito de passagem, os mais antigos adeptos estimulam os iniciantes, dizendo que “não existe nenhuma barreira, nenhum dono do sXe, e ninguém vai te tratar diferente por ser novo ou não” (EDILSON, 14/07/2010). Os iniciantes correspondem a essa abertura de maneira positiva, porém ainda inseguros com o retorno: “bom saber que agente por sermos novos não vamos ser tratados diferentes porque tem muitos que arranja treta por causa de ser novo e tals fala que é por moda!” (ANDERSON, 26/07/2010). Percebemos que, na fala de Edilson, ainda restam dúvidas sobre o tratamento que os mais jovens encontrarão na cena *hardcore*, porém, uma das meninas, participante há mais tempo, continua incentivando e respondendo às questões:

Uma boa forma de começar é colando no show do H2O e Terror que será semana q vem, além disso, em setembro tem a verdurada (como o nosso querido amigo ai disse)... Outra forma também é pesquisar aqui mesmo na comunidade alguns foruns que tenham postadas bandas sxe e vê se é isso mesmo que vc qr... enfim comece a aparecer e cole com as pessoas certas que será sucesso! ^^ xfuerzax (ISADORA, Straight Edge Brasil, 26/07/21010)

Essa narrativa é seguida pelos comentários de outros jovens:

³⁹ As citações foram extraídas do site de relacionamento Orkut e, por fidelidade, serão transcritas literalmente. Por motivos de estilo, considerando a particularidade da escrita informal e eletrônica, e para evitar repetições indesejadas, não sinalizaremos as discrepâncias de linguagem com norma-padrão por meio da expressão *sic*.

acho legal também conhecer outras ideias dentro do movimento punk se envolver mais e tal pra não ficar sempre na mesma coisa *straight edge* por *straight edge*, porque acaba se tornando algo vago. (RONALDO, Straight Edge Brasil, 26/07/2010)

sepa sempre vai ter gente se achando “dono do movimento *straight edge*” (juro q ja ouvi isso) , mas nao precisa esquentar com isso, ninguem precisa “ser aceito”. Como ja disseram, o sxe deve fazer parte de vc, e nao vc dele. (XDANICXSX, Straight Edge Brasil, 28/07/2010)

Ronaldo, complementando o discurso de Isadora, convida a uma participação mais séria e engajada no Movimento, mostrando que para ser *straight edge* era necessário ir além de títulos e discussões. Ele ainda ressalta que é fundamental conhecer o universo *hardcore-punk-straight edge* antes de tomar qualquer decisão. Destacamos que, para eles, o conhecimento e o estudo aprofundado, principalmente sobre questões que envolvam estruturas sistêmicas – política, instituições, religião, ONGs – são os possíveis caminhos de libertação dos conceitos moralistas ou degradantes da sociedade atual, inclusive das influências da cultura judaico-cristã. Apesar de afirmarem que não há a necessidade de serem aceitos pelos sXe, e que a decisão de ser um do grupo é individual, normalmente dão dicas e conselhos que remetem à participação em grupo como prática identitária.

As formatações contínuas dos discursos são construídas ao redor de modos e práticas específicas que são assertivas para a inserção no grupo e demonstram claramente que há anunciada uma finalidade prescritiva (PRADO, 2010: p. 63), cujo objetivo é guiar iniciados ou iniciantes a agir de modo correto na cena *straight edge*. Essa abordagem ordenadora, apesar de em vários momentos ser mascarada por posturas que delegam ao recém-chegado a responsabilidade por suas escolhas, é, em geral, carregada de alertas e regras que retomam a seriedade de participação no Movimento, como se identifica no trecho abaixo:

Procure nos tópicos da comunidade por fanzines, bandas, discussões de temas polêmicos, enfim. Este último item, sobretudo, ajuda muito a entender que SxE não é cartilha e justamente por isso existem pessoas com pensamentos absolutamente opostos com relação a vários assuntos. Existe até, pasmem, SxE de direita... Como o Roberto disse, é importante se envolver com a cena punk/hc, isso fortalece a contracultura, fortalece os laços humanos e mantém a chama acesa. O SxE deve fazer parte de ti, não tu dele. Não é um clubinho ao qual nos afiliamos, é algo que vai com a gente, independente de lugar ou de “crew”. Força na peruca (S.B., Straight Edge Brasil, 27/07/2010).

Alguns membros são ainda mais contundentes, afirmando que “aceitar o *straight edge* pra vc é o principal, e aceitá-lo até o fim, acima de tudo” (RO, 27/07/2010), estabelecendo condição que não deixa margens a arrependimentos ou retorno. Para outros, a posição

categórica é “orgulho cego” que torna oblíquos os pensamentos, limitando a possibilidade de outras experiências. Contraditoriamente, o mesmo jovem que coloca essa decisão eterna expressa que as posturas fechadas se tornam “arma contra as pessoas erradas”, referindo-se aos companheiros de cena que possuem visões diferentes sobre o mundo (RO, 31/07/2010). Conviver com a divergência é situação rotineira no Movimento, pois entre eles há variedade de visões de mundo sobre o que é ser um *straight edge*. No entanto, mesmo percebido entre eles como universo diversificado – o que muitas vezes parece uma visão distorcida, pois na maior parte dos depoimentos encontramos traços contundentes de comportamento e ideologias corretos a serem seguidos –, esses jovens constroem um discurso em relação aos outros. Segundo Edgar Morin (2006: pp. 48 a 50), ao explicar a constituição do indivíduo-sujeito, percebe-se que certamente essa noção implicaria duas outras: autonomia e dependência para o autor,

É assim que esse princípio permite a autorreferência: posso tratar-me a mim mesmo, referir-me a mim mesmo, porque necessito um mínimo de objetivação de mim mesmo, uma vez que permaneço como eu-sujeito. Só que, assim como a auto-organização, de igual modo, a autorreferência é a auto-exo-referência, ou seja, para referir-se a si mesmo é preciso referir-se ao mundo externo (MORIN, 2006: pp. 49-50).

Ser um *straight edge* exige autonomia – característica por várias vezes ressaltada em vários fóruns –, que está paradoxalmente interligada a uma dependência. Na maioria das vezes há um chamado à autonomia, seguido por uma série de enunciados prescritivos (PRADO, 2010), que, basicamente, têm como função tutorear a vinculação com o movimento. A mesma atitude é identificada quando os jovens se referem aos demais que não estão alinhados à mesma visão ideológica. Por um lado, há a construção discursiva que prega respeito horizontal, na qual todos são iguais, porém, em vários momentos, colocam-se como “Nós”, *straight edges*, diante dos “Outros”, os que fumam, bebem e comem carne. Um dos jovens, ao se referir à namorada, que não faz parte do grupo, pergunta aos demais:

Respeito é sempre bom, mas incomoda um pouco vai! pelo menos eu, me sinto um pouco incomodado qdo minha namorada bebe, no começo ficava louco, mas dps comecei a aceitar as diferenças e vi q cada um toma a decisao que bem entende, mas q incomoda incomoda vah! todo mundo locao falando merda e vc la sobrio, nao q isso me bloquei de falar merda e ser retardado (CAUE, Straight Edge Brasil, 03/12/2010).

Outro aspecto abordado na relação autonomia-dependência é o consumo. Para participar, ou parecer entrosado ao movimento, é necessário estar inserido e compreender as

trocas simbólicas que envolvem o universo *hardcore*. Sem dúvida, a música e o estilo de vida são os elementos de ligação entre esses jovens, porém, a participação na cena punk *hardcore straight edge* é fundamental à constituição de sociabilidade. Como afirma Straw (2005), mais do que a identificação por afinidade de gosto – ressaltamos que não basta apenas gostar ou escutar esse estilo musical –, é fundamental, além de estar nos locais próprios ao consumo dessa musicalidade, a criação de uma imagem performática que abrange gírias e modos de portar o corpo, assuntos específicos, trajés e signos particulares da comunidade (como os alargadores e tatuagens). Deve-se observar que alguns dos mais engajados no movimento identificam, com clareza, a importância da aparência em comparação à atitude mais consciente:

Só ficar atento aos *shows*, em agosto vamos ter turne de bandas do Chile, setembro tb, e por aí vai, só colar e fazer amizades, se informa sobre as bandas, sobre o que rola nos *shows* fora música, como a verdurada por exemplo, que sempre tem palestras, vídeos, zines⁴⁰, cds e camisetas a venda. (EDI, Straight Edge Brasil, 14/07/2010)

Em outro fórum, “O que o punk te ensinou?”, composto por *straight edges* engajados há mais tempo no movimento, Wesley (12/06/2007), sem titubear e sem constrangimentos diante dos demais participantes da discussão, responde: “O punk me ensinou que o visual é tudo e a atitude é nada”. Esse jovem, talvez, é um dos mais ácidos sobre o que o punk, no sentido amplo, tem se tornado, porém reconhecidamente entre os participantes a cena underground *hardcore* se banalizou, perdendo criticidade e alteridade. Há a mesma discussão em outro espaço, “O império satânico da Disney World”, título comentado mais adiante. Nele há falas bastante similares:

Pois é, valores que tempos atrás eram combatidos pelo Punk/HC agora se fazem presentes. Ao que parece, aqueles abomináveis vícios sociais antes desprezados chegam para ficar na cena. Do jeito que vai, daqui a pouco vão ser contra o casamento gay, pesquisa com células tronco, etc. A cena que antes era um passo a frente no que se refere a ideias, corre o risco de se perder em valores estranhos. Digam adeus ao Punk/HC político e combativo. E sejam bem vindos a nova era do punk/HC moralista, apolítico e simpatizante da direita. (TR(E)V(A), Straight Edge Brasil, 16/04/2008)

Não vou nem comentar a cena atual, pq é perder tempo (L.A., Straight Edge Brasil, 18/04/2008)

⁴⁰ Os fanzines, apesar de não circularem na mesma intensidade e quantidade como no início da cena punk brasileira, continuam a exercer importância simbólica para a troca de informações.

A identificação continua a ser levantada em diversos outros espaços:

Mas a questão é que o sXe ainda está nessa fase de virar zoação (pelo menos aqui no sul está no meio do processo) e o problema desse comodismo é deixar que ele fique como o *Hardcore* ficou, por exemplo (não preciso explicar, todos aqui sabem aonde chegou o movimento). O cara diz “foda-se se o moleque é sXe zoad”, e pra mim não é assim. Sempre que um moleque qualquer aqui diz que virou sXe eu falo com ele, no final, ou apavoro ou já vou dando uns toques, passando uns sons. É escolha: ou deixar o pessoal alienado, ou colocar alguma coisa na cabeça deles (Alexandre, Straight Edge Girls, 14/05/2005).

Apesar de levantarem práticas que configuram um novo momento da cena *straight edge*, menos engajada em temas políticos e nas posições libertárias, e também identificar moralismos até mesmo religiosos, não temos como negar que o ambiente virtual foi efetivamente utilizado como um importante espaço alternativo ao sistema capitalismo vigente, decisivo para a construção de identidade e sociabilidade juvenis. No fórum “O que o punk te ensinou?” há a recorrência do discurso de que a cena musical sempre foi o espaço para expressar ideais, questionar a sociedade, transmitir valores e dar continuidade ao Movimento.

Como observa Amaya (2004: p. 97), a natureza do rock sempre foi configurar espaços horizontais e livres para expressão e participação comunitária, como se pode notar nos seguintes depoimentos: “o punk é responsável por eu ser uma pessoa não racista, não homofóbica, não machista” (HOMER, 10/06/2007); “que não são merdas brancas que me fazem feliz, e sim um pensamento que a vida pode ser vivida de forma limpa e louca” (WESLEY, 12/06/2007); “faça você mesmo” (XRUBENSX, 17/06/2007); “luta e respeito” (MARIANO, 02/06/2007); “nem tudo deve ser levado ao pé da letra” (BIANO, 02/08/2007); “uma consciência política e que, em certo momento, que o punk é uma merda” (LIGA, 03/08/2007). Muitos jovens montam bandas e fazem amizades no ambiente, formando uma verdadeira família: viajam para shows, encontram-se nos eventos, trocam fanzines e informações por meio das redes sociais, descobrem o que está acontecendo nas cenas internacionais e fazem intercâmbios de música/banda em diversos países. Na relação entre os *straight edges* vão sendo engendrados processos de subjetivação que envolvem experimentações particulares e coletivas, imbricações fundamentais à construção identitária desses sujeitos. Como afirma Edgar Morin (1996: p. 51), há um duplo conceito inclusão/exclusão que faz “com que possamos integrar em nossa subjetividade outros diferentes de nós, outros sujeitos. Podemos integrar nossa subjetividade pessoal em uma subjetividade mais coletiva: ‘nós’”. No espaço de diálogo entre os participantes do Movimento são traçadas trajetórias e trocas simbólicas que dão sentido próprio à vida dos jovens.

Segundo Mack (11/06/2007), ainda no fórum “O que o punk te ensinou?”, a cena *straight edge* foi o espaço que ele encontrou para ser ele mesmo, curtindo coisas alternativas, por outros grupos taxadas de *nerd*. Ele afirma ainda que pode conviver em um lugar no qual não é visto como “maluco”, e pertence a um grupo de “verdadeiros amigos”. Para outro participante do Movimento, Dufi (02/02/2007), “o hardcore mudou a minha vida mesmo, sem nenhum exagero, foi ouvindo bandas de hardcore e punk que me interessei sobre muitas coisas, política, história do Brasil e do mundo, passeata e tudo”. A participação coletiva e o engajamento aos princípios sXe mudaram radicalmente a vida de muitos jovens, e isso também na dimensão política.



Figura 18 - Imagens das performances encontradas na Verdurada, 17/10/2009.

Esses jovens percebem esse espaço de interação entre os pares como verdadeiras comunidades baseadas na fraternidade, união e fidelidade. Vários deles utilizam expressões como “amigos para sempre” e “família *straight edge*” e, na maior parte das vezes, ressaltam que nos relacionamentos entre os parceiros de cena há uma igualdade muito maior do que a encontrada em diversos outros coletivos. Sem dúvida, os jovens, em diferentes momentos, colocam-se como superiores, acreditando que as práticas pessoais e coletivas são mais conscientes e engajadas do que a dos demais. Na postura que busca intensidade, afirmação e exaltação dos relacionamentos verdadeiros e intocáveis – encontrada em expressões como “para a vida toda”, “que nunca será destruído”, “amigos eternos”, “fraternidade sempre” – há

dinâmica parecida à intensificação dos sonhos, ideais, ceticismos e fervores da adolescência (MORIN, 1984: p. 154). Morin (Ibidem), ao escrever sobre a exacerbação de valores e relacionamentos, identifica uma fase na vida na qual a “personalidade social ainda não está cristalizada”. Com isso, os sentimentos ainda são dúbios entre a busca de autenticidade e de integração social, mas, como assinala esse autor, quando a recusa do sistema não é mais vivida em um momento conturbado, tende a se configurar em nova ética e em modo de vida permanente (Ibidem).

Nas práticas significadas e ressignificadas ao redor do *hardcore* há a construção do sujeito, e quando alguns se engajam no movimento, são ainda adolescentes ou bastante jovens, encontrando na cena *hardcore* referências para pensar o mundo, analisar as próprias práticas e identificar escolhas que marcarão o futuro. Nesse caso, o consumo do *hardcore* é o elemento central que os liga e abre a possibilidade de se expressar por meio da linguagem musical. Para Morin (1996: p. 53), a linguagem é um dos instrumentos de objetivação na qual o indivíduo-sujeito pode tomar consciência de si. Simone Luci Pereira (2009) estabelece questões mais amplas que ajudam a analisar especificamente a cena *straight edge* e a construção da subjetividade pessoal e coletiva. Essa autora propõe que há na performance musical tanto a interpretação do artista no ato de cantar e como a dimensão da recepção, que envolve percepção e sentido, gosto e apreciação pelos ouvintes. Analisando as teorias de Zumtor (*apud* Pereira, 2009: p. 139), Pereira complementa que há vocalidade “que é a historicidade da voz humana, o seu uso, sua ação num tempo/espaço específicos, determinada ao mesmo tempo no plano físico, psíquico e sociocultural”, acrescentando que há participação de um corpo engajado, marcada pela teatralidade e pela percepção sensorial, que Zumtor denominou de performance (PEREIRA, 2009: p. 139). Essa característica é identificada especialmente em shows e festivais com maior número de participantes, como a Verdurada, quando a performance dos músicos se relaciona com a dos ouvintes: que praticam mosh e dançam em roda de pogo, além de suas características gírias, corpos e roupas, a atitude autêntica e engajada, ambiências e consumos; a imersão nesse espaço sinestésico contribui e estimula sensibilidades e experimentações, traçando uma conexão entre ambientes virtuais e físicos.

A performance está relacionada a um ponto de coincidência entre emissão, ação e recepção, que amplamente cristaliza a percepção sensorial e, como em todo processo de comunicação, se enquadra em um contexto espaço-temporal. Simone Pereira (2007), ao dialogar com o trabalho de Murray Schafer (1991), afirma que

a escuta é percebida como o centro de um complexo relacionamento entre o ouvinte e seu meio ambiente, onde todos os sons pertencem a um campo contínuo de possibilidades dentro do domínio da música, incorporando sons, ruídos. Isto tudo daria origem à paisagem sonora (...) e se refere a qualquer ambiente sonoro ou qualquer porção dele visto como campo de estudos, podendo ser este um ambiente real ou construções abstratas, como música, programas de rádio etc. Assim, os sons presentes na paisagem sonora interferem diretamente nos órgãos sensórios, colaborando para a constituição de novas formas de sensibilidade e novos hábitos (PEREIRA, 2007: p. 2).

Escutar o som *hardcore*, as ações performáticas e as experiências na urbe compõem o alicerce fundamental à arquitetura de uma paisagem sonora *straight edge*. Paisagem que marca a construção identitária dos jovens e estabelece novas formas sensíveis de apreender, experimentar e se posicionar socialmente. Essa mesma postura é claramente vista no uso das redes sociais, que permitem a disponibilização de conteúdo audiovisual: performances e paisagens sonoras virtuais expõem-se pelo YouTube, MySpace, Orkut e Facebook. Martín-Barbero (2004: p. 284) sinaliza para as questões relacionadas às cumplicidades expressivas, pontes que engendram fluxos de interação e informação nos meios virtuais, que extrapolando para os encontros face a face. Para os *straight edges*, o movimento performático do virtual para a cidade, ou da cidade para o virtual, é prática constante de significação e ressignificação da paisagem sonora.

3.3 Para além das paisagens sonoras: práticas alimentares na cena *straight edge*

enfim, sou SxE há um tempinho (+ ou - uns 2 anos) mas tenho uma pequena dúvida q me incomoda la vai: o cara pode ser sXe mas ainda assim se alimentar de carne e derivados de animais? (ovos, manteiga, leite etc...) desde já, agradeço (FRANK, 28/07/2010)

São coisas diferentes, ligadas entre si. A maior questão não é comer ou não comer carne. É o entendimento do impacto que isso causa. Só “não comer carne” pra fazer parte de algo é uma merda sem sentido. Tenta se informar, por fontes mais científicas e confiáveis que esse monte de sensacionalismo que existe por ai, sobre o impacto da criação de gado confinado, os problemas ambientais relacionados a pesca, coisas assim. A chance de você mudar um pouco a forma de entender o que é se alimentar é grande, que no final das contas, é a parte que importa. (LOLY, 28/07/2010)

Uma pequena parte do movimento propõe que ser um *straight edge* não tem a ver com o consumo, abstinência de drogas ou atitudes alternativas ao sistema capitalista vigente. Já, pelo que identificamos nas redes sociais, para a grande maioria deles trata-se de tomar uma decisão radical e se abster de determinados tipos de alimentos, principalmente carne, uma atitude obrigatória para participar do movimento. Ainda, os mais radicais acreditam que não

basta apenas restringir a alimentação, mas deve-se pensar o processo de produção, circulação e consumo de forma bastante ampla e, com isso, basear as escolhas em um pensamento ampliado que envolveria o respeito aos animais, incluindo os seres humanos e ao meio ambiente, em uma postura antissistêmica.

Peter Singer (1983: p. 2), um dos autores referenciados pelo grupo, propõe que haja uma ampliação do princípio básico de igualdade, que se fundamenta não somente em um tratamento igual ou idêntico, mas que requer uma consideração igual entre os animais. Em um exemplo levantado por esse autor, existem diferenças inegáveis entre homens e mulheres, ou entre os cães e os homens, por isso, quando as feministas defendem a prática do aborto como um direito da futura mãe, é um discurso possível para o ambiente feminista/feminino, o que não poderia ser estendido para o direito à defesa do “aborto masculino”. Da mesma forma, os seres humanos estabelecem sistemas de voto para eleger um determinado representante em um sistema político democrático, mas quando se consideram os cães, não seria aceitável pensar que eles teriam o direito ao voto. Dessa maneira, estabelece que:

O princípio de igualdade dos seres humanos não constitui uma descrição de uma suposta igualdade fatural existente entre os humanos: trata-se de uma prescrição do modo como devemos tratar os seres humanos (...). Como implicação desse princípio de igualdade, as nossas preocupações pelos outros e nossa prontidão em considerar os seus interesses não deverão depender do seu aspecto ou das capacidades que possuam. O que nossa preocupação e consideração nos exigem poderá variar precisamente de acordo com as características daqueles que serão afetados pelo que fizermos (...). (SINGER, 1983: p. 4).

Dessa consideração, na qual os seres devem ser tratados de forma horizontal, o autor coloca uma segunda proposta que se fundamenta na ideia de que assim como existe o racismo, pela percepção de que existe uma superioridade entre algumas raças em detrimento a outras, e o sexismo, que marcaria a diferença entre os sexos femininos e masculinos, existiria também um especismo, que está baseado em um preconceito ou atitude de favorecimento dos interesses dos membros de uma determinada espécie em relação a outra. A prática dessa ética da igualdade, imersa em um sistema capitalista como o experimentado pela sociedade contemporânea, estaria na contramão de um estado de alienação. Rosa, uma das jovens do movimento, ao explicar sua postura diante do consumo, tendo em vista o respeito a todas as espécies, coloca que:

Como respondi no outro tópico... valoriza-se muito mais aquilo q sustenta os rótulos do que a atitude em si... Vale constar que isso é uma realidade geral a todos os jovens, que hoje vivem dentro da sociedade burguesa, acomodam-se a ela e pouco (ou nunca) a questionam.. Muito mais fácil mesmo acomodar-se e não

buscar informação em um meio onde esta é distorcida, pré-produzida e enlatada para não ser de fato questionada... E disso restam apenas coisas menores e superficiais e dessa necessidade de se completar surgem os rótulos e tudo o q os sustenta... Só creio q tenhamos q ter cuidado com o assistencialismo no caso das soluções... não devemos pensar em algo paliativo e sim na mudança estrutural do problema começando pela sua base.. senão acaba funcionando como algo para limpar a própria consciência em um ato tão egoísta quanto ao de se conformar e não questionar... (ROSA, Straight Edge Girls, 15/04/2005)

Talvez, este seja um dos pontos mais importantes para a constituição dos *straight edges*, a busca incessante por uma nova experimentação ética, em suas práticas de consumo cultural e material. Nesse contexto, outras questões emergem como parte do discurso desses jovens, a noção de respeito – a todas as espécies e, mais especificamente, aos relacionamentos sexuais e à amizade entre seus pares – e o repúdio a todo o tipo de preconceito. É interessante perceber que nessa lógica da preservação, uma proposta que acompanha os princípios desses jovens é respeitar o sofrimento dos seres. Em trecho retirado do site da ONG Verdurada, uma das matérias traz a seguinte ideia:

Darwin afirmava que não existem características exclusivamente humanas: “A diferença de inteligência entre o humano e o animal mais evoluído é uma questão de grau e não de espécie.” Mesmo se não somos capazes de avaliar a natureza precisa da consciência animal, parece evidente que todo ser dotado de percepção é consciente e possui uma existência mental contínua. (...) Os humanos que sofrem de amnésia transitória, por exemplo, não têm noção alguma do passado ou do futuro, mas conservam uma consciência de seus corpos em relação aos objetos e aos acontecimentos presentes. (...) Os animais possuem uma inteligência considerável e são capazes de tratar uma informação de modo sofisticado. Como os humanos, comunicam-se com membros de sua própria espécie. (...)

Talvez nenhum animal – exceto o ser humano – seja capaz de se reconhecer em um espelho, mas nenhum humano é capaz de voar ou de respirar debaixo d’água sem ajuda. Por que a capacidade de se reconhecer no espelho ou de utilizar a linguagem articulada seria superior, no sentido moral do termo, ao poder de voar ou de respirar debaixo d’água? A resposta, bem entendido, é que nós o proclamamos. Mas não existe razão alguma para concluir que as características pretensamente exclusivas do ser humano justifiquem o fato de que tratemos o animal como uma propriedade mercantil. Alguns seres humanos são privados destas características, e no entanto nós não os consideramos objetos. Por conseguinte, a questão central não é: os animais podem raciocinar? Ou: podem falar? Mas, precisamente: eles podem sofrer? (GARY FRANCIONE, *Le Monde Diplomatique Brasil*, 08/2006)

Essa noção de sofrimento traz alguns pontos cruciais para esses jovens relativizarem e se decidirem por suas práticas cotidianas: a) a recusa em causar dor ou sofrimento em qualquer espécie, seja pela prática alimentar ou pelo consumo de produtos derivados dos animais; b) o amor ou inclusão de todas as espécies, indo contra qualquer princípio de

segregação: racismo, sexismo, especismo etc. c) o respeito global pelo meio ambiente; d) saúde e cuidado com o próprio corpo; e) consequências sociais e econômicas trazidas pelo sistema capitalista vigente que retroalimenta formas de crueldade e exclusão. Esses pontos, além de serem tomados como base para a decisão de se tornar vegano ou vegetariano, são princípios norteadores de outros aspectos fundamentais no movimento, como os relacionamentos afetivos e as práticas sexuais.

Cabe observar que a alimentação é muito importante e permeia a maioria dos tópicos. Michel de Certeau (2008: p. 245) propõe que o regime alimentar revela uma ordem no mundo ou postula a inscrição do indivíduo nessa ordem. Para esse autor, comer não serve apenas para manter a máquina biológica funcionando, mas concretiza modos de relacionamento entre as pessoas e o mundo e, com isso, fundamenta-se em referências do espaço-tempo. A alimentação é identificada como um processo cultural engendrado em representações sociais – como o que acreditamos coletivamente ser bom ou não para a saúde – e por questões subjetivas, como nossas memórias afetivas de infância (Idem, ibidem: p. 250). Para os *vegan straight edges* as restrições alimentares são formas legítimas de se colocarem contra a cultura dos excessos, da produção e consumo, da sociedade contemporânea.

As práticas alimentares ainda estariam dependentes de uma rede de pulsões, de atração e repulsa (Idem, ibidem: p. 251). Essa repulsa, para os veganos ou vegetarianos, tem como base a compreensão do sofrimento dos seres. Na edição de algumas *Verduradas*, os organizadores projetaram filmes como *A Carne É Fraca*, no qual são mostrados abatedores e animais sendo mortos como maneira para chamar a atenção e conscientizar esses jovens sobre a importância de decidir não participar dessas crueldades. Essas cenas são utilizadas de maneira bastante apelativa para causarem repulsas e associações entre carne e horror e para desestruturar a lógica da alienação que, segundo eles, há por trás da produção, circulação e consumo alimentar.

Lívia Barbosa (2007: p. 88) identifica que há uma dimensão política nas práticas alimentares, especialmente na sociedade contemporânea. Segundo essa autora, questões que em outros momentos eram associadas às preferências individuais e privadas, fundamentadas pelo gosto ou por atribuições mais subjetivas, ganham um novo caráter na esfera pública, afinal, os comportamentos dos consumidores vão trazer consequências globais, identificadas em ações como o *slow food* e o comércio justo. Assim, por exemplo, o veganismo, que poderia ser identificado apenas como um estilo de vida, pode ser visto como um exercício político, cuja operação está na lógica da mudança dos hábitos pessoais como forma de transformar a sociedade e o meio ambiente.

3.4 Eles e elas nas rodas de pogo

No universo underground, em vários momentos, os *straight edges* foram denominados de celibatários, inclusive por irem de encontro à permissividade dos primórdios do movimento punk. Como explica o participante da cena CACA (08/2010), essa fama atribuída ao movimento começou a partir da gravação da música “Out Of Step” (*Minor Threat*, 1983), que tinha como refrão: “Don’t smoke, don’t drink, don’t fuck, at least I can fuking think”. Como a banda era um ícone entre esses jovens, proliferou a ideia de que para ser um *straight edge* era necessário que não houvesse práticas sexuais. Para Estrela (19/12/2010), essa postura foi ainda mais contundente com os *hardlines*, que associavam *hardcore* e espiritualidade. Apesar de o celibato não ser mais uma prática corrente entre esses jovens, essa temática é abordada por eles, no entanto, a questão não é mais discutida em termo de fazer ou não fazer, mas considerando o respeito ao próximo e, principalmente, a indústria do sexo tão difundida na sociedade contemporânea.

Na visão desses jovens, por trás da abordagem da liberdade sexual, o sistema capitalista vigente contamina a sociedade com pensamentos da descartabilidade, do consumo hedonista e em excesso, o que constitui, de forma perversa, uma alienação às questões sexuais e de relacionamento. Assim, refletir sobre essas práticas e assumir uma postura mais séria diante do tema, que envolveria inclusive o sexo dentro de contextos mais estáveis, é uma maneira de se colocar em uma cultura alternativa. E, ainda, quando analisamos o olhar das mulheres sobre esse tema, encontramos falas ainda mais radicais⁴¹.

Há uma ambiguidade na postura de algumas mulheres do movimento que, por um lado, querem o reconhecimento e a legitimação em uma condição horizontal de participação na cultura *straight edge*, e, por outro, se colocam como “sexo frágil” em suas narrativas, como se pode observar nos seguintes tópicos postados na comunidade referida: “Não se iluda com um beijo, até Jesus foi traído com um”; “Abra a mente e feche as pernas”. Não por acaso retomam trechos bíblicos – principalmente os encontrados no livro de Provérbios, escrito em sua grande maioria pelo rei Salomão e que serviria como guia de práticas recomendadas às esposas para se tornarem mais virtuosas, porém em uma sociedade judaica machista – para a construção de uma identidade feminina articulada a um ideal de libertação pelo controle do corpo. Para tal, utilizam frases como: “Mulher virtuosa, quem a encontrará?”. Cabe lembrar

⁴¹ Como identificamos no site “Garotas com respeito próprio”.

que, no *hardcore*, toda e qualquer filiação a religiões é rechaçada, pois seria mais uma forma de dominação sistêmica – o ideal seria formar uma consciência libertadora.

Ainda sobre a temática, na comunidade Straight Edge Girls, o participante xKaladox expressa sua opinião sobre o feminismo no movimento:

Talvez feminismo sxe seja a mulher que luta pela igualdade nesse meio que também é cheio de preconceitos. O cara deve parar de ver a mulher sempre como um ser mais frágil e deixar ela aproveitar seu espaço que deve ser conquistado mesmo que seja na marra, seja no palco ou na roda. As mulheres sxe devem mostrar que temos nossas diferenças é claro, seus corpos podem ser menos fortes mas sua garra e determinação deve superar a de muitos homens. Feminismo sxe=lutar pela igualdade no punk/hc ou fora dele (xKaladox, Straight Edge Girls, 30/07/2006).

De maneira quase denunciatória, em várias comunidades eles discutem o tema preconceito, principalmente a homofobia, como se estivessem fora dessa realidade. Se por um lado a aceitação parece ser uma prática corrente e disseminada no movimento, por outro, há algumas posturas que não estão alinhadas a esses ideais, inclusive nas questões de gênero. Em geral, apesar de esses jovens não admitirem, os estudos sobre a cena underground como um todo mostram que as mulheres costumam ser percebidas como frágeis, e são tratadas de forma diferente dos homens. Isso não significa que ocorra necessariamente uma segregação, no sentido rígido do termo, mas é na diferenciação entre gêneros que identificamos traços de inferiorização. Essas questões também são identificadas em diversos estudos sobre o movimento punk, inclusive nas dissertações de Bruna Mantese de Souza (2005) e Paula Gonçalves (2005). Como levanta Carles Feixa (1999: pp. 89-91), nas culturas juvenis a posição das mulheres não pode ser identificada como marginal, porém, é estruturalmente diferente da dos homens. Essa observação está relacionada a um conjunto de atividades que não necessariamente são completamente distintas entre ambos os sexos, mas que contempla uma hierarquia de subordinação. Com isso não queremos dizer que não há um espaço de participação para as mulheres no movimento, mas percebe-se certa discriminação ou diferenciação entre suas práticas na integração da cena *hardcore*, por exemplo, nas rodas de pogo ou no mosh. Vejam-se as duas falas abaixo:

eu não entro no mosh, acho que é muito violento pra menina, prefiro ficar no meu cantinho vendo os shows ou tomando um muppy como a carola disse, mas nada contra as meninas corajosas que se arriscam, acho que vai da pessoa, cada um sabe o que faz da vida (ISA, Straight Edge Girls, 23/12/2005).

na minha opinião mtas mulheres são troxas!!! porra o minimo do minimo elas têm q fazer... cara fazer parte de um agito é tão simples,q eu chego a ficar bolada....com aquelas q não participam!! depois mtas reclamam q são taxxxadas como fracas,q

querem a igualdade e talz.... mais é a vida né...uns fracos e outros DETERMINADOS A SEGUIR (DÉIA, “Quando a mulherada vai dominar o Moch?”, 28/12/2005).

Participar do mosh ou das rodas de pogo, na cena *hardcore*, simbolicamente representa um status de inserção e de demonstração de intimidade entre os amigos que dançam juntos. Como observou Souza (2005: p. 49), quando “dão um mosh”, eles procuram saltar em direção a pessoas conhecidas, estabelecendo uma ponte baseada na confiança de que elas darão suporte ao pulo. Talvez, se um dos jovens pular em direção de desconhecidos, o princípio do cuidado e da amizade não obrigatoriamente seria o mesmo, poderia acontecer de não receber auxílio e acabar caindo ao chão. Assim, quando as garotas do movimento têm medo ou identificam a dança como uma prática perigosa, elas se excluem dessa interação e isso pode ser interpretado como demonstração de falta de afinidade e integração com os demais jovens da cena.

Para algumas jovens, como Isa (23/12/2005), isso não é necessariamente um problema, afinal “cada um sabe o que faz de sua vida”. É interessante destacar que essa jovem discutia em fórum com suas amigas suas preferências na cena *hardcore* e, em determinado momento, sem nenhuma censura, responde que é o Muppy⁴², mostrando um comportamento descompromissado e não tão consciente quanto outros *straight edges* que participavam da conversa. Já, para outras jovens, como Déia, não participar do mosh ou da roda de pogo é se colocar em posição de desigualdade, contrariando os próprios ideais do movimento. De forma bastante incisiva, ela aponta uma relação entre “fracos” e “determinados”, mas, em diversos outros momentos, defendia a postura do respeito à autonomia alheia e à diversidade de opiniões.

A reconstrução desse diálogo aponta apenas uma das contradições encontradas nos discursos desses jovens, que opera como em um movimento pendular, entre a inclusão e exclusão. Edgar Morin (1996: p. 51), ao discorrer sobre a integração de uma subjetividade para um coletivo (nós), analisa que nessa dualidade há uma variação entre o egocentrismo absoluto (exclusão) e a abnegação ou sacrifício pessoal (inclusão). Se por um lado há uma supervalorização dos jovens que estão alinhados às prescrições do grupo, por outro, essa aceitação pode ser cindida a qualquer momento caso haja um pensamento ou prática diferente.

⁴² Suco de soja industrializado que vem ensacado e é muito consumido por vegetarianos e veganos.

3.5 *Drugs Free*: anticonsumo, controle do corpo e liberdade consciente

Alinhado às propostas de uma nova consciência, que envolve um ideal de controle do corpo enquanto prática libertária, há no discurso do grupo uma abordagem bastante radical contra o uso das drogas, sob duas perspectivas: a) como um vício que aliena a mente e enfraquece o corpo e, com isso, acaba por restringir a liberdade dos usuários; b) como uma retroalimentação de um sistema que envolve tráfico, violência, dinheiro, ilegalidades, entre outros. Para os *straight edges* ser um *drug free* é uma questão de orgulho, que demonstra força e determinação, como pode-se ver nos trechos identificados na comunidade “O que é ser *straight edge* para você?”:

O Straight-Edge se resume em ser livre de drogas mais, você fazer parte da cena *hardcore/ punk* sendo livre do vício que enfraquece o corpo! (Xfael, “O que é ser *straight edge* para você?”, 28/07/2010)

Não existe uma atitude maior que não ir a favor da correnteza, ser sXe eh não se deixar levar só pq vc ouve um tipo de som não convencional diferente extremo que vc tem q se zuar pq sua galera se zoa ou seguir a opinião dos amigos. Faca a sua seja vc mesmo não seja igual nem diferente. Radicalize ouvindo o som e aprendendo a ser vc mesmo sem nenhuma espécie de (estímulo). (Túlio, comunidade do Orkut “O que é ser *straight edge* para você?”, 11/10/2005)

Pra muitos sXe eh ser livre de drogas, mais isso eh “drug free”, os reias sao e serao VEGAN SXE ate o fim.sXe eh nao se unir com essa sociedade imbecil de pessoas que bebem e fumam pra se inturmar com os “normais”, como muitos na europa. Realmente, tem coisa melhor pra se fazer do que beber e se drugar, isso eh pra perdedores. (Michael, comunidade do Orkut “O que é ser *straight edge* para você?”, 11/10/2005)

Em um dos depoimentos, um dos jovens do movimento disse que um *straight edge* é um contracultural duas vezes, primeiro por ser punk ou dissidente do movimento punk e não partilhar dos mesmos valores – drogas, libertinagem sexual, excessos – e segundo por estar inserido no sistema capitalista e propor formas alternativas de vida. Assim, como identifica Souza (2005: p. 31), não ter o mesmo comportamento dos punks e também não seguir os valores atribuídos aos abusos dos atores juvenis da sociedade contemporânea, como o uso de drogas, trazem uma sensação de não pertencimento a esse mundo esse grupo. Em vários momentos, esse sentimento é retomado nos discursos, denotando uma visão de superioridade e de separação dos demais coletivos juvenis. Essa postura é reforçada pelos termos que são usados por vários desses jovens, denominando os outros, não pertencentes ao grupo, de “perdedores”.

Para esses sujeitos juvenis, a abstinência de todo tipo de droga – lícitas e ilícitas – é uma das maneiras de se manter livre e consciente para taticamente viver na sociedade atual. Edgar Morin (1996: p. 53), ao escrever sobre a construção da subjetividade, assume que existem duas condições para se refletir sobre o conceito de liberdade. A primeira, baseada no que o autor identificou como condição interna, está relacionada a uma capacidade cerebral, mental, intelectual necessária para considerar situações e se posicionar, fazer suas escolhas ou apostas. Já, a segunda, formada pelas condições externas, torna ou não as escolhas possíveis. Nessa relação entre interior e exterior, estabelecem-se possibilidades que permitem ao indivíduo gozar diferentes graus de liberdade. Para os *straight edges*, rechaçar algumas das condições externas identificadas – a sociedade consumista ou os valores reverberados pelos meios de comunicação de massa – e buscar uma consciência alternativa (condição interna) são modos de experimentar a liberdade. Corroborando com a discussão, vale a constatação de Freire Filho e Linhares (2009: p. 263), de que o conceito de liberdade construído pelos *straight edges* pode ser justificado tanto por um nível de controle do corpo, baseado na lucidez, quanto por uma perspectiva contrária às “expectativas sociais cristalizadas sobre a cena punk/hardcore”.

3.6 Práticas de consumo alternativo: fluxos e trajetórias pelo universo virtual

Um dos assuntos que emergem em várias comunidades, porém de forma mais fragmentada e fluida, ora aparecendo em discursos sobre boas práticas, ora em dicas de locais de compra e de sociabilidade, é a questão do consumo de materialidades. Uma vez que esses jovens, ao propor práticas alternativas ao sistema vigente, estabelecem critérios rigorosos de consumo, especialmente alimentar, há a necessidade de estabelecer uma lógica própria de produção, circulação e consumo. Uma simples refeição pode suscitar e ativar uma série de ponderações antes da escolha de um determinado alimento. Questões como a leitura de tabelas nutricionais, a identificação de ingredientes, o alinhamento ético da marca do produto são fundamentais para a opção dos *straight edge*. Muitas vezes essa postura exige a busca por espaços alternativos de consumo e de produção de alimentos. Bruna Mantese de Souza (2005), narra de maneira bastante peculiar o desafio da alimentação:

Se fazer uma refeição em casa traz um bom número de dificuldades, se alimentar “na rua” passa a ser um desafio. Um lanche rápido numa padaria pode ser praticamente impossível; comer uma bolacha recheada para enganar o estômago também. Ao comprar qualquer produto no supermercado é necessário procurar na embalagem as letras miúdas nas quais estão enumerados os ingredientes e verificar

se o alimento é ou não passível de consumo – isso significa possuir conhecimentos prévios e específicos como saber, por exemplo, que o corante comestível carmim é produzido a partir de um pigmento obtido de um pequeno inseto, a cochonilha. Em restaurantes por quilo é difícil encontrar feijão que não seja temperado com bacon ou uma torta de legumes sem ovos na massa e queijo no recheio. As dificuldades não terminam nos estabelecimentos que oferecem comida “vegetariana” porque muitos deles contam com carne de frango ou peixe no cardápio – em restaurantes macrobióticos e naturais, por exemplo – ou muitos dos seus pratos são elaborados com a adição de derivados de leite, ovo, mel ou gelatina. Por isso é grande a circulação de receitas entre os *straight edges*, além da troca de informações sobre produtos veganos, locais onde podem ser obtidos e os restaurantes ou lanchonetes onde é possível se alimentar de acordo com a sua dieta. Nesse rol de opções não figuram somente os restaurantes estritamente vegans nem somente os ovo-lacto-vegetarianos. Restaurantes de comida árabe, japonesa ou indiana também estão incluídos e quando necessário esses frequentadores solicitam que este ou aquele prato seja preparado sem adição dos alimentos de origem animal (SOUZA, 2005: p. 25).

Um restaurante, por exemplo, além de ser um local de consumo e de sociabilidade entre seus consumidores, passa a ser compreendido por esses jovens como espaço para práticas éticas e para o exercício de ações cidadãs. Em uma cidade de grande dimensão, como no caso de São Paulo, apesar do acesso a uma variedade de restaurantes e lojas alinhadas ao pensamento do movimento, encontrar um desses locais pode demandar tempo e uma pesquisa prévia.

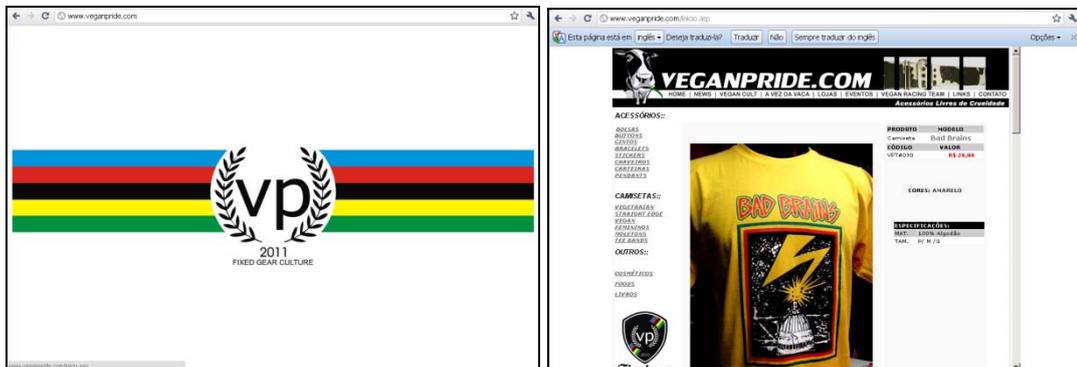


Figura 19 - Home page da loja Vegan Pride, e disponibilização de produtos.

Nesse cenário, a internet torna-se essencial para que os *straight edges* possam encontrar as informações de produtos e locais. Sites como *Happy Cow*⁴³, que possui um guia de restaurantes veganos em âmbito global, são constantemente acessados e facilitam a busca por espaços especializados. Sem contar que, nesse site em especial, foi construído um banco de dados para que os usuários possam encontrar restaurantes por sua preferência de comida,

como hambúrguer de soja ou lasanha vegetariana. Há também sites como o Guia Vegano, que traz informações sobre locais de consumo nos estados brasileiros e ainda desenvolveu o fórum permanente para a troca de dicas e esclarecimento de dúvidas.



Figura 20 - Loja Vegan Pride, localizada na Galeria do Rock.

Como observou Araújo (2010: p. 54), ao analisar o consumo de produtos orgânicos em Nova Friburgo (RJ), os bens servem como marcações nos rituais de consumo e promovem a integração entre sujeitos que partilham os mesmos valores. Apesar de inseridos em um sistema classificatório construído entre seus pares, procuram individualmente “ganhar ou manter o controle das fontes de informação, assegurando suas interpretações racionais” (Idem, ibidem). A busca incessante por informações sobre produtos, incluindo tabelas nutricionais e ingredientes, é uma maneira de se sentir no controle de suas escolhas e, por conseguinte, de suas próprias vidas. Assim, o acesso a esses sites especializados supre necessidades simbólicas que direcionam as práticas cotidianas desses jovens.

Como identificaram Mary Douglas e Baron Isherwood (2004), os bens não são neutros e seus usos são sociais e, como tal, servem como constructo de pontes ou cercas. Para um

grupo com inúmeras restrições alimentares, esses espaços virtuais são de grande importância para que seus integrantes possam persistir em seus valores por meio de seus consumos de materialidades, tornam-se pontes entre sujeitos que procuram propostas alternativas de vida, agregando coletivos de diversas naturezas como veganos, *straight edges* e *hare krishnas*. Essas características são reforçadas quando analisamos o caso da *Vegan Pride*⁴⁴, que além de ter sua sede na Galeria do Rock, serve como ponto de encontro juvenil e venda de ingressos dos principais shows de rock alternativos da cidade, incluindo a Verdurada, e possui uma loja virtual para a comercialização de produtos veganos. Assim, agrega tanto um espaço de sociabilidade quanto de disseminação de valores e bens.



Figura 21 - Bancas de venda de produtos encontradas nas Verduradas, out. de 2009 e ago. de 2010.



Figura 22 - Home page das lojas virtuais Cospe Fogo Gravações e Terrotten.

É interessante pontuar que esse comércio de produtos alternativos, além das práticas alimentares, também é identificado na apropriação de roupas, objetos relacionados com a música, cosméticos e produtos de limpeza. Em uma das observações com viés etnográfico,

⁴⁴ <www.veganpride.com>

durante o Festival Verdurada, em outubro de 2009, identificamos uma rede de produção, circulação e consumo de produtos que atuava naquele local. Como em outros shows de rock, montar uma banca de camisetas – produzidas em pequena escala e com imagens e ilustrações referentes a bandas reconhecidas – ou CDs produzidos com selos alternativos é uma prática corrente. Em uma entrevista com um dos donos de uma produtora e selo independente, soubemos que participa de diversos eventos montando sua banca e que havia alguns meses ele tinha um site de compras on-line que estava tendo uma considerável aceitação entre os jovens que participavam da cena *punk straight edge* ou que até mesmo curtiam *hardcore*. Essa constatação nos chamou a atenção para o consumo de materialidades no universo virtual, em especial, para duas lojas especializadas no consumo do *punk hardcore straight edge*: Cospe Fogo Gravações⁴⁵ e Terrotten⁴⁶.

Podemos sinalizar que a criação de gravadoras e selos alternativos, desde os primórdios dos punks, é uma prática corrente no universo underground e, inclusive, essas produtoras independentes foram importantíssimas para o estabelecimento de mercados consumidores, de disseminação de valores e para a descoberta de bandas e cantores *punk hardcore straight edge*. Com o fácil acesso à internet, a criação de ferramentas de fácil utilização e com as redes sociais que abriram a possibilidade para ações colaborativas e a divulgação de trabalhos audiovisuais individuais e coletivos, gravadoras e produtoras alternativas vêm perdendo espaço, um fenômeno que afeta também as grandes indústrias culturais. A competição com espaços plurais como o MySpace se torna cada vez maior, e os aparatos tecnológicos, como tocadores de MP3 e celulares com a mesma função, são cada vez mais consumidos por esses jovens e engendram tanto novas formas de escuta, quanto de obtenção e download de músicas. Talvez, o consumo de materialidades, como alimentos e produtos de limpeza, ainda necessite de uma relação de compra nos moldes financeiros tradicionais, enquanto no consumo de música essa lógica estaria difusa, contemplando tanto a apropriação dos CDs e DVDs quanto a opção de download, mesmo que pirata, desses conteúdos. Em ambos os casos, mesmo com dinâmicas e amplitudes diferentes, há uma resignificação das relações de produção, circulação e consumo, anteriormente somente estabelecidas na cidade, com novas práticas realizadas nos ambientes virtuais.

Para Castells (1996), a natureza da sociedade atual está organizada em torno das redes de informação e pelos fluxos que os usuários constroem em seus percursos por esses

⁴⁵ <www.cospefogo.com>

⁴⁶ <www.terrotten.com>

ambientes. A cidade informacional não seria estabelecida por uma determinada forma espacial, mas por processos e fluxos (CASTELLS, 1996). Na compreensão de Lemos (2000), fazendo uma leitura das propostas de Castells (1996), esses fluxos seriam estabelecidos na troca e interação entre posições físicas em deslocamento e os atores sociais negociariam seus valores e espaços de inserção nas estruturas econômicas, políticas e simbólicas da sociedade.

Nessa perspectiva, vimos que os *straight edges* estabelecem fluxos próprios, individuais e coletivos, nômades e gregários, no uso das redes sociais e na circulação entre diferentes espaços virtuais – sites, blogs, redes sociais – e, especialmente, no uso concomitante dos espaços públicos virtuais e físicos. Assim, enquanto nessa parte abordamos alguns espaços de interação, sociabilidade, consumo e comunicação na internet, no próximo capítulo buscamos estabelecer as relações entre as práticas de consumo e os significados que são construídos na experiência e interferência na urbe. Assim como Guasques (2008), ao ler os textos de Flusser, estabelecemos um olhar para a cidade partindo de uma rede de intersubjetividades desencadeada pelo encontro entre as pessoas. Com esse enfoque – centrado na cidade como espaço de entrelaçamento de subjetividades – a urbanidade que está sendo arquitetada pelas relações entre sujeitos sociais e a cultura eletrônica, que nos mantém conectados a diferentes realidades locais e globais, está nos codificando em outras “modalidades sensoriais que não a visual linear”. Há fluxos e trajetórias que marcam essa passagem da cidade para o virtual e do virtual para a cidade, como espaços de realização de ações identitárias recorrentes e de uma ética encontrada nos discursos e propostas desses jovens.

4. CARTOGRAFIAS COGNITIVAS E PROCESSOS COMUNICACIONAIS: OS FLUXOS *STRAIGHT EDGES* PELA CIDADE DE SÃO PAULO

Marc Augé (1994), em uma de suas observações sobre lugar antropológico – aqui utilizado para analisar a urbe paulistana – mapeou pelo menos três características encontradas nesse espaço: sua intenção em ser identitário, um aspecto relacional e uma história de usos e ocupações. Esse mapeamento nos instigou observar o espaço como verdadeiros *flâneurs*, frequentando a rua Augusta para participar de eventos ou apenas para circular e observar os diversos fluxos existentes. O olhar se direcionava para a rua, da rua para o interior dos ambientes e dos ambientes para as ruas. Os espaços de consumo específicos do segmento juvenil em análise, como a Sorveteria Soroko, tornavam-se mais evidentes em nossas observações, pois mantinham a identidade dos ideais do movimento. Como o antropólogo ressaltou (AUGÉ, 1994), o lugar é espaço carregado de carga simbólica, no qual se identifica e se baliza a construção identitária daqueles que o ocupam. Esse fato ajuda a compreender as relações que as pessoas mantêm com o espaço e o modo de construir fluxos a partir da circunscrição previamente dada pelo lugar. A cidade, dessa forma, torna-se habitada por mensagens e interlocutores diversos, o que faz emergir um cenário semiótico de encontros e interações, lugar-laboratório em que se encontram a combinação e a recombinação das lógicas da experiência da pluralidade, alteridade e identidade. Espaço de atração gravitacional de intersubjetividades (GUASQUES, 2008).

Ampliando a discussão, Canclini (2007, p. 77) defende que grandes metrópoles multiculturais, como a Cidade de México e São Paulo, são palcos para a constituição de imaginários urbanos. Na metáfora construída por esse autor, são cidades videocliques nas quais assistimos à coexistência, em ritmo acelerado, de uma mistura efervescente de diversas culturas e distintas épocas. Como moradores desses lugares, em trânsito passamos pelas paisagens, tentando decifrá-las ou reconstruindo na imaginação possíveis histórias. Nossos corpos servem como mediadores das experiências, que muitas vezes se ancoram no olhar e, como resalta Rocha (2009b: p. 495), o espaço urbano é atravessado por temporalidades, fluxos de pessoas, imagens, sons e ruídos variados. Nesse contexto, “a visão é compulsoriamente desvelada em sua potência de construção e em sua dinâmica de montagem” (Idem, *ibidem*).

Na cotidianidade, interagimos com as práticas reais da cidade: andar na rua, esperar no ponto de ônibus, entrar e sair de ambientes, passear no parque, acelerar nas grandes avenidas, parar no trânsito. E, como em toda interação real, sempre há uma cota de imaginário

(CANCLINI, 2007: p. 89). Para Rocha (2009b: p. 495), “imaginamos ver o real, e o que vemos é a encenação”. São patrimônios invisíveis e intangíveis que constituem a cidade, em constante mudança (CANCLINI, 2007: p. 89). Na cena urbana, os sujeitos sociais, aqui especialmente os jovens, são agentes que interferem e modificam taticamente para dominá-la ou converter os espaços em “lugares próprios” (BORELLI; OLIVEIRA, 2008: p. 111).

Carles Feixa (1999: p. 96) defende a existência de uma memória coletiva juvenil que evoca determinados espaços físicos da cidade, que são redescobertos, esquecidos ou marginalizados pela utilização de certos coletivos e agrupamentos. Assim, esses grupos questionam e discutem os locais que se tornaram invisíveis pela cultura hegemônica, criando verdadeiros “territórios próprios”, marcados pelo uso que os jovens propõem. Locais como o centro de São Paulo, por exemplo, tornam-se rota de encontros dos *straight edges*, por conseguinte, as trajetórias⁴⁷ traçadas pelos jovens são verdadeiras manchas urbanas⁴⁸ de consumo e sociabilidades (MAGNANI, 2007: p. 20). Cabe lembrar que esses locais não são utilizados por esses sujeitos sociais por estarem em conformidade com a posição ética e ideológica, mas também por outros coletivos juvenis, especialmente os *undergrounds*, como *emos*, *punks* e *darks*. Martín-Barbero (2008: p. 209) relata que os trânsitos juvenis urbanos prescrevem “espaços praticados” de: a) novos modos de estar juntos; b) trajetórias e entrecruzamentos; c) palimpsestos e hipertextos; d) heterogeneidades, com o projeto de “formar a cidade” com memórias e utopias universais; e) reinvenções, nas quais o projeto de “fazer política” passa pelo movimento que leva a representação ao reconhecimento, passando pela participação e autogestão; f) intermedialidades, com o projeto de recriar a cidade.

Uma característica do perfil juvenil – especialmente dos coletivos que utilizam a cidade como espaço para ações de politicidade – é o nomadismo. Para Borelli, Oliveira e Rocha (2009: p.46), o nomadismo pode ser compreendido pelo deslocamento espacial e geográfico ou como nomadismo de percepção. Este último seria o equacionamento “dos inúmeros ‘chocs’ que resultam de uma vida cotidiana tensa e intensa, permeada pela relação com a cidade e também conectada a ‘velhas’ e ‘novas’ mídias (...)” (Idem, *ibidem*). Desse modo, a experimentação nômade e cotidiana dos “espaços praticados” serve como pano de fundo para práticas ideológicas e suporte para as ações comunicacionais dos *straight edges*. Os jovens demarcam o seu território de ação, por meio de cartazes e *lambe-lambes*, dispostos

⁴⁷ Entendemos trajetória na mesma direção de Magnani (2007: p. 20), como fluxos entre espaços urbanos além do bairro que impõem a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas.

⁴⁸ O termo foi apropriado dos estudos da antropologia urbana. Para Magnani (2007: p. 20), uma mancha urbana é “resultado da relação que diversos estabelecimentos e equipamentos guardam entre si, e que é o motivo da afluência de seus frequentadores (...)”.

como pistas e vestígios de trajetórias pela cidade. Em São Paulo, os cartazes dos shows são colados nos postes e muros da rua Augusta, local onde se encontram *points* importantes de encontro dos jovens do movimento, como a sorveteria Soroko⁴⁹ e a Vegacy⁵⁰.

4.1 RUMO AO CENTRO: PISTAS E VESTÍGIOS DOS STRAIGHT EDGES PELA CIDADE

4.1.1 O centro de São Paulo e a rua Augusta: origem da urbanização

A história da rua Augusta, desde a metade do século XX, está entrelaçada com a memória da cena underground paulista. Como uma linha traçada com régua, seu ponto inicial é a rua Martins Fontes, na interseção com a rua Martinho Prado, rota de saída do Jardim Europa. Historicamente, a região fazia parte das propriedades de Manuel Antonio Vieira, dono da até então chamada Chácara do Capão. A esse português são atribuídas as primeiras obras urbanas da região, abrindo diversas ruas no que posteriormente se denominou bairro de Bela Sintra. Foi no final do século XIX que a rua da Real Grandeza – atualmente avenida Paulista – foi criada para servir como via de tráfego para os bondes. Narra-se que a denominação da rua Augusta não foi homenagem a alguma dama, como pareceria a explicação mais óbvia, mas a aplicação de um título de nobreza à via mais importante daquelas terras. Já na primeira metade do século XX, o terreno foi loteado e prédios começaram a ser erguidos, muitas antigas residências familiares tornam-se lojas, principalmente de decoração e, posteriormente, cinemas e galerias foram abertos no local.

Nos anos 1960, a rua Augusta representava *glamour* e diversão para os jovens paulistanos, sua fama era tamanha que o cantor mais representativo da Jovem Guarda, Roberto Carlos, em parceria com Ronnie Cord, narrou peripécias na música “Rua Augusta”. Curiosamente, na melodia é evocada a marca da região que persiste até hoje, a velocidade:

Subi a Rua Augusta a 120 por hora/
Botei a turma toda do passeio pra fora/
Fiz curva em duas rodas sem usar a buzina/
Parei a quatro dedos da vitrine/
 (“Rua Augusta”, Roberto Carlos, 1963)

⁴⁹ Sorveteria especializada em sorvete de soja. Lugar de encontro de diversos coletivos, principalmente veganos e *straight edges*.

⁵⁰ Restaurante vegetariano. Lugar de encontro de diversos coletivos, principalmente veganos e *straight edges*.

Na década de 1970, aquela zona urbana começou a conviver com a intensa circulação de automóveis e ônibus. Pelas calçadas, os transeuntes compõem o espaço urbano, descendo e subindo ladeiras, entrando em galerias, comprando nos centros comerciais, esperando nos pontos de transporte público, sociabilizando-se. Nos anos 1980, a noite paulista fervilhava “nos embalos de sábado à noite”. As discotecas mais descoladas se instalaram nas transversais, locais ecléticos de diversão eram inaugurados, como pistas de esqui, docerias, academias de musculação, entre outros. Nas décadas que se seguiram, a prostituição e o tráfico de drogas se intensificaram, e o cenário da região aos poucos se tornou decadente.

Atualmente, no sentido bairro, é reconhecida como um dos centros importantes de comércio de luxo, como a Oscar Freire e Lorena. Do outro lado da avenida, sentido centro, há a peculiar mistura das realidades diurna e noturna, lícitas e ilícitas, *cult* e *outsider*, degradada e contemporânea, o chamado *Baixo Augusta*. Até o anoitecer as pessoas que lá circulam, em geral, procuram lojas, restaurantes, hotéis e departamentos públicos, vendedores ambulantes oferecem produtos piratas, abafados pelo intenso som dos carros e ônibus e há um movimento denso, além de grande poluição sonora. Até pouco tempo, ainda se acrescentaria a poluição visual que dominava o território, minimizada após a Lei Cidade Limpa⁵¹. Contudo, não há impedimento legal que aniquile os palimpsestos que nos muros e postes foram se constituindo, Memórias visuais, ideologias expressas, lambe-lambes, grafites, pichações, restos de letreiros, marcas, apelos sensoriais constantes, ideias que se cruzam e se dispersam – jogo de imagens para os olhares mais atentos.

Quando a noite chega, em uma estranha e contagiante inversão de natureza, as pessoas que ocupam o espaço passam a procurar diversão ou trabalham nos estabelecimentos que funcionam durante a madrugada. Restaurantes e casas de show “moderninhos” se misturam a boates de baixa qualidade, prostitutas e travestis convivem com jovens da classe média. Com gostos ecléticos, locais de rock e de *thecno* ocupam por vezes o mesmo quarteirão e, no meio de tudo, quartel, delegacias de polícia e bases da polícia militar compõem o cenário.

Desde o começo do movimento punk em São Paulo, o centro da cidade foi escolhido como lócus de ocupação underground. A região é de fácil acesso e, como a maioria dos jovens vinha da periferia da cidade, era estratégico que se reunissem por ali. Cabe lembrar que alguns dos principais terminais de ônibus estão localizados na região: Princesa Isabel,

⁵¹ Lei que tem como objetivo eliminar a poluição visual em São Paulo, proibindo todo tipo de publicidade externa, como outdoors, painéis em fachadas de prédios, *backlights* e *frontlights*. Também define que ficam vetados anúncios publicitários em táxis, ônibus e bicicletas. A legislação ainda faz restrições aos anúncios indicativos, aqueles que identificam no próprio local a atividade exercida.

Patriarca e República, por exemplo, além das estações de Metrô, que fazem conexão com os trens. Entre o Largo do Paissandu e a Praça da República, desde a década de 1970, a *Galeria do Rock* já era *point* de encontro de diversos agrupamentos juvenis ligados ao rock.

É interessante observar que essa mancha urbana é constituída por muitos espaços públicos abertos como praças e galerias. Janice Caiafa (1985), ao analisar os punks na cidade do Rio de Janeiro, verificou que havia uma praça na qual os jovens se reuniam, sem mesmo precisar marcar encontro. De lá, seguiam, nômades e destemidos, por fluxos errantes, delimitando trajetórias pela urbe. Levantamento parecido foi feito por Souza (2005), quando a autora observou os sXe paulistas.

4.1.2 *Do It Yourself*: a Verdurada e seus canais de divulgação

Meu corpo dói/ Cansei desse lugar/ Vou andar por aí/ Pelas ruas ou qualquer bar/
Pichar um muro/ Gritar até que alguém me ouça/ Ou que eu fique mudo!/ Já desisti
de entender o desequilíbrio/ No qual eu balanço.../ Desequilíbrio (Mortos pela
Escola, música “Desequilíbrio”, 2004).

Como em um festival musical qualquer, na primeira parte da Verdurada, algumas bandas de *hardcore* se apresentam e, em seguida, há uma palestra sobre temas políticos, oficinas, debates, exposição de vídeos, sempre abertos a que todos os participantes expressem suas opiniões e críticas. Já, ao final do show, um jantar vegano preparado por voluntários é distribuído a todos os participantes. Como o evento é autogestionado, os organizadores se encarregam do contato com as bandas e palestrantes, locação do espaço, contratação das equipes de som e divulgação. Com poucos recursos e de forma colaborativa, os jovens produzem as mídias de divulgação do festival que em geral são os e-mails enviados para um *mailing* de contatos da ONG, redes sociais, cartazes colados pela cidade e nos locais de consumo do grupo, além do de boca em boca.

Entre todos esses canais, o e-mail destaca-se (Ver Anexo 2), pois além das informações do evento – data, horário e local, breve resumo das bandas, valores e locais de compra de ingressos, informações sobre a comercialização de produtos –, inusitadamente ditam as normas do que é permitido na Verdurada. Como vê-se abaixo:

O QUE MAIS?

- 1- Por favor, sem álcool, drogas ou cigarro dentro do local do evento.
- 2- Nada de alimentos que contenham produtos de origem animal.

- 3- Banquinhas de livros, cds, fanzines e material independente e divergente a preços populares, mesmo!
- 4- Venda de comida vegetariana, desde hambúrgueres, coxinhas, kibes, até bolos, tortas, bombons.
- 5- Os shows acabarão antes das onze e meia da noite, para que os espectadores possam se valer do sistema público de transporte.
- 6- Todo o dinheiro arrecadado com os ingressos será utilizado para pagar as despesas com o evento (transporte das bandas, locação do espaço, divulgação, locação da aparelhagem de som e luz).
- 7- Uma parte do dinheiro dos ingressos será utilizada em campanhas públicas de assuntos ligados aos interesses do Coletivo Verdurada, como vegetarianismo ético, práticas de democracia direta, questões políticas e sociais.

As normas referem-se aos valores construídos na história do movimento e, hoje, norteiam os jovens. O aviso tão enfático tem função claramente prescritiva, com a finalidade de guiar os participantes do festival em suas práticas (PRADO, 2010: p. 63) e os tópicos são reforçados e retomados nos discursos e letras das músicas compostas pelos *straight edges*. Ao longo deste trabalho, analisaremos os tópicos separadamente, em alguns momentos identificando-os como discussões nas redes sociais, em outros percebendo influências históricas e marcos constitutivos, além do modo como são relativizados pelos *straight edges*.

Outro canal de comunicação importante para a divulgação do evento são os cartazes colados em lugares estratégicos de circulação do público que costuma frequentar o evento: muros e mobiliários urbanos da cidade e locais próprios de consumo vegano, especialmente a Galeria do Rock e o restaurante Vegacy. No Flickr oficial do evento, as peças gráficas, em versão PB e coloridas, são disponibilizadas para serem baixadas e impressas pelos *straight edges*, e também é possível encontrar fotografias da exposição de cartazes que ocorreu no espaço *Ay Carmela!*⁵², em 2009. A identidade do grupo poderia ser narrada por aquelas peças, mesmo com variação de linguagens e temáticas, pois havia a preocupação em manter viva a memória dos 14 anos de evento no espaço virtual, especialmente como forma de retomar as experiências afetivas vivenciadas pelos parceiros de mesma postura de vida. As imagens não estavam soltas e se conectavam de forma harmônica e diacrônica, em total sintonia com os valores da cena underground e com a visão questionadora que os jovens provocavam sobre os processos sociais do sistema capitalista. Nos muros da cidade, os palimpsestos dessas relações entre visualidade e visibilidade estavam presentes constantemente, em fragmentos e composições. Os demais canais e meios, como as redes sociais, foram abordados no capítulo anterior, quando os discursos que englobam as

discussões engendradas em torno do evento foram analisados, especialmente quanto ao uso de drogas e aos hábitos alimentares.

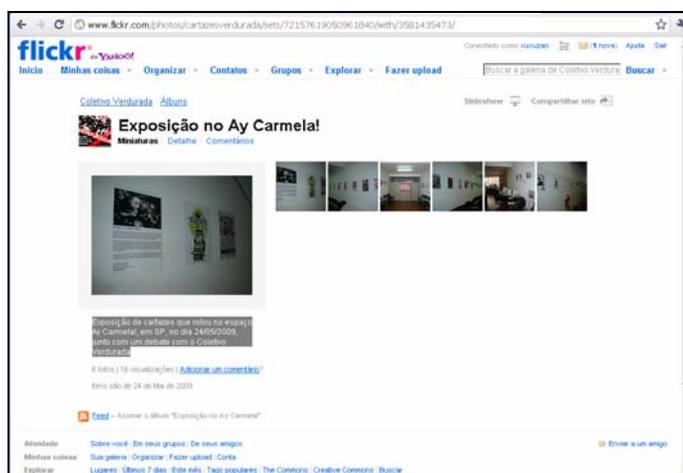


Figura 23 - Imagem da página do Flickr da ONG Verdurada.



Figura 24 - Fotos disponibilizadas no Flickr da ONG Verdurada⁵³ da exposição de cartazes, que aconteceu no espaço Ay Carmela!, em São Paulo (24/05/2009).

⁵² Centro político-cultural autogestionário mantido por grupos, movimentos e indivíduos autônomos da cidade de São Paulo. Lugar de construção de ações e conhecimentos coletivos, além de polo de produção, reunião e dispersão de informações, saberes e transformações: <<http://ay-carmela.birosca.org/>>.

⁵³ <<http://www.flickr.com/photos/cartazesverdurada/sets/72157619050961840/with/3581435473/>>. Acesso: 12/10/2010, às 11h15h.

4.1.3 *Do it yourself*: a cidade como mídia da cena *straight edge*

O *flyer* marcava para as 16 horas o início do Festival Verdurada, porém, quem chegasse na hora estipulada, como nós, deparava-se com a danceteria Inferno⁵⁴ fechada. Na intenção de observar os *straight edges* – especialmente em seus ambientes de sociabilidade e consumo – resolvemos seguir alguns jovens que desciam a rua Augusta no sentido do centro e, para nossa surpresa, bastou caminhar um pouco para encontrá-los. Pela primeira vez identificamos que os *straight edges* tinham uma forma própria de ocupar aquele lugar, tanto pelos seus fluxos nômades, quanto por suas interferências visuais no espaço. O modo peculiar de apropriação da cidade configura-se em processos comunicacionais contínuos e fragmentados, que ora agregam os diversos coletivos juvenis, ora delimitam os territórios das diferenças. Tudo isso construído e fomentado a partir e por meio da temática musical do *hardcore*.



Figura 25 -Danceteria Inferno (Out/2009).

Nos muros e postes entre o Inferno e a Soroko, os cartazes das Verduradas serviam de pistas para os processos comunicacionais que tentávamos entender. Desde o primeiro contato com os *straight edges*, sabíamos que as imagens construídas, especificamente nessas peças gráficas, tinham linguagem própria, cujo objetivo era atingir, ou melhor, comunicar-se com os demais membros do Movimento e a cena underground. Como afirma Joly (1996: p. 49), essas imagens são representações escolhidas e necessariamente orientadas para uma dinâmica

⁵⁴ Danceteria frequentada por jovens de classe média: <www.infernoclub.com.br>.

comunicacional que envolve a intenção do emissor – nesse caso, dos organizadores do festival – e a recepção da mensagem pelos demais participantes do evento.



Figura 26 - Ambiente interno e externo da Sorveteria Soroko.

Quando entramos na sorveteria para tentar uma primeira aproximação, identificamos que cartazes e *flyers* de shows de rock estavam colados nas paredes do local, em meio a cópias de jornais, com entrevistas e matérias sobre o espaço. Os jovens que lá estavam também iriam à Verdurada, então resolvemos sentar próximos a eles e iniciar uma conversa, na qual descobrimos que os jovens que optam pela restrição alimentar costumam frequentar o centro da cidade, pois lá estão os restaurantes e lojas alinhados ao estilo de vida vegano. Curiosamente, todos eles estavam próximos a locais de fácil circulação, acessíveis por transporte público ou até a pé. Os jovens contaram sobre a dificuldade de encontrar alimentos a preços viáveis e a falta de consciência na apropriação de bens e, então, entendemos que havia uma ligação entre a disposição dos cartazes na cidade e o circuito de consumo estabelecido pelos *straight edges*. Nos diálogos eles revelavam a importância desses espaços para a vinculação e sociabilidade entre os jovens do movimento, principalmente por se colocarem de maneira singular no universo punk hardcore, mostrando que a interferência no espaço urbano era importante para dar continuidade ao movimento e divulgar seus valores.



Figura 27 Cartazes do Festival Verdurada colados na Rua Augusta (Fotografia: Denise Tangerino).

Para um grupo que critica os meios de comunicação de massa e procura formular uma nova ética de consumo, é necessário encontrar meios alternativos para divulgar os seus princípios. Desse modo, a cidade torna-se um espaço fundamental para esse processo comunicacional entre os próprios sXe, outros coletivos e a sociedade. Igor Guatelli (2009) observa que as formas com que habitantes interferem na urbe a transformam em “um espaço permanente de publicação, de um colocar-se infinito – de um ser-com e um eterno ser-em-si-mesmo em processo –, ao contrário de um ser-para-si-mesmo”. Eles se apoderam dos muros, postes e mobiliários urbanos para dar sentido particular para a cidade, mas que possa ser

compartilhado por aqueles que desejarem. Dessa maneira, traçam verdadeiras cartografias emocionais, carregadas de experiências e memórias, no circuito urbano por onde transitam, como expressa Rose Rocha (2009b: p. 495),

O olhar do viajante urbano, concomitantemente, mergulha e recua ante essa paisagem babélica. Nela, unem-se, em eterno conflito, o olhar limítrofe do *flâneur* e a sensibilidade vertiginosa do zapeador, construindo uma habilidade de pular de *flash* em *flash*, de cena em cena, de registro em registro. E, incessantemente, encadeia trilhos de imagens descarriladas, farejando não as pistas do que foi, mas, igualmente, Tateando as imagens do vir a ser. A bricolagem se dá em movimento, em trânsito, em estado de descontinuidade e desordem. O veneno do deslocamento compulsório e da hiperprodutividade imagética se torna um antídoto.

Nesse contexto, somos todos caóticos viajantes ancorados essencialmente pelo olhar, e essas intervenções juvenis na urbe, como a colagem dos cartazes e os grafites, promovem a sensação de estranhamento em meio ao caos e objetivam atingir o público receptor numa tentativa de forçar, “ainda que dentro de certos limites, a saída de um estado de sensibilidade apática” (ROCHA, 1992: p. 222). Os cartazes provocam o olhar e instigam o observador a decifrar a mensagem, como em um gesto essencialmente simbólico, pois, defende Nelson Leirner (*apud* ROCHA, 1992: p. 223) “se a provocação não atinge é porque a performance não funcionou. Se ficou apenas no impacto visual, no ornamento, seria mais honesto decorar o carnaval”. Assim, espaço urbano torna-se suporte em excelência para ações culturais estética e politicamente engajadas e para delimitar uma paisagem afetiva constituída pelos coletivos juvenis.

4.2 PAISAGENS AUDIOVISUAIS E CARTOGRAFIAS AFETIVAS

Compondo verdadeira paisagem, os cartazes estão inter-relacionados e estruturados como parte de uma política de visibilidade desses sujeitos sociais, já que, como define Polise De Marchi (2008: p. 76), a visibilidade está relacionada com aquilo que se faz ver e comunicar por meio de uma força visual, que envolve tanto uma dimensão individual – como o sujeito constrói sua subjetividade, – quanto um patamar coletivo –os valores subjetivos agregados à participação em um determinado grupo em detrimento a outro. Arjun Appadurai (2004: p. 71), analisando as paisagens que são arquitetadas pelo fluxo e pela interação das pessoas, propõe o conceito analítico “etnopaisagem”, que seria a paisagem das identidades de grupos, tecida pelas estabilidades dos movimentos humanos. A cidade é entrecruzada por um complexo sentido de diversidade multicultural, intercultural e transcultural (BORELLI;

OLIVEIRA: 2008: p. 113), e dessa maneira, entendemos as etnopaisagens como espaço para entrelaçamento e embaralhamento de cenas culturais juvenis, especialmente as fomentadas pela escuta musical, como o *hardcore*. Como abordam Borelli e Oliveira (2009: p. 115),

dos bairros e das ruas, pelos espaços e lugares dessa cidade disseminada, circula toda sorte de personagens que marcam a cidade deixando rastros; entre eles, aqui se destacam alguns coletivos juvenis que, com suas práticas e lógicas de usos e apropriações, negociam sentidos e permitem a reiteração das concepções de cidade múltipla até então apresentada.

Nessas práticas juvenis de apropriação do espaço público, por meio de ações estéticas e éticas, os processos comunicacionais estão sendo tecidos na mistura entre referências locais e globais. Borelli e Oliveira (ibidem: p. 117) lembram que os jovens experimentam nas cidades contemporâneas as aglomerações cotidianas e, com isso, desenvolvem formas próprias de diferenciação. Para as autoras, a comunicação é articulada a uma cultura da rua, que informa, oxigena e pressiona a transformação constante da linguagem criativa, que busca na *urbe* sua inspiração e renovação (Idem, ibidem).

Nas últimas décadas, os cartazes, parte dessa cultura urbana, ficaram um tanto esquecidos (GERVEREAU, 2007: p. 207), sendo utilizados como expressão de caráter artístico – principalmente retomados em concursos ou exposições que tinham como objetivo discutir linguagem gráfica – ou em ações contraculturais, como aqueles que se apropriaram esteticamente dos lambe-lambes. Borelli e Oliveira (2009: p. 126) identificam que, quando os jovens se apropriam do espaço urbano, estão dando um novo status ao cotidiano da metrópole. Os lugares de passagem tornam-se “territórios recheados de afetividades, memórias, relações e identidades” (Idem, ibidem). E, olhando para a urbe como suporte dessas intervenções e escritas coletivas, Rocha (2008: p. 95) complementa, observando que nos “palimpsestos de imagens e imaginários, de materialidades e formações simbólicas, as cidades-mídia são igualmente processos de mediação”.

Assim, a partir da ideia de que os cartazes são traduções imagéticas dos valores tributados pelos *straight edge* à cena *hardcore*, traçamos um panorama das principais recorrências temáticas identificadas. No Flickr da ONG Verdurada encontramos 65 cartazes do evento dispostos em ordem cronológica, e montamos um painel semântico relacionando-os a outras referências (VER ANEXO 1). Após algumas tentativas de associação – que abarcava tanto questões relacionadas à linguagem visual como a forma de ordená-los via linha do tempo –, concluímos que para o enfoque da pesquisa seria pertinente sistematizá-las por assuntos.

Além do levantamento teórico e histórico do movimento, possuíamos um material iconográfico – que incluía as fotografias produzidas nas observações e pesquisas bibliográficas – e um modesto acervo de letras de músicas que foram sendo arquivadas durante todo o processo. Concomitante a esse processo, levantamos os grupos musicais que já haviam tocado nas Verduradas, mapeando aqueles que participaram do evento com maior frequência como fontes significativas dos princípios que norteiam o festival. Como propõe Tufte (2010: p. 59), as letras das músicas remetem a uma leitura objetiva do mundo sobre as experiências e realidades vividas por esses jovens.

Por último, tendo em mãos cartazes e letras, percebemos que ambos abordavam assuntos similares entre si e com as discussões identificadas nas redes sociais. Assim, escolhemos questões que foram matizadas de forma diferente das anteriormente estudadas e, para tal, associamos imagens e músicas representativas a esse método. Nossa intenção não é aprofundar na análise desse material, mas pontuar e mapear esses tópicos.

4.2.1 Violência e enfrentamento simbólico



Figura 28 Cartazes que retratam ações de enfrentamento.

Durante todo o percurso histórico do movimento punk, a violência vem sendo uma das principais temáticas identificadas em suas músicas e constantemente retomada nas narrativas dos *straight edges*. Em um ideário de destruição de valores e quebra de paradigmas sociais, os primeiros punks tinham uma vinculação estrita com práticas de forte agressividade, em especial em seus eventos. Se, enquanto nos shows, as rodas de pogo já eram expressões dessa lógica, nas ruas as brigas e os conflitos entre esses jovens e os demais coletivos urbanos tomavam proporções desastrosas e, às vezes, só se solucionavam com a ação da polícia. Como já abordamos no segundo capítulo, esse cenário retratado na mídia contribuiu para cristalizar um imaginário social que associava punks à violência, como dois elementos quase

indissociáveis, trazendo à tona duas faces dessa temática. A primeira contemplaria a crítica e a demonização dos meios coercitivos e da polícia, enquanto a segunda compreenderia uma visão mais particularizada dos *straight edges* sobre a violência.

Em sua análise do contexto brasileiro da década de 1980, Rose Rocha (2009: p. 202) percebe que, naquela época, uma nova gramática configurava-se na percepção dos fenômenos da violência, articulando fatores de “reconhecimento sociocultural e midiático”, “afirmação identitária” e “percepção de si e do outro” e, com isso, arquitetava uma “complexa política de visibilidade”. Continuando a discussão e entrando nas questões pertinentes ao protagonismo juvenil, a autora identifica que

O novo regime de ordenação visual e social da violência coincide, no caso brasileiro, com a crescente e intensiva atribuição a segmentos juvenis urbanos – primordialmente os pobres, negros e marginais, mas também, como alarmantes exceções, os ricos, brancos e rebeldes – de uma suposta condição de protagonistas na prática de atos de violência. A esse protagonismo é imputado, invariavelmente, um caráter criminal ou desviante, ao qual se associam potentes sentimentos de insegurança, alarme e pânico (ROCHA, 2010: p. 202).

Não obstante, nesse mesmo período, o movimento punk estava se consolidando e em exercício ativo nas metrópoles brasileiras; a estética contracultural, as práticas idiossincráticas desses jovens – andar em grupos pela madrugada no centro das metrópoles, vestir-se com coturnos e roupas pretas, usar cabelos com moicanos – eram associadas a um estado de criminalidade e vandalismo. As narrativas dos participantes da cena underground nacional – a temática da violência também é identificada em fanzines da época – demonstram que inúmeros deles foram agredidos gratuitamente pela polícia que os via como problemas sociais, apesar de o movimento punk ter como característica constituir-se de trabalhadores e jovens de classes menos favorecidas que residiam em bairros periféricos das metrópoles, que conviviam com a criminalidade e o tráfico de drogas. Com isso, em geral, os participantes dessa cena experimentam essa lógica da violência inconsistente das ações coercitivas. Essa visão negativa e insegura atribuída à polícia foi assimilada por diversos outros coletivos e movimentos juvenis, como retrata a banda Mortos pela Escola na música “Axle Foley”:

Tiros pra todos os lados/ Violência é o meu forte/ Tenho todos os tipos de armas/ E não possuo porte/ Aahhhhhhhhhh/ Axle Foley é um tira da pesada/ Aahhhhhhhhhh/ Não estamos em apuros.

Essa abordagem negativa é reforçada em letras de bandas diversas, e vemos um exemplo claro em “Distorção Policial”:

O medo nas ruas, nas armas à mostra/ Rondando a vida, cercando a liberdade/
Máscaras de morte fardadas e armadas/ Torturando pessoas, prendendo inocentes/
Distorção policial/ Agressão policial.

A constituição dos ideais dos *straight edge* está fundamentada na busca por uma nova consciência ética realiza pelo controle da mente e do corpo. Enquanto os punks estavam fundamentados na lógica do descontrole, claramente visto em suas práticas agressivas e violentas, esses jovens colocam-se radicalmente avessos a essa postura. Inclusive identificam que, na maioria das vezes, os conflitos entre gangues punks ocorriam por territorialismo e demonstração de poder, transformando o espaço urbano em verdadeiros campos de batalha. A banda Discarga, referência de longevidade e de produção crítica na cena underground paulista, acredita que esse cenário era configurado pela “guerra por status”:

Espaços urbanos como campos de batalha/ Violência de gangues muito sangue se espalha/ Se armar, se matar/ O porquê da violência sem um porque!/ Guerrilheiros acéfalos pela cidade se matam/ Ideologias de brinquedo uma guerra por status (“O Porquê da Violência”, banda Discarga, s/d).

O espaço urbano como campo de batalha é também uma das metáforas visuais repetidas nos cartazes da Verdurada que apropriam-se de referências iconográficas associadas à violência – como armas e tanques de guerra – e recorrem a períodos históricos da cultura underground, traçando considerações e críticas sobre o assunto. De forma similar, apesar da adesão ao discurso pacifista e pacificador, os *straight edges* propõem um modelo de enfrentamento, ao usar a figura de guerrilheiros e soldados em seus cartazes. Demonstrando a importância dos valores contra-hegemônicos, colocando-se contra a alienação da sociedade e enfatizando a seriedade das ações paralelas ao sistema capitalista, os jovens do movimento inserem em suas produções frases como “Resistência não é terrorismo”, “Marche para derrubar toda a oligarquia”⁵⁵, “Para libertar da tirania”⁵⁶, “Conquistar o que nos pertence”⁵⁷, “Dar um passo para a libertação”⁵⁸. Ao mesmo tempo, para os que estão de fora da cena *hardcore*, esse modo de representação pode significar violência e enfrentamento e, nessa perspectiva, poderíamos pensar que essa construção imagética, operada pelas políticas de

⁵⁵ Point of No Return, música “Cerca”, s/d.

⁵⁶ Point of No Return, música “Cerca”, s/d.

⁵⁷ Point of No Return, música “Resposta de Sangue e Fogo”, s/d.

⁵⁸ Point of No Return, música “Cerca”, s/d.

visibilidade, efetua-se na estetização da violência e na construção de um “enfrentamento simbólico” que não se realiza no “real”, mas em visualidade semiotizada.



Figura 29 - A representação dos negros nas peças gráficas



Figura 30 - Questões históricas são relembradas pelos *straight edges*.

Em sua maioria, quando o assunto alude a contextos globais, são mencionados graficamente personalidades e ícones políticos emblemáticos, como George W. Bush e a suástica. Vale notar que é bastante significativa a recorrência a músicas que retomam acontecimentos históricos, que envolvem violência e preconceito, como maneira de lembrar a importância de não se deixar dominar por sistemas totalitários e hegemônicos. Como na letra “50 Anos Se Passaram” cujo enfoque são o nazismo e o campo de Varsóvia:

50 anos passaram, dos corpos esfomeados,/ fechados a espera de morrer nos campos da morte./ 50 anos passaram e eu vejo que todos/ procuram esquecer.../ eu não vou esquecer,/ o passado não pode morrer/ mudar, tempo de mudar!/ mudar o estado de apatia/ com que encaramos estes nazis/ que se espalham pelo mundo./ Não podemos

(nunca!) esquecer os milhões/ que morreram 50 anos atrás./ Eu não vou esquecer,/ resistir e vencer!/ Lembra-te das crianças mortas no gueto de Varsóvia.../ lembrar os mortos em valas comuns.../ lembrar as experiências em seres humanos/ e a resistência... não esquecer!

Os *straight edges* são ainda mais contundentes quando exercem suas críticas ao EUA, pois o país é percebido como um dos principais responsáveis pelas mazelas da sociedade contemporânea e pela disseminação da cultura consumista. Também o sistema estadunidense conformaria um conceito de democracia baseado em “olhos conformados e distúrbios sob controle”⁵⁹. Eles acreditam que o chamado “sistema democrático” é palco de reafirmação dos valores hegemônicos, cabendo aos eleitores apenas participação nessa farsa⁶⁰. Em contraposição, o anarquismo é percebido em algumas letras como possível experiência política aberta para a participação dos sujeitos sociais de forma pluralizada e horizontal. Em dois dos cartazes (abaixo) a linguagem e as referências do construtivismo russo são ressignificadas, relembando os sistemas políticos de esquerda e a luta contra-hegemônica.



Figura 31 - Imagens que fazem referência direta ao construtivismo russo.

Conversar com os *straight edges* e analisar suas narrativas pode se tornar tarefa complicadíssima, pois eles cruzam conceitos e interpelam abordagens opostas e distintas e, também, não fazem a diferença entre política e partidos políticos. Alguns desses jovens se autodenominam anarquistas, outros socialistas e ainda restam aqueles que dizem que preferem não ter rótulos. Numa perspectiva geral, nos três casos, eles identificam que a alienação e a passividade são características centrais na sociedade contemporânea. Sendo assim, uma

⁵⁹ Possuídos Pelo Cão, música “Demoncracy”, s/d.

⁶⁰ Discarga, música “Boicotar”, s/d.

mudança social efetiva não estaria baseada em políticas institucionais, mas demandaria engajamento pessoal em práticas cotidianas, aqui percebidas como de politicidades.

4.2.2 Afirmação da identidade *straight edge*



Figura 32 - O primeiro cartaz é uma alusão à banda Ratos de Porão, os demais retratam a cena sXe.

Uma das características que se destacam nos discursos dos *straight edges* é a frequente afirmação de que a consciência ética e suas práticas cotidianas foram as escolhas mais importantes e assertivas que tomaram. Em várias músicas, os jovens que não partilham dos mesmos princípios, incluindo aqueles que deixaram o movimento, são retratados como conformistas e aprisionados pelo sistema. A letra “Controlando Sua Mente” serve de exemplo dessa postura:

Reflexões ainda pulsam em minha mente. / Contestações que fortalecem minhas ideias/ Sobre o mundo e as pessoas.../ ...E a massa ainda é controlada/ Por venenos que conduzem ao conformismo / Tornando-o inútil, futilizando suas mentes,/ Colocando correntes em seus pulsos./ Felizmente a resistência tornou minha mente limpa e clara/ E eu não me entrego fácil, igual a você (“Controlando Sua Mente”, s/d).

Colocando-se contra o que definem como “alienação”, esses jovens convocam a sociedade a reagir e resistir às injustiças sociais e aos valores massificantes preconizados pelos meios de comunicação. Notamos que esse chamado é para uma mudança pessoal de vida como forma de transformar a sociedade, como retrata a banda “Point of No Return”:

A indiferença é a máscara covarde da injustiça!!!/ O início da ação é a indignação./ Seu papel não é assistir./ Você pode reagir... e agir!/ Recuse a letargia que invade o seu ser./ A resistência começar em você./ Seja um agente de sua própria história. / “Esperar não é saber” (“Letargia”, s/d).

A Verdurada é espaço de sociabilidade, troca e reafirmação do engajamento no movimento. Além do gosto pela música, a participação na *cena hardcore* e a amizade com jovens de mesmo estilo de vida contribuem para a continuidade dos valores *straight edges*. Os cartazes que trazem imagens dos shows e ícones de bandas famosas ativam a memória afetiva, estimulam a participação desses jovens no evento e reafirmam a identidade do grupo. Uma das peças é ilustrada com um rato, remetendo à banda Ratos de Porão, que teve papel fundamental na divulgação do *hardcore* nacional. Em outras figuras o 'X' marcado na mão destaca e avisa que a Verdurada está alinhada aos princípios *drugs free* e veganos.



Figura 33 - Peças gráficas que retomam a ética fundamentada pelo respeito aos animais, demonstrada nas práticas alimentares dos *straight edges*.



Figura 34 - O primeiro cartaz traz o corpo juvenil e ativo, enquanto os próximos ilustram a cultura Black.

4.2.3 Narrativas e “Sistemas expertos”

Visualizando o panorama dos cartazes de todas as edições da Verdurada, as referências midiáticas – cenas de filmes, personagens e apresentadores de TV, músicos conhecidos – e marcas globais, como McDonald’s e Burger King, são retomadas constantemente. O desmerecimento ou atribuição de novo sentido às imagens é uma ferramenta que vem sendo utilizada pelos punks desde seus primórdios. Os fanzines já tinham a característica de subverter os significados de várias imagens, em especial anúncios (KLEIN, 2001) – prática que posteriormente ficou conhecida como cultura *jammimg*.

Com a facilidade de utilizar as ferramentas de edição de imagem e som, e com a internet cada vez mais acessível aos usuários – inclusive por meio dos aparelhos celulares –, houve um aumento e uma proliferação de ações que Klein denomina como pirataria publicitária. Essas ações são de oposição à ideia de que a interferência das marcas publicitárias no cotidiano e nos espaços públicos deve ser aceita passivamente (*Idem, ibidem*). Klein ainda adverte,

los casos más sofisticados de piratería publicitaria no son parodias puntuales de los anuncios, sino que los interceptan; son contramensajes que se apoderan de los métodos de comunicación de las propias empresas y emiten un mensaje totalmente contradictorio con el que se deseaba transmitir. El proceso obliga a las empresas a pagar los gastos de la subversión contra ellas mismas, ya sea literalmente, porque son ellas las que financian las vallas publicitarias, o figurativamente, porque cada vez que la gente desfigura un logo están aprovechando los grandes recursos invertidos para darle significación. (...) En otras palabras, la piratería publicitaria correcta es una visión de rayos X del subconsciente de la campaña publicitaria que no revela un pensamiento opuesto a ella, sino la verdad profunda que se esconde tras las capas de eufemismos publicitarios. (...) En el ala más radical del espectro ha aparecido una red de “grupos contra los medios de comunicación”, descentralizada y anárquica, que combina los ataques contra los anuncios con la publicación de *fanzines*, las radios pirata, la videomilitancia, Internet y la agitación comunitaria (KLEIN, 2001: p. 313).

Muitos dos *straight edges* são engajados em coletivos que se denominam contraculturais e possuem base ideológica crítica à mídia e ao sistema capitalista, pois, na visão deles, ambos têm gerado um consumo excessivo e irrefletido de produtos e marcas. Como o movimento é autogestionado o intercâmbio de valores e ideais acaba interferindo na criação das peças gráficas do evento. Essa troca é percebida nas palestras e filmes que são passados na Verdurada, e um caso bastante representativo foi o do vídeo *Steal this Film*⁶¹, que

⁶¹ <www.stealthisfilm.com/Part2>

tem como finalidade incentivar e ensinar a piratear conteúdos que são protegidos. Na própria sinopse dos produtores:

Because waves of repression continue to come: lawsuits are still levied against innocent people; arrests are still made on flimsy pretexts, in order to terrify and confuse; harsh laws are still enacted against filesharing, taking their place in the gradual erosion of our privacy and the bolstering of the surveillance state. All of this is intended to destroy or delay inexorable changes in what it means to create and exchange our creations. If STEAL THIS FILM proves at all useful in bringing new people into the leagues of those now prepared to think 'after intellectual property', think creatively about the future of distribution, production and creativity, we have achieved our main goal.

Sem considerar aspectos legais ou julgamentos morais da prática da pirataria, esses jovens estão preocupados com ações plurais que possibilitem o acesso ao conhecimento de forma menos centralizada. Assim, os *straight edges* propõem novas maneiras de adquirir saberes, de gerar pensamentos mais conscientes e humanos, e colocam-se criticamente diante dos valores alienantes impressos nos produtos da indústria cultural, em especial o *american way of life*. De maneira contraditória, os *straight edges* utilizam dos ícones midiáticos estadunidenses para compor seus cartazes, referenciando a cultura que eles tanto criticam, o que pode ser identificado em diversos cartazes criados pela apropriação de imagens e temas conhecidos globalmente como: Audrey Hepburn em sua pose célebre do filme *Bonequinha de Luxo*, reconstrução do pôster do *Planeta dos Macacos*, o rosto do comediante Richard Pryor, uma paráfrase da cena de Alfred Hitchcock, o personagem Darth Vader de *Jornada nas Estrelas*, Bruce Lee, Charles Bronson, Michael Jackson. Eles também utilizam a linguagem gráfica dos mangás e das histórias japonesas, a figura do herói e a ficção científica, para construir a comunicação visual do cartaz. Tudo isso demonstra que há o conhecimento de referências internacionais, principalmente a midiática, para a construção do repertório desses jovens que se colocam e se denominam contraculturais.

José Fernando Amaya (2004: p. 80), em pesquisa sobre a representação da relação entre vida e morte, realizada com jovens colombianos, notou que muitos deles recorriam a referências midiáticas para explicar uma determinada situação. Nessa observação, esse autor percebeu que tais alusões pareciam formar um repertório diverso – imagens, simbologias e significados –, que operava de maneira similar nas narrativas – sobre si, o outro, a vida, a morte – dos jovens entrevistados. Os meios de comunicação de massa, como o cinema e a televisão, e produtos da indústria cultural (livros, músicas e bandas), eram mencionadas

muitas vezes. Os jovens contam suas histórias de vida retomando esses elementos para lembrar, explicar e criar significações para situações vividas.



Figura 35 - Utilização de marcas emblemáticas do sistema capitalista: McDonald's e Burger King.



Figura 36 - Exemplos de cartazes que usam referências à cultura de massa: (esq. p/ dir.) Audrey Hepburn em *Bonequinha de Luxo*, *Planeta dos Macacos*, Charles Bronson, Darth Vader de *Jornada nas Estrelas* e Michael Jackson.

Amaya identifica que esses mecanismos empregados na construção de narrativas são “sistemas expertos”. Esses sistemas seriam constantemente ativados para traduzir experiências do “eu” e uma constante revisão “que son sometidas la mayoría de aspectos de la vida social y de la relación con la naturaleza mediante la adquisición de nuevas informaciones y conocimientos” (Idem, ibidem: p. 81). Dessa maneira, não estaríamos tratando apenas da influência dos meios de massa na vida cotidiana, mas como “tales procesos midiáticos traen a colación es una transformación de la forma en que realizan los procesos reflexivos sobre el sí mismo que conforman no sólo la identidad del yo sino un determinado trayecto vital” (Idem, ibidem: p. 82). Assim, a criação das imagens dos cartazes com as diversas referências utilizadas engendra um “sistema experto” que narra a história do movimento *straight edge* na cidade de São Paulo.

4.2.4 *Do it yourself* e o uso da tecnologia

A análise dos processos históricos relacionados à construção da linguagem gráfica desses cartazes permite observar que há uma evolução partindo de manchas e disposições de elementos tipográficos (*all type*), passando por fotografias e ilustrações da cena sXe, transformando-se em composições com uma gama maior de referências históricas, políticas e midiáticas. Da mesma forma, as temáticas dos cartazes – sempre pensadas na articulação com as letras das músicas – foram se tornando mais profundas. Enquanto, inicialmente, com o uso de manchas e tipografias davam pouca margem para interpretação ou significação, com o tempo foram recorrendo a referências históricas e contemporâneas. Apesar disso, há uma atualização da prática *do it yourself*, pois, se anteriormente os cartazes eram confeccionados manualmente e ao final xerocados, os mais recentes utilizam os programas gráficos para montar os layouts. A circulação desses conteúdos via correio eletrônico é facilitada pelos *up* e *downloads* desse material.

A criação e a distribuição gratuita de peças gráficas sempre foi uma prática corrente no universo punk, principalmente com a confecção manual dos fanzines, mesma técnica utilizada para os primeiros cartazes da Verdurada. Fanzines e cartazes, parte de uma mesma cultura independente, livre das amarras do mercado e das grandes tiragens que envolveriam custos de produção, foram sempre projetados com uma linguagem consensual e para um público genérico da cena underground (MAGALHÃES, 2004: p. 18). Idealizados para reprodução “rápida e barata”, inicialmente eram rodados em baixa qualidade nos mimeógrafos, o que impossibilitava a inserção de textos e quadrinhos. Tempos depois, com a popularização dos

fotocopiadoras, barateamento das cópias e com a melhora na impressão, muitas revistas especializadas, principalmente em quadrinhos, começam a circular entre os jovens brasileiros. Essa movimentação formada em torno dos fanzines contribuiu para a troca de informações e a divulgação de shows, e, também, para que jovens tivessem espaço para expor suas opiniões e criações artísticas, como ilustrações e fotografias. Na década de 1990, a junção dessa cultura da produção marginal de publicações aos computadores domésticos, que eram cada vez mais acessíveis, abriu um mercado para as editoras alternativas que atraíram em especial jovens que participavam de culturas consideradas marginais. É bastante ilustrativo o caso da atuação dos poetas de rua na cidade de São Paulo, como identificado na Editora Coletivo Maloqueirista⁶². Já na cena *punk hardcore straight edge*, essa prática de criação e circulação de publicações vem perdendo terreno para o uso das redes sociais e blogs.

Nos dias atuais, com os avanços tecnológicos, especialmente no que se refere às ferramentas de edição de texto e imagem, com a facilidade que os jovens possuem em aprender e utilizar os programas gráficos e o acesso à internet, que permite a constante atualização de conteúdo e a criação de disponibilização das peças gráficas e músicas, criar os layouts dos cartazes foi se tornando cada vez mais simples. O conceito de “cumplicidades expressivas” que “produzem comunidades hermenêuticas que correspondem a novos modos de perceber e narrar identidade” (MARTÍN-BARBERO, 2004: p. 287), ilustra bem o caso. Fazendo uso dessas novas tecnologias para expressar sua identidade enquanto movimento, os cartazes se tornam narrativas dos jovens dessas comunidades hermenêuticas.

Outro assunto importante é que, em especial nos países da América Latina, os softwares originais de edição de texto, som e imagem, que são bastante caros e muitas vezes inviáveis de serem comprados pela maioria desses jovens, acabam sendo pirateados. Quando não são comercializados no mercado paralelo, podem ser baixados em sites que disponibilizam softwares ilegais, como os diversos portais de *torrent*. O mesmo ocorre com bancos de imagens, famílias tipográficas, ilustrações, músicas e todo o tipo de material pelo qual deveriam ser pagos os direitos autorais. Além disso, ferramentas que apenas eram encontradas em softwares como Photoshop, Corel Draw, Illustrator e Final Cut estão sendo disponibilizadas gratuitamente em outros programas menos elaborados, criados para o uso doméstico, caso do Picassa. No entanto, esses programas simplificados são patrocinados e distribuídos por grandes empresas multinacionais como a Google, e até mesmo sites que

⁶² Sobre o tema ver: TANGERINO, D.. *Revista Não Funciona: Uma publicação do Movimento da Poesia Maloqueirista*. Monografia apresentada no SENAC, São Paulo: 2008.

fazem traduções de música e possuem tradutores on-line facilitam essas operações de criação e distribuição⁶³.

Cabe observar que a disseminação desses programas e ferramentas foi uma das molas propulsoras para a mudança da linguagem dos cartazes. Temos que reconhecer que várias dessas peças gráficas têm a qualidade visual e de finalização bem próxima das encontradas no mercado editorial e publicitário. Essa nova estética influenciada pela tecnologia divide opiniões entre os jovens da cena underground, pois muitos acreditam que a sujeira e a aparência artesanal, marcos de uma série de valores contraculturais que estavam subentendidos, estão se perdendo. Por outro lado, a facilidade e o barateamento de produção e circulação são fatores decisivos para a adesão de muitos dos antigos fanzineiros (MAGALHÃES, 2004: p. 43). É possível que alguns desses jovens atuem profissionalmente com criação e ilustração, mas, como os cartazes não são assinados, os criadores permanecem no anonimato. Apesar da crítica à publicidade e aos meios de comunicação de massa, esses jovens acabam utilizando as mesmas linguagens e referências para se construírem como um movimento alternativo ao sistema capitalista atual.

⁶³ Sobre o tema ver : CASTRO, Gisela G. S. . *Não é propriamente um crime*: considerações sobre pirataria e consumo de música digital. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo), v. 4, p. 73-88, 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Norteados pela discussão sobre comunicação e consumo, sempre articulada à juventude, propomos o desafio de pensar os *straight edges* por meio de questões e universos experimentados que nos pareciam *locus* interessantes de análise. Compreendendo o macropanorama da pesquisa –teórica, histórica, analítica – chegamos ao ponto de reconhecer nas práticas desses jovens projetos de transformação de si e do mundo.

Em princípio, toda sociedade tem a potencialidade de individualização, porém, o valor atribuído a essa característica e a negociação simbólica construída entre os agentes sociais mudam em cada contexto (VELHO, 2008: pp. 25-26). Sendo assim, todo projeto é formulado dentro de uma circunscrição histórica e cultural, que se efetua em temas, prioridades e paradigmas culturais. Acompanhando o recorte realizado na linha do tempo dos principais fatores e influências históricas que engendraram o movimento, identificamos que problemas e preocupações centrais à sociedade de determinados períodos são retomados e ressignificados pelos *straight edges*. Como consequência desse processo de atribuir novos significados e manter o projeto em constante transformação, destaca-se a questão das práticas alimentares, que com o tempo se tornaram mais contundentes e foram associadas a outras ideologias, como do especismo, portanto, trata-se de um universo dinâmico, questão que nos pareceu clara no capítulo 3.

Segundo Gilberto Velho (2008), a sociedade contemporânea, em especial a vida nas grandes metrópoles como São Paulo, tem experimentado uma individualização radical que pode ser identificada por dois fatores esquemáticos. O primeiro basear-se-ia na “necessidade de o agente empírico ser obrigado a mover-se e manipular instituições, dimensões e ‘mundos’ diferentes e possivelmente contraditórios” (Idem, ibidem). A segunda possibilidade relaciona-se com a “angústia da opção e do desmapeamento” que se efetua em assumir como modelo para si estereótipos como “cientista louco”, “mãe de família”, entre outros (Idem, ibidem). Em ambos os casos o agente encontrará fronteiras simbólicas de determinado universo cultural, o que de certa maneira demarca regras para essa individualização. A constituição do movimento *straight edge* efetua-se nessa individualidade de escolha e negociação social e dentro das propostas apresentadas, apesar de destacarem que são contra quaisquer tipos de rótulos.

Esse autor, observando algumas sociedades (primitivas, tradicionais e complexas tradicionais), compreendeu que, em geral, a individualidade é valorizada quando inserida em uma unidade, especialmente da família, demarcada na contemporaneidade pelo nome (indivíduo) e em seguida sobrenome (grupo) (Idem, ibidem, p. 27). Já, no caso específico dos

straight edges, nota-se que eles chegam a inverter essa lógica quando usam a construção ‘xminorthreatx@provedor’ colocando o ‘x’ antes e depois do nome, sublinhando o pertencimento ao grupo. Sendo assim, poder-se-ia pensar que a inserção no movimento toma uma dimensão de importância igual ou maior que a própria individualidade ou serviria para que ele se definisse identitariamente enquanto sujeito.

O conceito de projeto, pelo menos como é compreendido na contemporaneidade, só é possível em sociedades que operam a noção de individualidade calcada na possibilidade de os indivíduos escolherem ou terem o poder de escolha, e para a sua constituição é necessário que a ação envolvida tenha um objetivo predeterminado, na qual o agente da ação participa de uma dimensão coletiva, mas, também, em algum nível toma decisões e age individualmente (Idem, *ibidem*). Dentro de um mesmo projeto os indivíduos podem ter pensamentos e propor práticas diferentes, porém visando uma finalidade em comum. E essa individualidade de escolha é indicada como a base das propostas dos *straight edges*, que em seus discursos e narrativas ressaltam a importância de cada indivíduo construir sua própria consciência ética que o guiará em sua predileção. Desse modo, esses jovens demonstram tomar para si a responsabilidade de suas práticas e de seu estilo de vida, e podemos observar que, nesse caso, o projeto individual está aliado a um projeto coletivo. Gilberto Velho compreende a questão da seguinte forma:

Isso se associa não só a visão de mundo, ou um *eidōs* em que a noção de bibliografia é central, com uma concepção de tempo bastante definida, mas também há um *ethos*, um estilo de vida, uma organização das emoções em que a experiência do agente empírico sacralizada como individual é foco e referência básica. A ideia central é que, primeiramente, reconhece-se não existir um projeto individual “puro”, sem referência ao outro ou ao social. Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências socioculturais, de um código, de vivências e interações interpretadas. (VELHO, 2008: p. 28).

As narrativas dos *straight edges* – em especial as analisadas nas redes sociais – abordam constantemente a importância da “bibliografia” do sujeito enquanto responsável por suas transformações, reafirmando que as decisões devem ser tomadas por uma consciência pessoal sem considerar as opiniões do grupo. O estilo de vida e as práticas prescritas em seus discursos revelam sistema de valores que organizam as emoções coletivas e, por mais plurais e abertos que eles se percebam, há a expectativa de que os jovens do movimento participem de mesma ética e postura. Sendo assim, há o caráter consciente do processo de projetar, no qual o sujeito reflete e pode explicar sua “ação e conduta”. Portanto, dessa maneira, compreendemos que “o projeto é algo que pode ser comunicado” (Idem, *ibidem*) e, como tal,

participa de um processo de vinculação. Gilberto Velho compreende que “o projeto para existir precisa expressar-se através de uma linguagem que visa o outro, é potencialmente público” (Idem, *ibidem*). E continua a formulação dizendo que “sua matéria-prima é cultural e, em alguma medida, tem que ‘fazer sentido’, num processo de interação com os contemporâneos, mesmo que seja rejeitado” (Idem, *ibidem*: p. 30).

Superlativada no contexto juvenil a ação de comunicar ou consumir destaca semelhanças e delimita as diferenças. Prática realizada no cotidiano, na adesão das emoções individuais e no jogo de valores entre aceitação e repulsa, valores construídos e ressignificados nos coletivos e na sociedade. Como objeto de referência utilizam-se as ações do Outro ou dos Outros⁶⁴ para constituir códigos valorativos que servem de parâmetros de julgamento. Práticas alimentares, o uso de drogas, o gosto por produtos da cultura de massa, são apenas temáticas utilizadas pelos *straight edges* para reafirmar a diferença e valorizar suas escolhas, que em vários momentos são percebidas como superiores às demais. E, como vivência individual, é uma tentativa de “dar um sentido ou uma coerência” a essa experiência “fragmentadora” da sociedade contemporânea. Retomando novamente a Gilberto Velho,

Quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de *ethos* e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relação ao nível do seu cotidiano, mais marcada será sua autopercepção de individualidade singular (VELHO, 2008: p. 34).

Sendo assim, os *straight edges* formulam um projeto de vida, individual e coletivo, que se realiza em seu estilo de vida (*ethos*). Consumir ou não consumir determinados produtos e valores é apenas parte de um projeto consciente de vida, baseado em uma nova ética que considere o controle – da mente e dos atos – e o respeito a todos os seres. Desse modo, seus corpos participam da mediação entre eles e os demais coletivos como espaços políticos. Nesse caso, podemos pensar em projeto social que englobe diversos projetos individuais, porém que compartilham de um mesmo interesse comum.

Dissertando sobre o nível político dos projetos sociais como território de processos de mudança social, Gilberto Velho entende que a eficácia dessas propostas coletivas “dependerá do instrumental simbólico que puderem manipular, dos paradigmas a que estiverem associados, da capacidade de contaminação e difusão da linguagem que for utilizada, mais ou menos restrita, mais ou menos universalizante” (Idem, *ibidem*). Esse autor, em sua análise,

⁶⁴ Termos utilizados por Prado (2010).

confirma que nem todos os projetos sociais têm caráter político – no sentido de institucionalidade –, mas que são dotados de potencial de transformação.

Gilles Deleuze e Félix Guattari, ao proporem uma análise rizomática das relações de poder formuladas socialmente, estabelecem que todas as sociedades e também seus indivíduos são atravessados concomitantemente por duas segmentaridades: molar e molecular (2008: p. 90). Enquanto a primeira (molar) estaria associada a um núcleo duro de poder, como o Estado e as Instituições, a segunda (molecular) remeteria a ações políticas identificadas nas trocas entre os sujeitos sociais. Ambas, por mais distintas que possam ser – por não terem os mesmos termos, correlações, natureza e multiplicidade –, seriam inseparáveis, pois coexistiriam, “passariam de uma para outra” (Idem, *ibidem*). Como definem os autores:

Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macro e micropolítica. Consideremos conjuntos dos tipos de percepção ou sentimento: sua organização molar, sua segmentaridade dura, não impede todo um mundo de microperceptos inconscientes, de afetos inconscientes, de segmentações finas, que não captam ou não sentem as mesmas coisas, que se distribuem de outro modo, que operam de outro modo. Uma micropolítica da percepção, da afecção, da conversa. (...) Cada centro de poder é igualmente molecular, exercendo-se sobre um tecido micrológico onde ele só existe enquanto difuso, disperso, desacelerado, miniaturizado, incessantemente deslocado, agindo por segmentações finas, operando no detalhe e no detalhe do detalhe (DELEUZE; GUATTARI, 2008: pp. 90, 105-106).

Os *straight edges* centram-se em ações moleculares, colocando-se no embate com as relações molares. Trata-se de projetos sociais que se articulam na “micropolítica da percepção, da afecção, da conversa” (Idem, *ibidem*) e que se inserem nas relações diárias dos sujeitos sociais. Em suas práticas cotidianas – de consumo e não consumo – esses jovens articulam-se em “um tecido micrológico (...) operando no detalhe e no detalhe do detalhe” (Idem, *ibidem*). Dessa maneira, quando se engajam em ações coletivas autogestionadas agem de maneira molecular atribuindo um novo sentido às propostas políticas que escapam dos fluxos políticos tradicionais. A Verdurada torna-se um epifenômeno dessa nova forma de organização, de proposta aberta a “afecção e conversa”. O olhar sobre os *straight edges* identifica a articulação entre micropolítica e politicidade como ação concreta para transformações sociais. Como compreende o educador Paulo Freire

na medida em que nos tornamos capazes de transformar o mundo, de dar nome às coisas, de perceber, de inteligir, de decidir, de escolher, de valorar, de, finalmente, *eticizar* o mundo, o nosso mover-nos nele e na história vem envolvendo necessariamente *sonhos* por cuja realização nos batemos. Daí então, que a nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não seja uma presença neutra. A capacidade de observar, de comparar, de avaliar para, decidindo, escolher, com o

que, intervindo na vida da cidade, exercemos nossa cidadania, se erige então como uma competência fundamental (FREIRE, 1992: p. 14).

Paulo Freire estabelece um olhar para a politicidade que parte do princípio de que os seres humanos – inacabados e históricos – teriam a necessidade de ter opções de escolha, decisão e de estabelecer conceitos éticos que os guiarão. Para esse autor “é exatamente porque nos tornamos éticos que se criou para nós a probabilidade, como afirmo antes, de violar a ética” (FREIRE, 1997: p. 28). E, dando continuidade à discussão, revela que, tratando de ética, estamos intrinsecamente dialogando com política, porém na luta estabelecida nas ações diárias, em escolhas e posturas pessoais, no engajamento em ações não institucionais, questionamos a politicidade do cotidiano. Já, em *Política e Educação*, Freire analisa que em nossas práticas mais conscientes partilhamos uma luta ético-democrática na qual não existe neutralidade, mas configura-se em um espaço de politicidade, de reafirmação de sonhos políticos concretos (FREIRE, 2001: p. 21). Em diversos outros textos – *Pedagogia da Autonomia* (1997b), *Ação Cultural para Libertação* (1987), *Pedagogia da Esperança* (1993) –, que enfocam os processos educativos e a relação entre educador e educando, ele matiza o tema politicidade, sempre identificando que não existe processo neutro de troca entre sujeitos sociais, afinal somos constituídos como seres políticos em transformação. Ainda continua:

se a minha não é uma presença neutra na história, devo assumir tão criticamente quanto possível sua politicidade. Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes. Me parece fundamental sublinhar, no horizonte da compreensão que tenho do ser humano como *presença* no mundo, que mulheres e homens somos muito mais do que seres adaptáveis às condições objetivas em que nos achamos. Na medida mesma em que nos tornamos capazes de *reconhecer* a capacidade de nos adaptar à concretude para melhor operar, nos foi possível assumir-nos como seres transformadores. E é na condição de seres transformadores que percebemos que a nossa possibilidade de nos adaptar não esgota em nós o nosso estar no mundo. É porque podemos *transformar* o mundo, que estamos *Com* ele e *com* outros. Não teríamos ultrapassado o nível de pura adaptação ao mundo se não tivéssemos alcançado a Possibilidade de, pensando a própria adaptação, nos servir dela para *programar* a transformação (FREIRE, 1992: p. 14 – grifos do autor).

Todo ato de politicidade é de transformação. Em todo projeto – individual e social – há uma dimensão de politicidade, de sonho de transformação pessoal e coletiva que opera em meandros moleculares. Politicidade é assumir para si que nossos atos são dotados de potencialidade de mudança social e, de certa forma, é transferir as expectativas das

instituições para os seres humanos, do Estado ao indivíduo, do tradicional ao cotidiano. É, sem dúvida, tornar-se sujeito social.

Visualizamos que no interstício dos projetos individuais e coletivos dos jovens do movimento – como práticas moleculares e de politicidade – há a consolidação de uma cena *straight edge*, profundamente comunicacional, intensamente articulada a práticas de consumo. De forma ampla pensamos que a cena envolve um sistema simbólico, traduzido em interações sociais engendradas por gostos e princípios em comum entre seus participantes. “Scenes emerge from the excesses of sociability that surround the pursuit of interests, or which fuel ongoing innovation and experimentation within the cultural life of cities” (STRAW, 2005: p. 412).

Inicialmente podemos pensar a cena *straight edge* fundada pelo gosto à música (*hardcore*) e, sem dúvida, esse é o primeiro motivo que agrupa esses jovens, porém, com o tempo outras questões foram inseridas a esse universo. Na Verdurada – exemplo emblemático da formação da cena *straight edge* paulista –, na troca entre esses jovens, que envolve desde conversas até palestras opinativas, valores são negociados e projetos de vida são reafirmados. Toda cena é um jogo simbólico em que seus participantes habilmente formulam estratégias e performances – gírias, corpo, vestimenta, participação em determinados ritos – pessoais de inserção (STRAW, 2005: p. 416), sendo o sistema de produção, circulação e ressignificação (produtos e valores) o *locus* de operação. E, como propõe Straw (Idem, *ibidem*), espaço no qual a “classe social” pode ser reconfigurada como “afinidade de gosto”, organização centralizadora trocada por operações autogestionáveis, e, além disso, os processos podem se tornar pluralizados e inclusivos. Assim, compreendemos a cena *straight edge* como lugar de ação política, de realização de projetos coletivos de politicidade, que contempla projetos individuais e coletivos alinhados a uma proposta similar de transformação da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis, punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Página Aberta, 1994.

AGUILLERA, Oscar. *Movidas, mobilizaciones Y movimientos*. Tese de doutorado. Universidade Autônoma de Barcelona, 2008.

AMAYA, J. F. S.. *Menos querer más de la vida: concepciones de vida y muerte en jóvenes urbanos*. Bogotá: DIUC; Siglos Del Hombre Editores, 2004.

AMAYA, J.. Somos el extremo de las cosas: o pistas para comprender culturas juveniles hoy. In: LAVERDE, Maria Cristina. *Vivendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Departamento de Investigación da Universidade Central, 1998.

APPADURAI, A.. *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema, 2004.

ARAÚJO, M. C.. *Ambientalização e politização do consumo e da vida cotidiana: uma etnografia das práticas de compra de alimentos orgânicos em Nova Friburgo/RJ*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2010.

ARONSON, E.. *The Social Animal*. San Francisco: Freeman and CO., 1972.

AUGÉ, M.. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.

BACCEGA, M.A.. *Inter-relações comunicação e consumo na trama cultural: o papel do sujeito atio*. Anais do XIII Encontro Latinoamericano de Faculdade de Comunicação Social. Cuba, 2009.

BACCEGA, M.A.. *Consumo e identidade: leituras e marcas*. São Paulo: Atlas, 2008.

BAHIANA, A.. Importação e assimilação: rock, soul, disothèque. In: ADAUTO, N. *Anos 70: ainda sob a tempestade*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2005.

BARBOSA, L.. *Arroz com feijão e feijão com arroz*. O Brasil no prato dos brasileiros. Horizontes Antropológicos, v. 28, 2007.

BARBOSA, Livia. *Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

BIVAR, A.. *O que é punk*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BORELLI, S.; OLIVEIRA, R.. Vida na metrópole: comunicação visual e intervenções juvenis em São Paulo. In: CUNHA, P. PRYSTHON, A.. *Ecoss Urbanos*. A cidade e suas articulações midiáticas. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

BORELLI, S.; ROCHA, R.; OLIVEIRA, R.. *Jovens na cena metropolitana*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BOURDIEU, P.. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAIAFA, J.. *Movimento Punk na cidade*. A invasão dos bandos sub. São Paulo: Editora Zahar, 1985.

- CANCLINI, N. G.. *Imaginários Urbanos*. Buenos Aires: Editorial Universidade de Buenos Aires, 1997.
- CANCLINI, N. G.. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CARPENTER, T; ROUSE, R.. *Perilous Panacca: The Military in the Drug War*. POLICY ANALYSIS. Nº28. USA: Cato, 1990.
- CASTELLS, M.. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CASTELLS, M., *The Rise of Network Society*., Blackwell, 1996.
- CERBINO, M. *La nación imaginada de los Latin Kings*, mimetismo, colonialidad y transnacionalismo. Tese de doutorado. Universitat Rivira e Virgili. Tarragona: Set/2009.
- CERBINO, M. *Jóvenes em la calle: Cultura e Conflicto*. Barcelona: Anthropos editorial, 2006.
- CERBINO, M.; Rodriguez, A. *Movimentos e máquinas de guerras juvenis*. Revista Nômadas, nº23, Out/2005.
- CERTEAU, M.. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CERTEAU, M.. *A invenção do cotidiano*. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CUBIDES, H.; TOSCANO, M.; VALDERAMA, C. *Viviendo a toda*; jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Bogotá: Siglo del Hombre/Diuc, 1998.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2008.
- DELGADO, R.; OCAMPO, A.; ROBLEDO, A.. Ação coletiva juvenil. Um modelo de análise para sua abordagem. In. BORELLI, Silvia Helena. *Dossiê Juventudes: práticas político culturais e alinhamentos metodológicos*. Ponto-e-Vírgula, Edição 4, 2008.
- De MARCHI, P. M.. Signos de uma paisagem Des(cons)truída. In. KON, S.; DUARTE, F.. *A (des)construção do caos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B.. *O Mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- DUNKER, Christian. Zizec: um pensador e suas sombras. In: DUNKER, Christian; PRADO, Aindar. *Zizec crítico: Política e psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo:Hacker,2005.
- ESSINGER, S. *Punk: Anarquia Planetária e a Cena Brasileira*. São Paulo: Record, 2005.
- FAUSTO, B.. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.
- FEIXA, C.. *De Jóvenes, Bandas Y Tribus: Antropología de la juventud*. Barcelona: Ariel, 1999.
- FERNANDES, L.; KARNAL, L.; MORAIS, M.; PURDY, S.. *História dos Estados Unidos, das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FREIRE FILHO, J. Das subculturas às pós-subculturas juvenis: música, estilo e ativismo político. *Contemporânea*, n.3, 1Sem/2005. Consultado em

<<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/68/48>>. Data: 21/04/2010. Horário: 10:40.

FREIRE FILHO, J. *Reinvenções da resistência juvenil, os estudos culturais e as micropoéticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

FREIRE FILHO, J.; LINHARES, T.. Vidas regradadas: configurações da moralidade dentro da subcultura *straight edge*. In: BORELLI, Sílvia H. S. FREITAS, Ricardo Ferreira. *Comunicação, Narrativas e Culturas Urbanas*. São Paulo/Rio de Janeiro: Educa, 2009.

FREIRE, P. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997b.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1992.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Ação Cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. *Cartas à guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GARCÍA, José Rubén Castillo. *Institucion de La cidadania*. Imaginarios y representaciones de jóvenes estudantes universitários participantes em procesos de proyección: Um referente de política de juventud. Colômbia: Universidad Autónoma de Manizales: 2006.

GERVEREAU, L.. *Ver, compreender, analisar imagens*. Portugal: Edições 70, 2007.

GONÇALVES, P.. *Ser punk: a narrativa de uma identidade jovem centrada no estilo e sua trajetória*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Educação. São Paulo: USP, 2005.

GOODE, E.; BEN-YEHUDA, N.. The American Drug Panic of the 1980's. In.: *Moral Panic: the Construction of Deviance*. USA: Blackwell, 1994.

GUASQUES, Y. R.. A cidade como um médium em McLuhan e Flusser. In. *Flusser Studies*, 6, 2008. Disponível em: <<http://www.flusserstudies.net/pag/archive06.htm>>. Acesso em: Dez. 2010.

GUATELLI, I.. Pensar sobre rastros. Arquitetura além do objeto. In. GUERRA, A.; FIALHO, R. N.. *O arquiteto e a cidade contemporânea*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2009.

HAENFLER, R.. *Rethinking subcultural resistance: Core Values of Straight Edge Moviment*. *Journal of Contemporary Ethnography*, Vol 33, n°4. USA: Sage Publications, 2004.

HALL, S.. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença, A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes: 2000.

- HELLER, A.. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- JANOTTI JR, J.. *Aumenta que isso aí é Rock and Roll*, mídia, gênero musical e identidade. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.
- JOLY, M.. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- KELLNER, D.. *A cultura da mídia*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- KLEIN, N.. *No Logo*. El poder de las marcas. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2001.
- LEMOS, A.. Cibercidades. In. LEMOS, A., PALACIOS, M., *Janelas do Ciberespaço*. Comunicação e Cibercultura., Porto Alegre, Sulina, 2000.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura* (trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1998.
- MAGALHÃES, H.. *A nova onda dos Fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.
- MAGNANI, J. G.. Introdução – Circuitos de Jovens. In. MAGNANI, J. G.; SOUZA, B. M.. *Jovens na metrópole*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. La construccion social de La condicion de la juventud. In.LAVERDE, Maria Cristina. *Vivendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá:Departamento de Investigación da Universidade Central, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, J.. *A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens*. São Paulo: EDUC, 2008b.
- MARTÍN-BARBERO, J.. *As novas sensibilidades: entre urbanias e cidadanias*. Matrizes: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, v.1, n. 02, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, J.. *Ofício de cartógrafo*. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MORIN, E.. *Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo – 2. Necrose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- MORIN, E.. A noção de sujeito. In. Schnitman, D. F.. *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MORIN, E.. *Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo – 1. Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- O'HARA, G.. *A filosofia do Punk: mais do que barulho*. São Paulo: Radical Livros, 2003.
- PEREA, Carlos “Somos expresión, no subversión”. In: CUBIDES, H. J.; TOSCANO, M. C. L.; VALDERRAMA, C. E. H. (orgs.). *Vivendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.
- PEREIRA, S. Paisagens sonoras urbanas: uma contribuição ao estudo da escuta midiática. In: BORELLI, Silvia H.S.; FREITAS, Ricardo F.. (Org.). *Comunicação, narrativas e culturas urbanas*. 1 ed. São Paulo: EDUC, 2009b.

- PEREIRA, S.. "Escutas possíveis: música midiática, mundialização, world music em espaços interculturais". In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2009, Curitiba/PR. *Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2009.*
- PEREIRA, S.. Juventude e metrópole no Rio de Janeiro dos anos 1950/1960. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro/RJ. *Anais 2005 Intercom, 2005.*
- PEREIRA, S.. Paisagens sonoras urbanas: uma contribuição ao estudo da escuta midiática. In: XXX Congresso da INTERCOM, 2007, Santos/SP. *Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007.*
- PRADO, J.. *Convocação nas revistas e construção do a mais nos dispositivos midiáticos*. Matrizes: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, v.03, n. 02, 2010.
- REGAN, R. *Speech to the Nation on the Campaign Against Drug Abuse*. USA: Set., 1986. Link: <http://millercenter.org/scripps/archive/speeches/detail/5465> Acesso: 18/02/2010, às 2:15.
- REGUILLO, R.. *Emergencia de Culturas Juveniles, estratégias del desencanto*. Colombia: Editora Norma, 2000.
- ROCHA, R. M.. *É a partir de imagens que falamos de consumo: reflexões sobre fluxos visuais e comunicação midiática*. São Paulo: ESPM, 2009c.
- ROCHA, R. M.. Estetização da violência, autopercepção juvenil e representações dos jovens no Brasil. In: CASTRO, G. e TONDATO, M. P.. *Caleidoscópio Midiático: o consumo pelo prisma da comunicação*. São Paulo: ESPM, 2009b.
- ROCHA, R. M.. *Políticas de visibilidade, juventude e culturas do consumo: um caso (de imagem) nacional*. 8º Congressos Lusocom. Portugal, 2009.
- ROCHA, R. M.. Cidades Palimpsestas, cidades midiáticas: limiaridades e errâncias que produzem significação. In: CUNHA, P. PRYSTHON, A.. *Ecos Urbanos. A cidade e suas articulações midiáticas*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.
- ROCHA, R. M.. *A vertigem do olhar: manifestações grafitadas e transformações na comunicação, no espaço e no tempo urbanos*. Dissertação de mestrado. Universidade Metodista de São Caetano do Campo, 1992.
- ROCHA, R.; SILVA, J.C.. Cultura juvenil, violência e consumo: representações midiáticas e percepção de si em contextos extremos. In: BORELLI, S.H.S.; FILHO, J. F.. *Culturas Juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.
- RONSINI, V.. *Mercadores de Sentido: consumo de mídia e identidades juvenis*. São Paulo: Sulina, 2007.
- SAFATLE, V.. Corpos Flexíveis e práticas disciplinares. In: BACCEGA, M. A.. *Comunicação e Culturas do Consumo*. São Paulo: Atlas, 2008.
- SARLO, B.. Cenas da vida pós-moderna. Intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- SCHAFER, R. M.. *O ouvido pensante*. São Paulo: UNESP, 1991.

- SCHAFFER, R. M.. *A afinação do mundo*. São Paulo: UNESP, 2001.
- SILVEIRA, F.. *O parque dos objetos mortos*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.
- SINGER, P.. *Ética Prática*; trad. Jefferson L. Camargo. - São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SLATER, Don. *Cultura do Consumo & Modernidade*. São Paulo: Livraria Nobel, 2001.
- SOUZA, B. M.. *Straight Edges e suas Relações na Cidade*, IN: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (org.). *Jovens na Metrópole*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- SOUZA, B.. *Os straight edges e suas relações com a alteridade na cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: USP, 2005.
- STRAW, W. *Cultural Scenes*. Canadá: Université Du Quebec, 2005.
- STRAW, W. Systems of Articulation, Logics of Change: Scenes and Communities in Popular Music, *Cultural Studies*, Vol. 5, No. 3. October, 1991.
- STRAW, W.. Cultural Scenes. *Loisir et société / Society and Leisure*. *Presses de l'Université du Québec*, Volume 27, n° 2, automne 2004.
- STRAW, W.. Scenes and Sensibilities. In. *Public*, n°. 22/23, 2002.
- SUNKEL, G. *Una mirada otra. La cultura desde el consumo*. En libro: Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Venezuela. 2002. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cultura/sunkel.doc>
- TUFTE, T.. Juventude, comunicação e mudança social: negociação, navegação e narração da vida dos jovens em uma realidade glocal. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v.33, n.2, julho/dezembro, 2010.
- VELHO, G. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- WILLIAMS, J. P.. *The straightedge subculture on the internet: a case study of style-display online*. Media International Australia incorporating Culture and Policy. N° 107. Mai/2004.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979
- WISNIK, J. O minuto e o milênio ou Por favor, professor, uma década de cada vez. In: ADAUTO, N. *Anos 70: ainda sob a tempestade*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2005.
- ZIZEC, S.. Multiculturalismo, ou a lógica cultural do capitalismo multinacional. In: DUNKER, Christian; PRADO, Aindar. *Zizec crítico: Política e psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo:Hacker,2005.

SITES E BLOGS

- BAD BRAINS. Site da banda. Link: www.badbrains.com. Acesso: 21/04/2010, às 23:30hs.
- ESSINGER, S. *Punk Rock*. Link: <http://cliquemusic.uol.com.br/generos/ver/punk-rock>.

Acesso: 21/04/2010.

FELIPE HC. *Perguntas e Respostas sobre o Straight Edge.*

Link: <http://hcfelipe.vilabol.uol.com.br/Edge.htm> Acesso: 31/10/2009, às 8:13hs.

GRITO ALTERNATIVO. *Que diabos é straight edge?*. Link:

http://www.gritoalternativo.com/MAT%C9RIAS/materia_a_origem_da_filosofia_straight.htm.

Acesso: 25/06/2010, às 19:00hs.

KRISHNACORE. *The Krishna Hardcore Connection.* Link:

<http://www.krishnacore.com/contents.html>. Acesso: 25/06/2010, às 22:00hs

ONG MUSLIMS FOR JESUS. *Entrevista com Sean Muttaqi.* Link:

<http://www.muslimsforjesus.org/Musicians/Vegan%20Reich/Vegan%20Reich.htm>. Acesso:

3/11/2009, às 2:00hs.

ORKUT. *Comunidade Verdurada.* Link: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=186948>.

Acesso: 4/4/2010, à 16hs.

ORKUT. *Comunidade Straight Edge Brasil.* Link:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=814560>. Acesso: 4/4/2010, à 17hs.

ORKUT. *Comunidade Straight Edge Girls.* Link:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=959336>. Acesso: 4/4/2010, à 18hs.

PLANET GRENADA. *Sean muttaqi, vegan reich and the hardline movement.* Link:

<http://planetgrenada.blogspot.com/2006/01/sean-muttaqi-vegan-reich-and-hardline.html> Acesso:

3/11/2009, às 00:41hs.

RATOS DE PORÃO. *O movimento punk no Brasil.* Link:

<http://www.anarcohp.hpg.ig.com.br/rdppunk.html> Acesso: 21/04/2010, às 11:15.

SOCIEDADE INTERNACIONAL DA CONSCIÊNCIA HARE KRISHNA. *O que é hare Krishna.*

Tradução do site: <http://www.alunosonline.com.br/religiao/hare-krishna>. Acesso: 25/06/2010, às 21:00hs.

TERRITÓRIO DA MÚSICA. Link: www.territoriomusica.com. Acesso: 25/06/2010, às 19hs.

THACREW. Link: http://www.thacrew.hpg.ig.com.br/Geral/9/interna_hpg4.html. Acesso:

25/06/2010, às 19hs.

MÚSICAS E BANDAS

MINOR THREAT. *Straight Edge.* USA: Dischord, 1981. Link: <http://letras.terra.com.br/minor-threat/>.

(Tradução do próprio site). Acesso: 2/11/2009, às 14:00hs.

THE ABUSE. *Drug Free Youth.* USA: Dischord, 1983. Link: <http://letras.terra.com.br/minor-threat/>.

Acesso: 2/2/2011, às 14:00hs.

ENTREVISTA COM ESTRELA

Entrevista com Estrela, 20/04/2010, às 14h30, via MSN.

Entrevista com Estrela, 25/06/2010b, às 19h, via MSN.

ANEXO 1 – Modelo de Convite do Festival Verdurada

18º FESTIVAL HARDCORE DE SÃO PAULO

Dois Dias de Verdurada

Quando: Sábado, 29/01/2011 e Domingo, 30/01/2011

Horário: 16hs às 22hs

Quanto: R\$ 10,00

Onde: Rua Nestor Pestana, 189, Centro (A uma quadra da Praça Roosevelt – entre Rua Augusta e Rua da Consolação – 5 minutos a pé dos metrô República e Anhangabaú)

- Jantar **VEGETARIANO** grátis e venda de material independente.

- Por favor, sem cigarros e sem álcool.

Contatos com a imprensa:

Favor mandar um e-mail para André Mesquita: xdedex@hotmail.com

Internet:

www.verdurada.org

www.myspace.com/verdurada

verdurada@riseup.net

A VOLTA DO FESTIVAL

Depois de dois anos apenas com Verduradas simples de um dia, decidimos comemorar a chegada do ano novo trazendo de volta os tradicionais Festivais Hardcore de dois dias que costumavam acontecer em todo mês de janeiro.

Além de oferecer atrações em dobro, os festivais são uma oportunidade perfeita para viajantes a procura de momentos memoráveis ao lado de outros hardcoreanos dos quatro cantos do Brasil e do mundo. Por este motivo, entre outros, convidamos duas atrações interestaduais de peso para serem headliners desta edição.

Velhos parceiros da Verdurada, Violator e Confronto são exemplos de como crescer no underground do jeito certo, fiéis aos princípios de independência e crítica que representam o que o hardcore tem de melhor e de mais aplicável nas vidas de todos nós.

SOBRE O PREÇO DO INGRESSO

Infelizmente, circunstâncias além do nosso controle nos obrigaram a subir o preço do ingresso para R\$ 10,00. Desde a última vez em que isso aconteceu, a inflação subiu e com ela subiram consideravelmente os custos da Verdurada. Isso inclui passagens, gasolina, aluguel do local, som e outras despesas.

Assim, a única outra opção seria não trazer bandas de fora de São Paulo e comprometer a qualidade do evento de maneira geral. Entendemos que dois reais a mais é um preço barato a se pagar para que a Verdurada continue a

rolar tão bem como sempre. E em comparação com eventos semelhantes, continuamos cobrando menos e oferecendo mais.

Onde mais você pode, hoje em dia, por dez míseros tostões, passar o dia ao lado de pessoas interessantes vendo grandes bandas do hardcore brasileiro e internacional e no final, como se não bastasse, jantando de graça?

PROGRAMAÇÃO

SÁBADO - 29/01

Violator

Depois de bombardear a América Latina, Europa e Japão, os guerreiros candangos voltam à Verdurada trazendo na sacola o já clássico último álbum “Annihilation Process”. Sem dúvida, são os pontas de lança do cenário thrash metal brasileiro e uma das principais bandas do gênero surgidas no mundo nas últimas duas décadas. E como se não fosse bom o suficiente, totalmente comprometidos com idéias espertas e valores faça-você-mesmo. <http://www.myspace.com/viothrash>

Sweet Suburbia

A banda sete-sete favorita de todos nós também faz seu retorno triunfante aos palcos da Verdurada apresentando o novo baterista e o repertório que fará parte do aguardado segundo disco. Quem nunca viu se prepare para a cantoria coletiva dos refrões mais grudentos do cenário punk nacional. <http://www.myspace.com/sweetsuburbia>

Jah-Hell Kick

Diretamente da zona sul e contando com o mesmo frontman de lendas do hardcore sXe paulistano como Positive Minds, Self Conviction e Rethink o Jah-Hell Kick finalmente estreará na Verdurada seu hardcore clássico misturando o que havia de mais melódico no hardcore americano da década de oitenta e no street punk britânico, como se Dag Nasty e CockSParrer tivessem uma cria brasileira.. <http://www.myspace.com/jahhellkick>

Western Day

Mais uma banda fazendo sua estréia nos palcos do evento após impressionar o público em shows ao lado de gigantes como Napalm Death e D.E.R. A maior revelação do grindcore nacional nos últimos anos traz sangue novo ao gênero acrescentando técnica e inventividade à brutalidade característica. Para quem curte destruir os ouvidos exercitando o cérebro. <http://www.myspace.com/westernday>

Homem Elefante

Abrindo o festival teremos este quarteto que une as localidades improváveis de Osasco e Volta Redonda num programa caótico misturando a discordância das velhas bandas da SST à sujeira do Born Against e a energia do hardcore clássico vinda de quem toca e já tocou em bandas como Alarme e Deaf Kids. Aguardem uma apresentação intensa! <http://www.myspace.com/homemelefante83>

Palestra/Debate – CICAS

Para o primeiro dia do festival, convidamos os integrantes do Centro Independente de Cultura Alternativa e Social, o CICAS, um espaço comunitário localizado na Zona Norte de São Paulo, para falar de suas experiências. Abandonado há anos, um coletivo recuperou um galpão que antes servia de depósito de lixo, ponto de prostituição e uso de drogas e o transformou em um local onde os moradores da região têm acesso a oficinas, música, exposições, teatro, cinema e biblioteca. Há alguns meses, o espaço sofreu uma violenta ameaça de despejo pelo poder público, o que gerou uma mobilização de outros grupos, pessoas e comunidades que apóiam a resistência de iniciativas culturais faça-você-mesmo.

<http://projetocicas.blogspot.com>

DOMINGO – 30/01

Confronto

Difícilmente nesta altura do campeonato existe alguém no público da Verdurada que não conhece o Confronto, certamente uma das nossas “bandas da casa”. Ainda assim, é melhor chover no molhado do que não citar a banda que melhor une estética e sonoridade vindas do death metal à política e o carisma provenientes do hardcore e da realidade da periferia carioca. Preparem-se para mais uma noite de rodas épicas proporcionadas pelos imperadores do metal mosh straightedge nacional. Há exatos 10 anos, a banda tocou pela primeira vez na Verdurada, e vai comemorar com esse show!

<http://www.myspace.com/confronto>

La Revancha

Depois de estraçalhar todos os presentes e lotar a casa em seu show de reunião ocorrido há alguns meses, o La Revancha resolveu retomar as atividades para felicidade dos entusiastas do mais power violence/thrashcore de primeira qualidade executado por integrantes de favoritas do público como D.E.R., Still Strong, I Shot Cyrus e Nerds Attack.

<http://www.myspace.com/larevanha>

Futuro

A banda conhecida anteriormente como B.U.S.H. toca na Verdurada novamente após mais de três anos e pela primeira vez com o novo nome. Com dois álbuns, três Eps e uma turnê européia nas costas e integrantes de grupos como I Shot Cyrus, O Inimigo, Speed Kills e Ordinária Hit, aproveitam o evento para lançar seu terceiro disco “MMX” e brindar a platéia com sua mistura de hardcore americano do início dos anos 80, punk/pós-punk da década de 70 e fortes pitadas de garage/psicodelia. <http://www.myspace.com/bushklan>

Against All My Fears

Diretamente de Santiago, Chile a atração internacional desta edição é o Against All My Fears. Fortemente influenciados pelo hardcore sXe clássico da década de 90, a banda é um dos principais representantes da renovação que o estilo tem tido na América do Sul. Fãs de Outspoken, Snapcase, Abhinanda, Refused e afins, vejam o hardcore new school soando novo novamente. <http://www.myspace.com/againstallmyfuckingfears>

Final Round

Abrindo o segundo dia do festival teremos a banda que tem encabeçado a renovação do hardcore old school brasileiro, com seu som poderoso e positivo inspirado nos velhos tempos do youth crew e NYHC de bandas como Judge, Youth Of Today, Breakdown, Straight Ahead e afins. Parafraseando um release recente, “Hardcore ultra ortodoxo crucial, sujo e malvado sem metal nem melodia.” <http://www.myspace.com/finalxround>

Palestra/Debate – Pedalinas

Para o domingo, teremos uma conversa com as Pedalinas, um coletivo feminista de ciclistas que não vem apenas reivindicar o uso da bicicleta como meio de transporte sustentável em uma cidade excessivamente motorizada como São Paulo, mas também questionar as razões dos homens ainda dominarem os pedais. Para o grupo, “ser ‘Pedalina’ é mostrar que nem ser mulher e nem andar de bicicleta são sinônimos de fragilidade, mas é mostrar que há diferenças e precisamos saber lidar com elas, conhecendo, respeitando e integrando”. <http://pedalinas.wordpress.com>

SOBRE OS INGRESSOS

São Paulo (Capital):

Os ingressos estão à venda nos seguintes locais:

Loja Vegan Pride: Rua 24 de Maio, 62 - Loja 424 (Galeria do Rock).

The Records – Rua Barão de Itapetininga, 37, loja 43 - Rua Alta (Galeria Nova Barão).

Outras Cidades e Estados: Envie um e-mail para verdurada@riseup.net (não faça pedidos através do site da Verdurada, Orkut ou MySpace), informando nome completo, RG, cidade/estado. A retirada do ingresso será no dia do show. Os ingressos não retirados serão vendidos na portaria.

BANQUINHAS

Devido ao fato da Verdurada ter um público em número crescente, somente os selos, coletivos ou pessoas que recebem o e-mail convite diretamente do Coletivo Verdurada podem montar banquinhas no evento. Se você tem interesse em divulgar material faça-você-mesmo mande um e-mail: verdurada@riseup.net

Lembrando que as bandas que tocam no dia têm seu espaço para banquinha garantido.

O QUE MAIS?

- 1- Por favor, sem álcool, drogas ou cigarro dentro do local do evento.
- 2- Nada de alimentos que contenham produtos de origem animal.
- 3- Banquinhas de livros, cds, fanzines e material independente e divergente a preços populares, mesmo!
- 4- Venda de comida vegetariana, desde hambúrgueres, coxinhas, kibes, até bolos, tortas, bombons.
- 5- Os shows acabarão antes das onze e meia da noite, para que os espectadores possam se valer do sistema público de transporte.
- 6- Todo o dinheiro arrecadado com os ingressos será utilizado para pagar as despesas com o evento (transporte das bandas, locação do espaço, divulgação, locação da aparelhagem de som e luz).
- 7- Uma parte do dinheiro dos ingressos será utilizada em campanhas públicas de assuntos ligados aos interesses do Coletivo Verdurada, como vegetarianismo ético, práticas de democracia direta, questões políticas e sociais.

O QUE É A VERDURADA?

O Coletivo Verdurada é o responsável pela organização do evento realizado em São Paulo desde 1996. Ele consiste na apresentação de banda (especialmente de hardcore, mas o palco é aberto a outros gêneros) e palestras sobre assuntos políticos, além de oficinas, debates, exposição de vídeos e de arte de conteúdo político e divergente. No final é distribuído um jantar totalmente vegetariano.

Este é o mais antigo e talvez o mais importante evento do calendário faça-você-mesmo brasileiro. Isso quer dizer que a organização é totalmente feita pela própria comunidade hardcore-punk-straightedge de São Paulo, que se encarrega tanto do contato com as bandas e palestrantes, quanto da locação do espaço, contratação das equipes de som e divulgação. Tudo sem fins lucrativos ou patrocínios de empresas. A renda é destinada a cobrir os custos e colaborar com atividades e iniciativas realizadas, ou apoiadas pelo coletivo.

Os objetivos de quem organiza a Verdurada são basicamente dois: mostrar que se pode fazer com sucesso eventos sem o patrocínio de grandes empresas e sem divulgação paga na mídia e levar até o público a música feita pela juventude e as idéias e opiniões de pensadores e ativistas divergentes.

ANEXO 2 – Cartazes da Verdurada

verdurada
comida e música

ingresso:
1 kg de alimento
não perecível

07/09
sábado
16 horas

Local: Rua Campo Bom, 155
Próximo ao Metrô Jabaquara

Setembro/1996

VERDURADA
COMIDA E MÚSICA

SIGHT FOR SORE EYES
ANOTHER SIDE
NO SURRENDER
(BH)

26/10 - SÁBADO - 16H

entrada: R\$ 2,00 + 1 kg de alimento não perecível

leve grana e compre fanzines e cd's nacionais

Rua Campo Bom, 155 próximo ao metrô
Jabaquara

Outubro/1996

VERDURADA

NEWSPEAK

DAWAT

AGE OF QUARREL

22 ^{16h} **INGRESSO: 1kg DE ALIMENTO NÃO PERECÍVEL + R\$ 2,00**

DE, FEVEREIRO Local: R. Campo Bom, 155
S A B A D O Próximo ao metrô Jabaquara

Fevereiro/1997

VERDURADA "BENEFIT"

ACÇÃO NO
DIRETA VIOLENCE

SKAMOONDONGOS

SELF CONVICTION

12
DE ABRIL
SÁBADO - 16 h

INGRESSO: R\$ 5,00 + 1 kg de alimento não perecível

Toda a renda do show será destinada a abertura de um espaço de shows independente.
A venda no local CD's, Camisetas, Fanzines etc... Leve dinheiro e compre tudo !!!

Rua Campo Bom, 155
Próximo ao Metrô Jabaquara

Abril/1997

VERDURADA benefit



dominatrix
end of dred
inner struggle
sight for sore eyes

07 de junho -16h
ingresso: R\$ 5,00 + 1kg de alimento não perecível

Toda a renda do show será destinada a abertura de um espaço de shows independentes.
A venda no local: cd's, camisetas, fanzines etc... Leve uma grana e compre tudo mais barato que nas lojas!!

local: r. campo bom, 155 - próximo ao metrô Jabaquara

Junho/1997

VERDURADA ANO 02 !!



06 DE SETEMBRO - 16H
INGRESSO: R\$ 3,00 + 1KG DE ALIMENTO NÃO PERECÍVEL
A venda no local: cd's, camisetas, fanzines etc... Leve uma grana e compre tudo mais barato que nas lojas!!
local: r. campo bom, 155 - próximo ao metrô Jabaquara

Reborn
Reajuste
Small Talk
Landscape

Setembro/1997

VERDURADA

SELF CONVICTION
NO VIOLENCE
SIGHT FOR SORE EYES
CASH FOR CHAOS



17 de janeiro - sábado - 16 h
vídeos - comida - palestras

ingresso: R\$ 3,00 + 1kg de alimento não perecível

A venda no local: camisetas, cd's (lançamentos nacionais e importados), fanzines, livros. Tudo a preços que você só encontrará lá.

local: rua campo bom, 155 próximo ao metrô jabaquara

verdurada: o evento do verão!!

Janeiro/1998

HARDCORE 98

you gotta fight for your right to dance

02.05.98 sábado
point of no return - newspeak - cash for chaos
the saddest day - ingovernáveis
local: butecário - rua tambois, 611 - bojo horizonte

09.05.98 sábado
verdurada:
broken heroes - tpm
reborn - deal cards
local: rua campo bom, 155 - próximo ao metrô jabaquara - são paulo
R\$ 3 + 1kg de alimento não perecível - 16h

16.05.98 sábado
self conviction
newspeak
sight for sore eyes
local: columbia - rua estados unidos, 1570 - são paulo
- R\$ 5,00 - 17h

23.05.98 sábado
no violence
sight for sore eyes
self conviction
local: planeta rock - av. brigadeiro faria lima, 1798
- próximo ao terminal torrazópolis - são bernardo do campo - R\$ 5,00 - 17h

30.05.98 sábado
point of no return - street bulldogs
rethink - against one's will
local: virus rock bar - rua ramos de azevedo, 66 - próximo ao poli shopping guarulhos - R\$ 2,00 - 22h



VERDURADA

SEB DANCARINO NÃO É CRIME!!!

Mai/1998

VERDURADA

09/05
SÁBADO

Reborn
Deal Cards
Tpm
Broken Heroes

local: rua campo bom, 155 - próximo ao metrô jabaquara - são paulo
R\$ 3+1kg de alimento não perecível - 16h



Maio/1998

HARDCORE 98

PROGRAMAÇÃO DE SHOWS DE JUNHO

13/06 SÁBADO
VERDURADA
POINT OF NO RETURN - NEWSPEAK
ANOTHER SIDE
local: rua campo bom, 155 - próximo ao metrô jabaquara - são paulo
R\$ 3+1kg de alimento não perecível - 16h

20/06 SÁBADO
REBORN - SMALL TALK - PAURA
local: alternative video bar - rua padre joão, 401
próximo ao shopping penha - 22h - R\$ 5,00

28/06 DOMINGO
SHOW EM BENEFÍCIO AOS FLAGELADOS DO NORDESTE
SELF CONVICTION - GOG - END OF DREAD SUBTONES
local: onu - rua lisboa, 509 - Jardim américa - 16h às 23h
R\$ 5,00 + 1kg de alimento não perecível OU um agasalho



Junho/1998

VERDURADA

point of no return
newspeak
another side
+ 1 banda surpresa

13/06
sábado - 17h
local: rua campo bom, 155
próximo ao metrô jabaquara
são paulo - sp
R\$ 3,00 + 1kg de alimento não perecível



Junho/1998

VERDURADA!

08
agosto
sábado

SELF CONVICTION
STREET BULLDOGS
AGAINST ONE'S WILL
INNER STRUGGLE

SHOW DE LANÇAMENTO!
Lançamento do novo cd de self conviction "a war to show that peace means justice for everyone". Compre os seus exemplares no local (R\$ 10,00 cada).

SHOW BENEFICENTE!
A Entrada custa R\$ 4,00 + 1kg de alimento não perecível este R\$ 1,00 a mais é destinado ao comb. de agulha às comunidades zepelônicas. Dêze de comprar o a última cd da banda lca e quite a parte do show.

Local: Rua Campo Bom, 155 - próximo ao metrô jabaquara



Agosto/1998

VERDURADA

DIRETAMENTE DE PORTUGAL!

X-acto

e também:

NO VIOLENCE

SIGHT FOR SORE EYES

RETHINK

R\$ 5,00 + 1kg de alimento não perecível

29.00.90

SÁBADO - 18H

Lançamento do CD DO SIGHT FOR SORE EYES

RUA CAMPO BOM, 155 - PRÓXIMO AO METRÔ JABAQUARA
o aumento no preço é para cobrir os custos de passagem e estadia da banda

Agosto/1998

VERDURADA!

reajuste
family
constrito
3 dux

30.01.99 SÁBADO 17 HORAS
QUATRO REAIS E UM kg DE ALIMENTO NÃO PERECÍVEL

RUA CAMPO BOM, 155
(PRÓXIMO AO METRÔ JABAQUARA)

Aproveite e vá também ao show na casa de cultura do butantã (SP) no dia 16/01 sab. com as bandas: Rethink, No Violence, Minoría Activa (da Argentina) e muitas outras. É de graça!

é quase tudo Times!

Janeiro/1999

verdurada

13 de março
sábado

self completion em seu ultimo show, novembro de 88

point of no return
x backfromthelandofthedeed x

mukeka di rato
vindo do espirito santo

eXtremo

mva

começa: 17h
 termina: 23h
 custa: R\$ 4 + 1kg de alimentos não perecível

r. campo bom, 155
 próximo ao metrô jabaquara

Março/1999

VERDURADA

17.04.99 - SÁBADO - 17 h

NO VIOLENCE completando 10 anos!

STREET BULLDOGS

DEAD FISH do espirito santo

DESECRATION

R\$ 4 + 1kg de alimento não perecível
(arroz ou óleo serão mais úteis do que sal ou açúcar)

POR FAVOR, SEM CIGARROS E SEM ÁLCOOL

Rua Campo Bom, 155 próximo ao metrô Jabaquara
 São Paulo - SP

Abril/1999

VERDURADA
VERDURADA
VERDURADA



GRITOS DE ÓDIO
do espírito santo

RESISTIR À SITUAÇÃO

DISCARGA

INNER STRUGGLE

12 de junho - sábado

17h - R\$ 4,00 + 1kg de alimento não perecível
(arroz ou óleo serão mais úteis do que sal ou açúcar)

Apresentação do vídeo "Diet for a new America" as 17:30

POR FAVOR, SEM CIGARROS E SEM ÁLCOOL

Rua Campo Bom, 155 próximo ao metrô
Jabaquara - São Paulo - SP

Junho/1999

1º Festival Hardcore de São Paulo
Dois dias de Verdurada!! **NOVO LOCAL!**

sábado 24/07 - 17h as 23h domingo 25/07 - 16h as 22h

ação direta **point of no return**
dominatrix **end of dread**
we say no (bh) **newspeak**
family curitiba **constrito**
make your choice **rising**

entrada: R\$ 4 e 1kg de alimento não perecível (cada dia)
NOVO LOCAL! Rua Florêncio de Abreu, 814/818 - Luz - Centro de SP
ao lado da estação Luz do Metrô - por favor sem cigarros e sem álcool

Julho/1999

por apenas 4 e 1 kg de
alimento não perecível:

verdurada

INFECT
HEFFER (BH)
STAND OF LIVING
+ 1 banda a ser anunciada

14.08.99
sábado
17h - 22h

de volta ao antigo endereço:
Rua Campo Bom, 155
Metrô JABAQUARA

apoio:
Black Ball Tattoo
61936791 Teté



Agosto/1999

VERDURADA

20 DE NOVEMBRO 99
SÁBADO 17:00 HS

FINAL EXPRESSION
CAOS EPIDEMICO
RETHINK
INSPIRE

ENTRADA: R\$ 4,00+
1KG DE ALIMENTO NÃO PERECÍVEL (NÃO VALE AÇÚCAR OU SAL)

RUA CAMPO BOM, 155
PRÓXIMO AO METRÔ JABAQUARA



Novembro/1999

30 Festival Hardcore de São Paulo Dois dias de



Palestras, debates etc...
Por Favor, sem cigarros e sem álcool

R\$ 4 + 1kg de alimento não perecível (por cada dia)

22 de julho sábado **16h**
Curitiba **Russian School Of Ballet**
Espírito Santo **Mukeka Di Rato - One Day Kills**
Forgotten Boys - Point Of No Return lançando o cd "centelha"

23 de julho domingo **16h**
No Violence - Constricto
Paura - Insanus - +1 banda a confirmar

Em novo local: Centro Alternativo de Artes e Cidadania
Rua Padre Adelino, 296 (ao lado do metrô Belém)
Passando a catraca, desça pela rampa do lado direito. Viajantes poderão dormir no local

Julho/2000

verdurada hardcore

constrito por favor, sem cigarros e sem álcool

discarga do rio

reajuste

judabota



17 dezessete horas **30** de set. sábado

04 reais + 1kg de alimento não perecível

rua campo bom, 155 próximo do metrô Jabaquara

Setembro/2000

4º festival hardcore de São Paulo reunindo bandas de 5 países!

rethink discarga

i shot cyrus colligere de Curitiba

abuso sonoro confronto do Rio

hablan por la espalda entrefuego do Chile do Uruguai

vieja escuela good clean fun da Argentina dos EUA

20 e 21 de janeiro sábado e domingo

R\$ 4 + 1kg de alimento não perecível (cada dia)

Por favor, sem cigarros e sem álcool.

Centro Alternativo de Artes e Cidadania
Rua Padre Adelino, 294
Ao lado do Metrô Belém

No dia 20: 15h - Palestra com Kate e Shelly, integrantes do Food Not Bombs de Milwaukee. Durante os shows - Palestra com Joel Silvério Trevisan, sobre homossexualidade.
No dia 21: 14h - Almoço vegetariano por R\$2,00. 15h - Debate sobre Política no Hardcore, com Elisa (dominatrix/artemista), Marcelo (constrito) e Rodrigo (parental advisory) e todos os presentes. Durante os shows - Palestra com Cláudio Brando, sobre a intervenção americana na Colômbia.
E mais: exposições de fotos sobre o S26, Direitos dos Animais e cartazes de John Yates. Refeição vegetariana grátis nos dois dias. Viajantes poderão dormir no local.

Janeiro/2001

VERDURADA! 22 de julho domingo

R\$ 5 + 1kg de alimento não perecível

NO VIOLENCE

CONSTRITO por favor, sem cigarros e sem álcool

GOOD INTENTIONS

MDC dos EUA

DAR A CADA UNO da Colômbia

15h em julho

EM NOVO LOCAL!
Rua Anita Costa, 155
Ao lado do Metrô Jabaquara

Julho/2001

LEFT TO BROADWAY

VERDURADA
...ENQUANTO ISSO
O CAPITALISMO
VAI AFUNDANDO

com:
VIEJA ESCUELA
COLLIGERE
PARENTAL ADVISORY
DISCARGA
CONDOLÊNCIA

30
setembro
DOMINGO
das 15h
as 22h

R\$ 4 + 1kg de alimento
não perecível

Rua Anita Costa, 155
Ao lado do Metrô Jabaquara

• Exposição de fotos
sobre o A20 em SP

• Palestra sobre a invasão "Anita Caribaldi"
do MTST com integrantes da ocupação

FOR FAVOR SEM CIGARROS E SEM ALCOOL

Setembro/2001

VERDURADA
enquanto isso
a hipocrisia
vai aumentando

25
de novembro
domingo
das 15h as 23h

AYE
DIASPORA
DISSIDENT
I SHOT CYRUS

+ palestra sobre guerra no Afeganistão

R\$ 4 + 1kg de alimento não perecível

(O real será usado para ajudar a comprar material escolar
para as crianças da invasão "Anita Caribaldi" do MTST)

Rua Anita Costa, 155
Ao lado do Metrô Jabaquara

Novembro/2001

O que nosso amigo da bigode estava?
fazendo quem jogou de hardcore?

R\$ 5
+ 1kg de
alimento não
perecível
(sem óleo)

6º FESTIVAL HARDCORE DE SÃO PAULO
19 E 20 DE JANEIRO DE 2002

19 - SÁBADO
JUDABOTA
ONE DAY KILLS
CONFRONTO
CONTRATAQUE
HEAVEN SHALL BURN

20 - DOMINGO
CHILDREN OF GAIA
INFECT
ROT
SUDARSHANA
POINT OF NO RETURN

Rua Anita Costa, 155
Ao lado do Metrô
Jabaquara

Apoio:

19 e partir das 14h

20 e partir das 14h

Janeiro/2002

6% da população da terra
possui 59%
da renda e riqueza que a humanidade já produziu

capitalismo=barbarie

verdurada com
do chile: **entrefuego**
settimana rossa
armas em punho
abuso sonoro
no violence

23
de fevereiro
sábado 15h
4 reais

+ 1kg de alimento não perecível
para levar, sem cigarros e sem álcool

palestra com o grupo latifundista misic
sobre desaparecidos políticos na época da ditadura

Rua Anita Costa, 155
ao lado do metrô jabaquara

Fevereiro/2002



Maio/2002



Julho/2002



Setembro/2002



Novembro/2002



por favor, sem cigarros e sem álcool

3º Festival Hardcore de São Paulo
Dois dias de verdurada, shows, palestras e exposições

ENTRADA: R\$6 A PARTIR DAS 15H

SÁBADO, DIA 18 DE JANEIRO:

- *MUKEKA DI RATO (ES)
- *SOLSTÍCIO (RJ)
- *EVIL IDOLS (PR)
- *CONDOLÊNCIA
- *ADCIONAL (BA)

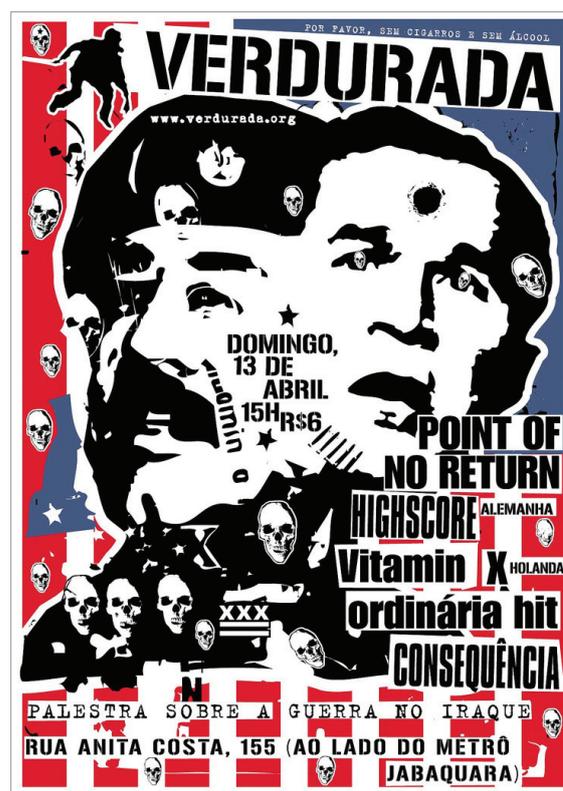
DOMINGO, DIA 19 DE JANEIRO:

- *COLLIGERE (PR)
- *NO VIOLENCE
- *I SHOT CYRUS
- *OVERWHELM (PR)
- *ASUNTO (CHILE)

RUA ANITA COSTA, 155 (AO LADO DO METRÔ JABAQUARA)

E mais: palestra e exposição de fotos sobre a situação argentina

Janeiro/2003



FOR FAVOR, SEM CIGARROS E SEM ALCOOL

VERDURADA
www.verdurada.org

DOMINGO, 13 DE ABRIL. 15H R\$6

POINT OF NO RETURN
ALEMANHA

HIGHSCORE
HOLANDA

Vitamin X
HOLANDA

ordinária hit
CONSEQUÊNCIA

PALESTRA SOBRE A GUERRA NO IRAQUE
RUA ANITA COSTA, 155 (AO LADO DO METRÔ JABAQUARA)

Abril/2003



9º festival hardcore de São Paulo

Sábado 19 de julho

- Maroon (Alemanha)
- Presto? (Embora esteja New York on the Black Flag)
- Children of Gaia (Americana)
- Larusso (Santos)
- War Inside

Domingo 20 de julho

- Caraher (Belo Horizonte)
- Van Damien
- Morte Asceta (Curitiba)
- DER (Palmeira sobre Agricultura e Política com Maria Carolina, especialista agrônoma espanhola)
- Hardlife (Argentina)

R\$ 6 Das 15h às 21h
Rua Anita Costa, 155 - Ao lado do Metrô Jabaquara
Por favor, sem cigarros e sem álcool
Jantar VEGETARIANO grátis no fim do evento, cortesia de Alimentos para Vida
www.verdurada.org

Vá de bicicleta e ganhe desconto de R\$ 1!

Julho/2003



Os straightedges te convidam pra mais uma...

VERDURADA

SEIN' RED
Lendas vivas do hardcore, Holanda - ex integrantes do Lärm

CONSTRITO
MASSACRE EM ALPHAVILLE

FLAMA
CONTRACULTURA

Paleta com integrante da banda DIR YASSIN (Israel) e militante pró-palestina

16 de Novembro 2003 Das 15h às 21h
Rua Anita Costa, 155
Ao lado do Metrô Jabaquara

Jantar VEGETARIANO grátis no fim do evento, cortesia de Alimentos para Vida **R\$ 6**

Vá de bicicleta e ganhe desconto de R\$ 1!
Por favor, sem cigarros e sem álcool
www.verdurada.org

Novembro/2003

por favor, sem cigarros e sem álcool

domingo, 15 de dezembro R\$5+
1kg de alimento

Abertura às 15h. Primeiro show às 16h.

www.verdurada.org
contato@verdurada.org

VERDURADA

INTIFADA OS EXCLUÍDOS ESTIGMA (RJ)

DEBATE SOBRE COPYLEFT

Após os shows, jantar vegetariano grátis

GOOD INTENTIONS DÍGITO 4

RUA ANITA COSTA, 155 AO LADO DO METRÔ JABAQUARA

Dezembro/2003

SÁBADO, 10 DE JANEIRO DIOS DIAS DE VERDURADA, SHOWS, PALESTRAS E EXPOSIÇÕES

DOMINGO, 11 DE JANEIRO

COLLIGERE (CURITIBA)
ABUSO SONORO (SHOW DE 10 ANOS DA BANDA)
GOOD INTENTIONS
LEROY BANDANOS

QUESTIONS (LONDRA)
SUBTERA (LONDRA)
HATS
SOCIAL CAOS
AUSTERO

10º FESTIVAL HARDCORE DE SÃO PAULO

PALESTRA: "MENOS OU MAIS DEFICIÊNCIA AUDITIVA OU IDENTIDADE GÊNERO?" COM TÁNCER ABRAVÃO: FOTÓGRAFO DO POINT E MESTRANDO EM LINGÜÍSTICA

PALESTRA: "NUTRIÇÃO VEGAN" COM SÉRGIO DRIF: BIÓLOGO, PESQUISADOR E ATIVISTA ANTI-VIVISEÇÃO. AUTOR DO LIVRO "ALTERNATIVAS AO USO DE ANIMAIS VIVOS NA EDUCAÇÃO"

RUA ANITA COSTA, 155 (AO LADO DO METRÔ JABAQUARA)

15H * 6 REAIS

JANTAR VEGETARIANO GRÁTIS APOS OS SHOWS

por favor, sem cigarros e sem álcool

Janeiro/2004

12º FESTIVAL HARDCORE DE SÃO PAULO

2 dias de verdurada, de volta ao Jabaquara

Domingo, 23/01 a partir das 16 hs

Segunda, 24/01 (véspera de Feriado) a partir das 19 hs

Reaccion Propria (Colômbia)
Good Intentions
Deserdados
Terror Revolucionário (Brasil)
Sudarshana (Argentina)

New Winds (Portugal)
Res Gestae (Colômbia)
Flama
I Shot Cyrus
Flicts

Paiestra do Grupo Anti - Rodeio de Campinas

R\$ 6,00

Venda de material independente no local

Por favor sem cigarros e sem álcool

jantar VEGETARIANO grátis após os shows.

MURDER KING

RUA ANITA COSTA, 155 (AO LADO DO METRÔ JABAQUARA). **www.verdurada.org**

Janeiro/2005

CÓLERA

CONFRONTO (RJ)

BY WAR

RUÍNA

AJUDANTI DI PAPAÍ NOEL (ES)

1º DE MAIO, DOMINGO, A PARTIR DAS 16.00HS

R\$ 6,00

PALESTRA SOBRE O DIA DO TRABALHO COM O COLETIVO TERRA LIVRE

EXIBIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO 1 ANO E 1 DIA

VERDURADA

JANTAR VEGETARIANO GRÁTIS NO FINAL DO EVENTO

VENDA DE MATERIAL INDEPENDENTE NO LOCAL

POR FAVOR, SEM CIGARROS E SEM ALCOOL

RUA ANITA COSTA, 155 - AO LADO DO METRÔ JABAQUARA **WWW.VERDURADA.ORG**

Maio/2005

13º FESTIVAL

HARDCORE DE SÃO PAULO

9 DE JULHO, SÁBADO. 10 DE JULHO, DOMINGO.

DISCARGA (PR) **MORTE ASCETA**
VIOLATOR (DF) **LOBOTOMIA**
D.E.R. **ARE YOU GOD?**
DEEPER THAN THAT **THEE BUTCHER'S ORCHESTRA**
BESTA-FERA **B.U.S.H.**

PALESTRA: A LUTA PELO PASSE LIVRE. EXIBIÇÃO DE TRECHOS DO DOCUMENTÁRIO A CARNE É FRACA.



JANTAR VEGETARIANO GRÁTIS NO FINAL DO EVENTO. VENDA DE MATERIAL INDEPENDENTE NO LOCAL.

POR FAVOR SEM CIGARROS E SEM ALCÓOL. A PARTIR DAS 16:00 HS. **R\$ 6,00**

RUA ANITA COSTA, 155 AO LADO DO METRÔ JABAQUARA. WWW.VERDURADA.ORG

Julho/2005

VERDURADA

13/11 Domingo 17:00

Periferia S/A
formação antiga da R.O.F.

ROT
Polara
Julgamento
Busscops

Vídeo "Sociedade do Automóvel" Bicletada - SP

R\$ 6 Jantar VEGetariANO grátis no final

Rua Anita Costa, 155 Próximo ao metrô Jabaquara
 Por favor, sem cigarros e sem álcool. www.verdurada.org

Novembro/2005

14º festival Hardcore de São Paulo

Sábado .28/01 a partir das 16:00hr Domingo.29/01

Hurtmold **Day Of The Dead**
Trust (Argentina) **Questions (Portugal)**
Tri-lambda **Andralls**
Bandanos **Mordeorabo (BH)**
Em Chamas **Live for This**

Vídeo: Garotos do Subúrbio. Debate: Os Professores e o Punk. Jantar VEGetariANO Grátis no final.

Venda de material independente. **R\$6.00**

por favor, sem cigarros e sem álcool

Rua Anita Costa, 155 ao lado do metrô Jabaquara www.verdurada.org

Janeiro/2006

VERDURADA

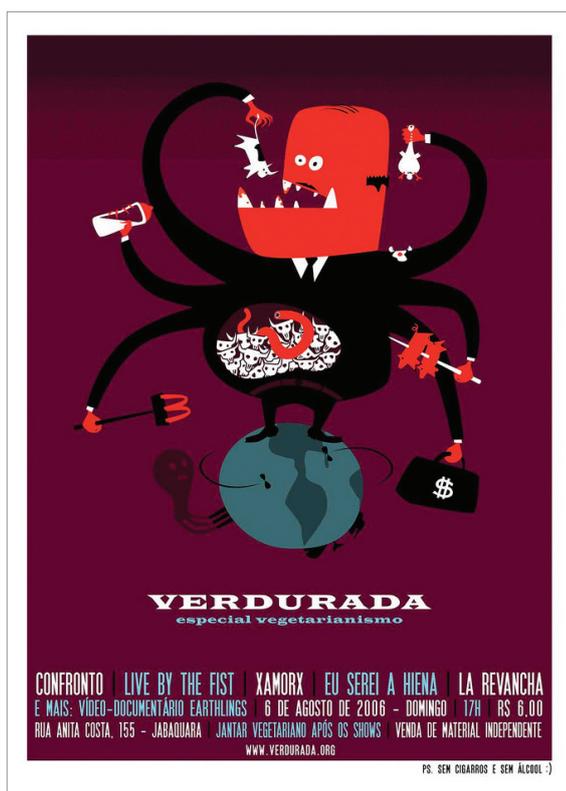
24 JUNHO 2006 A PARTIR DAS 17:00

ORDINARIA HIT
BLASTHRASH
EXIBIÇÃO DO FILME "PUNKS" - 1983
AÇÃO DIRETA
CADÁVER AMADOR (CURITIBA)
M.I.N.E.

R\$ 6

JANTAR VEGETARIANO GRÁTIS APÓS O SHOW
 VENDA DE MATERIAL INDEPENDENTE
 POR FAVOR SEM CIGARROS E SEM ALCÓOL
 RUA ANITA COSTA, 155 - AO LADO DO METRÔ JABAQUARA WWW.VERDURADA.ORG

Junho/2006



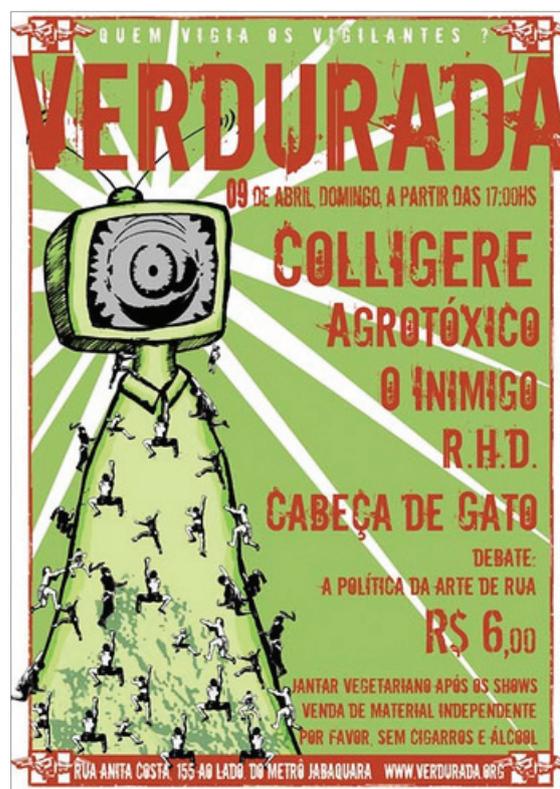
Agosto/2006



Novembro/2006



Janeiro/2007



Abril/2007

VERDURADA
 POR FAVOR, SEM ALCOOL E SEM CIGARROS NO LOCAL www.verdurada.org

BOOM BOOM KID ARGENTINA
SUBTERA
 PALESTRA: Violência contra Homossexuais
POSSUIDO PELO CÃO BRASILELA
B.U.S.H. LANÇAMENTO DO DISCO: "NEW AMERICAN CENTURY"
MEDICATIONS EUA - D.C.

06 MAIO 2007
 JANTAR VEGETARIANO APÓS O EVENTO
 Ingressos a venda na Vegan Pride e Vegacy

LEVE BRINQUEDOS E LIVROS PARA SEREM DOADOS A BIBLIOTECA DA OCUPAÇÃO DA PRESTES MÁIA
 EXPOSIÇÃO: "FRONDO E XEROCADO" POR DAIGO OLIVA E MATERS MONINO

7,00 REAIS
16 Horas

Rua Anita Costa. 155. Ao lado do metrô Jabaquara

Maio/2007

DOMINGO, 15 DE JULHO DE 2007 17:00hs
VERDURADA
[WWW.VERDURADA.ORG](http://www.verdurada.org)

RATOS DE PORÃO R\$ 7,00
BANDANOS
BESTA - FERA
DERCI GONÇALVES (PA)
NO CHOICE

DEBATE SOBRE ANIMAIS DE RUA
 JANTAR VEGETARIANO APÓS OS SHOWS
 VENDA DE MATERIAL INDEPENDENTE

INGRESSOS ANTECIPADOS:
 VEGAN PRIDE: GALERIA DO ROCK - LOJA 424
 VEGACY: RUA AUGUSTA, 2077 - LOJA 03

POR FAVOR SEM CIGARROS E ALCOOL

RUA ANITA COSTA, 155
 AO LADO DO METRÔ JABAQUARA

Julho/2007

DOMINGO 21 DE OUTUBRO DE 2007
VERDURADA
www.verdurada.org

LIVE BY THE FIST
GOOD INTENTIONS
SUB CUT
NERDS ATTACK!
SWEET SUBURBIA

JANTAR VEGETARIANO APÓS OS SHOWS
 PALESTRA: FAÇA VOCÊ MESMO EM SP! ÉTICA E PRÁTICA
 Ingressos antecipados R\$ 7
 VEGAN PRIDE GALERIA DO ROCK!

21/10 - 16:00h
R\$ 7

RUA ANITA COSTA 155
 AO LADO DO METRÔ JABAQUARA

Outubro/2007

DOMINGO 20 DE JANEIRO DE 2008
VERDURADA
www.verdurada.org

16º FESTIVAL
HARDCORE
DE SÃO PAULO

19 DE JANEIRO SABADO
 20 DE JANEIRO DOMINGO

OS INIMIGOS
 SAFARI HAMBURGERS
 DEFECT DEFECT
 G.V.O.D.
 M.A.C.E.

VIEJA ESCUELA
 DOMINATRIX
 SIMBIOSE
 VELHO DE CÂNCER
 POSITIVE YOUTH

PALESTRA: ALIMENTAÇÃO SEM CARNE: ASPECTOS MÉDICOS E NUTICIONAIS COM O MÉDICO ERIC SILVEIRA
 PALESTRA: TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO COM O RUY FERNANDES

R\$ 7,00 - A PARTIR DAS 17 HORAS

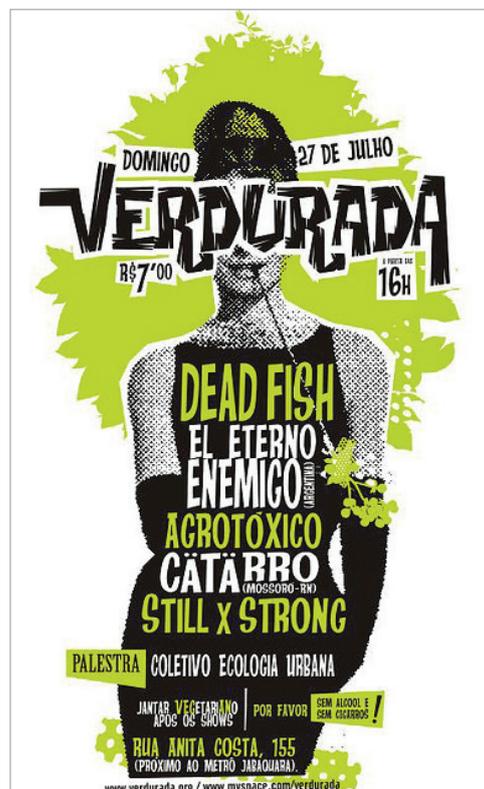
RUA ANITA COSTA, 155 - PRÓXIMO AO METRÔ JABAQUARA
 [INGRESSOS À VENDA NA VEGANPRIDE - GALERIA DO ROCK - LOJA 424]

DISTRIBUIÇÃO DE JANTAR VEGETARIANO APÓS OS SHOWS

Janeiro/2008



Maio/2008



Julho/2008



Outubro/2008



Janeiro/2009



Maio/2009



Outubro/2009



Janeiro/2010



Maio/2010

VERDURADA
www.verdurada.org

**DOMINGO
22/08/2010
16H - R\$8**

Ingressos antecipados na Vegan Pride: Rua 24 de Maio, 62 Loja 464 (Galeria do Rock)

**O INIMIGO
LIVE BY THE FIST
LEPTOSPIROSE
OCÚMPLICE
SPEEDKILLS
+DEBATE/PALESTRA**

por favor sem cigarros e sem álcool

jantar vegan grátis após os shows

**EM NOVO LOCAL
RUA NESTOR
PESTANA, 189
CENTRO**
(A uma quadra da Praça Roosevelt, entre Augusta e Consolação. Próximo aos metrô República e Anhangabau)



Agosto/2010

18º FESTIVAL HARDCORE DE SÃO PAULO

29.jan ← dois dias de VERDURADA → 30.jan

VIOLATOR (40)
SWEET SUBURBIA
JAH-HELL KICK
WESTERN DAY
HOMEM-ELEFANTE
+palestra
CIGAS

CONFRONTO (21)
FUTURO (com B.U.S.H.)
LA REVANCHA
AGAINST ALL MY FEARS (chile)
FINAL ROUND
+palestra
Pedalinas

por favor, sem cigarros e sem álcool

jantar vegan grátis no final

Rua Nestor Pestana, 189 Centro - R\$10 - a partir das 16h

Ingressos antecipados → Vegan Pride - R. 24 de Maio, 62 - Loja 464 (Galeria do Rock) The Records - R. B. do Império, 21, loja 41 - rua das Flores 11, Bunk

www.verdurada.org



Janeiro/2011

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)